UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Murilo Aranha Guimarães Marcello

JIU-JITSU NA MÍDIA: ANÁLISE DO POTENCIAL IDEOLÓGICO DOS DISCURSOS VEICULADOS NA REVISTA *VEJA*

SOROCABA/SP
2017

Murilo Aranha Guimarães Marcello

JIU-JITSU NA MÍDIA: ANÁLISE DO POTENCIAL IDEOLÓGICO DOS DISCURSOS VEICULADOS NA REVISTA *VEJA*

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba como exigência parcial para a obtenção do Título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes

SOROCABA/SP
2017

Ficha Catalográfica

Marcello, Murilo Aranha Guimarães

M263j Jiu-jitsu na mídia : análise do potencial ideológico dos discursos veiculados na revista Veja / Murilo Aranha Guimarães Marcello. -- 2017.

169 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2017.

1. Comunicação de massa e esportes. 2. Jiu-jitsu. 3. Luta (Esporte) – Aspectos sociais. 4. Ideologia. 5. Jornalismo esportivo. I. Lopes, Felipe Tavares Paes, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Murilo Aranha Guimarães Marcello

JIU-JITSU NA MÍDIA: ANÁLISE DO POTENCIAL IDEOLÓGICO DOS DISCURSOS VEICULADOS NA REVISTA *VEJA*

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Wilton Garcia Sobrinho
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Vagner Reolon Marcelino
Universidade de Sorocaba

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer com palavras a todos que me ajudaram nesta jornada de estudo e principalmente na vida. Não posso deixar de lembrar-me daqueles que estão presentes na minha vida.

Agradeço, primeiramente, aos meus familiares, em especial meus pais, que sempre me apoiaram e nunca desistiram da minha criação, trazendo sempre como referência os bons costumes.

Agradeço ao meu irmão, aquele que posso dizer que sempre foi meu amigo e companheiro.

Agradeço à pessoa mais especial, minha noiva, por seu carinho e porque sempre esteve ao meu lado, nos momentos bons e ruins, para me apoiar nas decisões da vida.

Agradeço aos meus sogros, por sempre transmitirem conselhos e incentivos.

Agradeço aos meus animais de estimação, por animarem o meu cotidiano com situações inimagináveis.

Agradeço aos colegas de curso pelo apoio, pois o esforço pelo conhecimento foi sempre compartilhado.

Agradeço a todos os professores do curso, que transmitiram o saber com excelência e maestria, dando condições para essa longa caminhada.

E, por último, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes, pessoa com conhecimento grandioso, porém com uma modéstia maior ainda, fundamental para transmitir essa sabedoria para o próximo.

Nunca te orgulhes de haver vencido a um adversário; o que venceste hoje poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância.

Jigoro Kano

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo verificar o potencial ideológico dos discursos sobre o Jiu-Jitsu veiculados pela revista *Veja*, buscando averiguar se eles estabelecem e sustentam relações de dominação. Para tanto, adotou-se a concepção ideológica de John B. Thompson e sua proposta metodológica: a hermenêutica de profundidade. Seguindo a estrutural tradicional dessa metodologia, a pesquisa foi estruturada em três partes: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/ reinterpretação. Na primeira, buscou-se (re)construir as condições sociais e históricas de emergência e consolidação do jiu-jitsu no Brasil, enfocando o papel da mídia nesse processo. Na segunda, foram catalogadas e analisadas todas as matérias publicadas na revista *Veja* sobre esse esporte, durante o período de 1990 a 2016. Ao fazer isso, foram examinadas, entre outras estratégias discursivas, as formas de designação e as características e ações atribuídas aos praticantes de jiu-jitsu. Na terceira e última, realizou-se uma síntese, por construção criativa, dos resultados das análises das etapas anteriores. Ao realizar essa síntese, foi possível concluir, entre outras coisas, que as matérias examinadas possuem um caráter ideológico potencial, na medida em que expurgam, com frequência, os praticantes de jiu-jitsu, construindo-os como pessoas más, perigosas e ameaçadoras. A relevância dessa pesquisa está em contribuir para se compreender a construção social da categoria praticantes de jiu-jitsu.

Palavras-Chave: Comunicação. Ideologia. Jiu-Jitsu. Cultura. Esporte de Combate.

ABSTRACT

This research aims to verify the ideology potential from *Veja's* discourses linked to Jiu-Jitsu, seeking to ascertain if it establishes and sustains the relations of domination. Therefore, it was adopted John B. Thompson's concept of ideology and methodological proposal: the depth hermeneutics. Following the traditional methodological structure, the research was arranged in three parts: Socio-Historic analysis, formal or discursive analysis and interpretation/ reinterpretation. In the first stage, it was aimed to (re)built the social and historical conditions of emergence and consolidation of jiu-jitsu in Brazil, focusing the media role in this process. The second stage, it was cataloged and analyzed all published *Veja* articles about the sport between 1990 and 2016. By doing so, it was examined, among others discursive strategies, the forms of designation, characteristics and actions attributed to jiu-jitsu practitioners. In the third and last stage, it was executed a synthesis, by creative construction, of the results from the previous stages. Accomplishing this synthesis, it was possible to conclude, among other things, that the subject have ideological character potential, in that it often expel the jiu-jitsu practitioners, portraying they as bad, dangerous and threatening people. The research's relevance is to contribute to understand the social construction of the Jiu-Jitsu practicing category.

Keywords: Communication. Ideology. Jiu-Jitsu. Culture. Combat Sport.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Hermenêutica de profundidade 27
Figura 2 – Hélio Gracie e filhos 56
Figura 3 A gracinha do clã 112
Figura 4 Fé na Porrada 113
Figura 5 Psicologia no UFC 114
Figura 6 No tatame do STF 114
Figura 7 Segurança com grife 115
Figura 8 Mamãe, eu quero MMA 116
Figura 10 Única fraqueza: maquiagem 118
Figura 11 Por que tanta gente está de olho em Anderson Silva 118
Figura 12 Capitão Gracie 119
Figura 13 Hélio Gracie 119
Figura 14 Bons de briga e de audiência 120
Figura 15 O fabuloso Gracie 121
Figura 16 Tem tigresa no tatame 121
Figura 17 A febre do jiu-jitsu 122
Figura 18 Os reis do sopapo 123
Figura 19 O brigão do tatame 124
Figura 20 Clã Gracie 125
Figura 21 Gracie X Gracie 125
Figura 22 A cultura do tapão 126
Figura 23 O velho samurai 127
Figura 24 Sangue e dólares 128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Modos de operação da ideologia 25
Quadro 2 Repertórios interpretativos - Matéria: *Mamãe, eu quero MMA* 131
Quadro 3 Repertórios interpretativos - Matéria: *Bons de briga e de audiência* 133
Quadro 4 Repertórios interpretativos – Matéria: *O fabuloso Gracie* 137
Quadro 5 Repertórios interpretativos – Matéria: *O demônio Gracie* 140
Quadro 6 Repertórios interpretativos – Matéria: *O brigão do tatame* 142
Quadro 7 Repertórios interpretativos – Matéria: *Gracie x Gracie* 143
Quadro 8 Repertórios interpretativos – Matéria: *Cultura do tapão* 145

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Ano X Seção 109

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Seções de matérias.....110
Gráfico 2 Ano com mais citações do jiu-jitsu 111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12
1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO 21
1.1 Ideologia 21
1.2 Hermenêutica de profundidade 26
2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO 33
2.1 Contexto sócio-histórico de desenvolvimento do jiu-jitsu 33
2.1.1 História do jiu-jitsu brasileiro 33
2.1.2 Princípios ético-normativos do jiu-jitsu e a sociedade 45
2.1.3 Praticantes de *jiu-jitsu* e seus corpos 51
2.2 Contexto sócio-histórico de produção jornalística sobre o jiu-jitsu 57
2.2.1 *Jiu-jitsu* na mídia brasileira 57
2.2.2 História e linha editorial da revista Veja 58
3 ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA 67
3.1 Panorama das matérias jornalísticas sobre *jiu-jitsu* 69
3.1.1 Catálogo de matérias que mencionam o jiu-jitsu na revista Veja, no período de 1990 a 2016 70
3.2 Análise do discurso dos títulos das matérias 112
3.3 Análise do discurso das matérias selecionadas 129
4 INTERPRETAÇÃO / REINTERPRETAÇÃO 152
CONSIDERAÇÕES FINAIS 160
REFERÊNCIAS 161

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado insere-se no campo da pesquisa sobre esporte, comunicação e ideologia que vem sendo desenvolvido pela linha de pesquisa Mídias e Práticas Socioculturais, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Mais exatamente, dá continuidade aos estudos de Lopes (2012) sobre o processo de construção sociocultural do tema "violência no esporte" no Brasil. Nos últimos anos, o autor tem analisado como a categoria "torcedor violento" é simbolicamente construída nos meios de comunicação de massa e nos documentos e leis que embasam as atuais políticas de segurança para os eventos esportivos.

Nesta dissertação, a análise foi deslocada para o campo das artes-marciais, focalizando-se o tratamento dado à categoria "lutadores de *jiu-jitsu*" em matérias publicadas pela revista Veja durante o período de 1990 a 2016. Ao debruçar-me sobre essas matérias, buscarei responder o seguinte problema de pesquisa: se, e se sim, em que medida e como os discursos que essas matérias veiculam sobre tais lutadores podem ser considerados ideológicos, estabelecendo e sustentando relações de dominação? Para responder a este problema de pesquisa, adotarei o conceito de ideologia de John B. Thompson[1] e sua proposta metodológica: a hermenêutica de profundidade (HP).

A pesquisa foi dividida em quatro capítulos. No primeiro, abordei o conceito de ideologia e a HP. Para tanto, foram mencionados os tipos de concepção da ideologia e a estrutura da metodologia. A metodologia foi dividida nos capítulos subsequentes, sendo o segundo capítulo a análise do contexto sócio-histórico de produção, transmissão e recepção das matérias da revista *Veja*. Para tanto, abordei os antecedentes do jiu-jitsu moderno, a emergência e o declínio do jiu-jitsu no Brasil, os atos que relacionem o esporte à violência, filosofia e práticas sociais dos praticantes. Além disso, foi realizada uma busca por dados históricos da revista *Veja*.

No terceiro capítulo, foi mostrada a análise formal ou discursiva, na qual foi realizada uma análise dos discursos empregados pela revista Veja a respeito dos praticantes de jiu-jitsu, tendo como objetivo verificar como essa revista constrói simbolicamente esses praticantes. Para realizar esta etapa, selecionei os artigos apresentados pela revista no período de 1990 a 2016 que citam o jiu-jitsu brasileiro. Esta periodização representa a expansão do jiu-jitsu

[1] John Brookshire Thompson é sociólogo e professor da Universidade de Cambridge.

brasileiro para o mundo, sendo criadas mídias especializadas, campeonatos mundiais, federações e confederações e, inclusive o *Mixed Marcial Arts* (MMA).

No quarto e último capítulo, foi realizada a interpretação/reinterpretação das matérias analisadas. Nessa etapa, seguindo a metodologia da HP, interpretei a análise das etapas anteriores. Na interpretação/reinterpretação, foi discutido o potencial ideológico das matérias que analisadas na parte anterior à luz do contexto sócio-histórico analisado na primeira parte.

O *jiu-jitsu* já foi um dos esportes mais prestigiados no Brasil, principalmente nas décadas de 20 e 30, quando uma família brasileira chamada "Gracie" buscou mostrar a superioridade da sua arte marcial. Este era uns dos principais destaques da mídia, levando públicos enormes para assistirem lutas. No atual momento, é percebido um crescimento e desenvolvimento midiático nos países estrangeiros, já que em países como Emirados Árabes, campeonatos de jiu-jitsu são transmitidos em rede de televisão aberta.

No entanto, no Brasil, a arte marcial foi esquecida, tendo notícias normalmente ligadas à violência ou ao MMA. Para um praticante ou espectador do esporte, as informações são obtidas por meio de mídias especializadas como revistas e *websites*. O professor faixa preta Caio Terra comenta, em entrevista:

> A verdade é que o Jiu-Jitsu competitivo é algo que acelera muito o crescimento do Jiu-Jitsu em uma cidade, estado e até país. Foi no momento que o Mundial foi para os Estados Unidos que o Jiu-Jitsu começou a crescer por aqui. Agora o Jiu-Jitsu vem se expandindo muito pela Europa, pelo fato de termos cada vez mais competições da IBJJF por lá. A IBJJF está fazendo um excelente trabalho nos EUA, Europa e agora está começando na Ásia também. Mas, infelizmente, isso fez com que as competições de maior peso diminuíssem muito no Brasil, o que desacelera o crescimento da nossa arte no nosso país. Por esse fator também, a maioria dos atletas de ponta também foram morar fora, em busca de uma oportunidade melhor e também pelo fato de precisarem estar mais perto dos eventos. No positivo, é que isso equilibra mais as chances de uma pessoa não brasileira ser um campeão. Eu sou brasileiro, torço para o Brasil, no entanto eu torço ainda mais para o Jiu-Jitsu, e para o esporte crescer de verdade, o mesmo precisa estar de uma forma equilibrada. O Brasil sempre fará grandes campeões... Assim como no futebol, no Jiu-Jitsu a ginga e malandragem contam muito. O brasileiro é o povo mais criativo do mundo e vai continuar criando muitos campeões. (SANTARÉM, 2016).

Na década de 1990 e começo dos anos 2000, o jiu-jitsu passou a ser marginalizado por conta de jovens briguentos que eram vinculados ao jiu-jitsu pela mídia. A partir de meados dos anos noventa, "o jiu-jitsu dos Gracie começou a ganhar as páginas policiais dos jornais, e com elas a má fama que, ao que tudo indica, não o abandonará tão cedo. Surgia um novo personagem no imaginário noturno carioca, um novo vilão" (TEIXEIRA, 2011, p. 2). Tal

discussão ajudou a opinião pública a ter em mente que o esporte era algo violento e praticado por pessoas de má índole. Porém, nunca ficou provado que estes atores realmente faziam parte do universo do jiu-jitsu, pois sempre ficavam as seguintes questões: os professores de jiu-jitsu os incentivam a brigarem? Eles realmente são praticantes de jiu-jitsu que seguem à risca as filosofias e doutrinas do esporte? São graduados ou são iniciantes?

Tais atos de violência tomaram grandes proporções, inclusive para que fosse criado um novo termo, o "*pitboy*", este neologismo é uma referência ao cão da raça *pitbull* enquanto os jovens de classe média alta eram denominados de *"playboys"*. O termo foi utilizado para denominar os baderneiros, porém serviu para difundir o jiu-jitsu. "A popularização do jiu-jitsu coincidiu com a emergência do fenômeno "*pitboy*", jovens de classe média e alta que amiúde se envolvem em brigas, espancamentos e delitos outros na noite do Rio de Janeiro". (TEIXEIRA, 2011, p. 2).

Essas questões deixaram em dúvida se realmente o jiu-jitsu era um esporte ou uma barbárie. Sou praticante de jiu-jitsu desde 2008, porém comecei tarde, pois tinha uma visão errada do esporte, queria praticar e aprender, mas tinha medo, até então o achava algo violento e que, sendo magro, não poderia nem sequer pisar em um tatame que logo levaria uma surra. Como já tinha lido artigos em revistas e jornais os quais tratavam somente do lado negativo, levei um tempo considerável para começar a praticar o esporte, tomando esta iniciativa somente na vida adulta, inclusive não tive permissão dos meus pais para iniciar as aulas enquanto era adolescente. No entanto, ao invés de algo violento, encontrei pessoas disciplinadas, extremamente técnicas e dedicadas ao esporte; isto me causou admiração, percebi que não era somente eu que pensava desta forma. Outros praticantes e não praticantes um dia chegaram a pensar na arte marcial como algo não aprovado pela sociedade por sua violência e acabaram encontrando outro caminho de pensamento para definir o jiu-jitsu brasileiro. Com tal inquietação, percebi que deveria ser analisado o contexto deste esporte.

Para obter uma análise precisa, optei por utilizar a teoria de ideologia de J. Thompson, apresentada no seu livro *Ideologia e Cultura Moderna*, de 1995. A obra percorre os contornos históricos do conceito de ideologia sobre as quais o autor propõe dois tipos gerais de concepção: a neutra e a crítica, que serão retomadas no próximo capítulo.

A questão é que não buscarei entender a prática do jiu-jitsu em si mesma, mas sim analisar os discursos apresentados pela revista *Veja* sobre os lutadores, ou seja, analisarei como essa prática e como seus praticantes são mostrados para o leitor, trazendo à luz o

contexto sócio-histórico do jiu-jitsu. Parto do pressuposto de que não existe verdade em si, independente do repertório linguístico que permite construir a visão de mundo, pois “se a linguagem é instrumento para representar a realidade, então sua análise pode nos informar sobre a natureza dessa mesma realidade”. (GRACIA, 1999, p. 26).

Como mencionado anteriormente, uma das etapas principais da HP é a análise sócio-histórica que virá se tornar um ponto crucial para interpretar as formas simbólicas, para compreender a construção social da categoria praticantes de jiu-jitsu. Nesta etapa da HP, começarei fazendo o percurso do jiu-jitsu, arte marcial que tem uma história peculiar e complexa, o que favorece seu estudo no campo científico, já que sua exploração é escassa pelo meio. Fazendo uma pesquisa básica nos bancos de teses e dissertações, são encontrados poucos estudos sobre este conteúdo histórico. O esporte foi exportado por japoneses e transformado por brasileiros, sendo que boa parte dessa história da arte marcial foi escrita em terra tupiniquim. Essa complexidade histórica reforça a importância da análise a ser realizada, principalmente por se tratar de algo não compreendido inclusive por praticantes.

Um fato interessante na história da arte marcial foram os métodos utilizados para divulgação e propagação no Brasil e, posteriormente, no mundo. Para tornar o jiu-jitsu conhecido, foram utilizadas técnicas integrantes de divulgação, como os tais “desafios dos Gracies”.

Estes desafios, além da intenção de expansão do jiu-jitsu, criaram um evento e uma nova modalidade, o Vale-Tudo. Tais fatos acabam gerando confusão, pela complexidade, em uma pessoa leiga, ou seja, as pessoas confundem o jiu-jitsu brasileiro com o UFC ou com MMA, sendo que este é um subproduto do jiu-jitsu. Nesta análise, tentarei esclarecer alguns pontos da história que causam confusão nas informações, inclusive para alguns praticantes. Esta parte será melhor detalhada no capítulo 2.

Outro fator importante da análise sócio-histórica é a análise do percurso histórico da revista *Veja*, pois este tipo de análise necessita de um mapeamento de ambas as partes estudadas, ou seja, o objeto de estudo é o jiu-jitsu, porém o meio de comunicação escolhido foi a revista *Veja*, neste caso convêm detalhar a história do meio. Foram demonstrados os principais fatos ocorridos desde a criação da revista até sua relação com a arte marcial, mostrando a primeira citação feita pela revista até as matérias de destaque do veículo.

Na análise formal/discursiva foi realizada uma pesquisa prática, tendo como objetivo analisar documentos de domínio público, principalmente por serem influenciadores de opinião

de massa. Nesse caso, optei pela revista *Veja*, por ser uma das principais revistas do país, tendo edições semanais, além de estar no mercado há quase cinquenta anos. Foi mensurado como ano de partida de levantamento de dados, o ano de 1990 e prosseguindo até 2016. Esta escolha foi baseada principalmente pela década de 90 representar a expansão mundial do esporte, além da organização de campeonatos para difusão, sendo que neste período também foi criada a Federação Internacional de Jiu-Jitsu Brasileiro (IBJJF), um marco para o esporte, acabando com o amadorismo e expandindo o horizonte dos praticantes, além da crescente associação do jiu-jitsu a práticas marginais.

Nesse caso, analisei os discursos encontrados na revista que sejam a respeito do jiu-jitsu, estes discursos foram representados, em um primeiro momento, de uma maneira geral com a análise dos títulos das matérias, ou seja, selecionei os títulos tendo como objetivo verificar como o praticante ou atleta de jiu-jitsu é representado na revista.

Num segundo momento desta análise do discurso, selecionei sete matérias mais importantes a respeito do esporte, tendo, como critério, a quantidade de informação e destaque dado à matéria, ou seja, as matérias que explorem o esporte de uma maneira densa. Além disto, foi realizada uma catalogação das 80 edições que apresentaram citações sobre o jiu-jitsu.

A parte final da pesquisa, assim como é na HP, ficou por conta da interpretação, trazendo à luz a contextualização sócio-histórica e a análise dos discursos, como já mencionado. Nesta parte, busquei interpretar de que forma o praticante foi construído na revista Veja. Em seguida, discuti em que medida e como essas construções podem ser consideradas ideológicas, estabelecendo e sustentando relações de dominação.

Se existir o sentido ideológico nos símbolos, será necessário verificar se o quadro é representativo para o favorecimento de uma relação de dominação, além de mostrar e explicar quais modos de operação da ideologia foram utilizados. Basicamente, é neste ponto que a essência da pesquisa está concentrada, sendo o resultado final que possivelmente poderá deixar o estudo em aberto para outros pesquisadores realizarem novos estudos como, por exemplo, se essas formas simbólicas com potencial ideológico tiveram o efeito na recepção dos leitores.

A concepção de ideologia é polissêmica e já foi tratada por diversos autores, sua natureza depende da concepção, ou seja, segundo Thompson (2009, p. 10) existem as concepções neutras e críticas. O novo conceito de Thompson, que será explicado no primeiro

capítulo, mantém o sentido negativo e crítico da ideologia. Nesse caso, a teoria oferecida por Thompson (2009) foram meus "óculos" para interpretar os sentidos empregados nas formas simbólicas, sendo que, desta forma, mantive o sentido crítico de análise.

A proposta foi gerada a partir da breve percepção de que a arte marcial jiu-jitsu brasileiro é um esporte apartado da mídia convencional/tradicional, seu conteúdo é pouco explorado, mesmo o esporte sendo um legado do país, já que o crescimento e desenvolvimento mundial do esporte foram concretizados por uma família de origem brasileira, a família "Gracie". O esporte teve momentos reversos. Este revés foi muito explorado pela mídia tradicional, gerou consequências para a arte marcial, principalmente por ligar a concepção de lutador à violência. Na atualidade, o esporte cresce no mundo inteiro, principalmente nos Estados Unidos da América, Europa e Emirados Árabes.

Outro motivo levantado para justificar a pesquisa é o fato de o assunto ser pouco explorado no campo das Ciências Humanas e Sociais, principalmente pelo campo da Comunicação. Fazendo uma breve pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da Capes, utilizando a palavra-chave: jiu-jitsu[2], são encontrados 36 resultados; separando estas pesquisas por grande áreas do conhecimento, 26 dos resultados estão ligados a Ciências da Saúde, três dos resultados estão ligados à Engenharia e quatro dos resultados estão ligados a Ciências Humanas.

Destas pesquisas ligadas a área de Ciências Humanas, encontrei estudos relacionados aos comportamentos sociais dos lutadores de jiu-jitsu, como, por exemplo, na dissertação de mestrado de André Luís Paleto, com o título *Agressividade do Lutador de Jiu Jitsu: perspectiva da imagem social influenciada pela mídia*, de 2006. Outra dissertação de mestrado encontrada foi a de Betânia Mueller vinculada à Antropologia, com o título *Tem que ter raça, uma etnografia com jovens lutadores no Morro da Boa Vista*, de 2015. Outro resultado está relacionado a uma análise ligada ao corpo do lutador de jiu-jitsu e à pedagogia, a dissertação de Douglas Vicente Ferreira, tem o título *As culturas do jiu-jitsu e a Produção de Corpos e de Masculinidades "Cascas-Grossas"*, de 2015. Umas das primeiras pesquisas relacionadas ao comportamento de "brigões" de rua é a dissertação de Antônio Claudio Engelke Menezes Teixeira: *Esporte e violência no jiu-jistu: o caso dos "pitboys"*, de 2007.

[2] Acesso ao site Banco de teses Capes na data 10/01/2017. Disponível em: http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses

Outro meio em que fiz pesquisas utilizando a palavra-chave “jiu-jitsu” foram as revistas científicas. Busquei artigos nas áreas das Ciências Humanas e Saúde, em específico, Comunicação e Educação Física. As revistas encontradas e selecionadas foram pesquisadas com a palavra chave “jiu-jitsu” no banco de dados SciELO[3].

As revistas que têm artigos específicos sobre o jiu-jitsu brasileiro são: Revista Redfoco (vol. 1, nº 1, p. 67-89, 2014); Revista Movimento (vol. 20, nº 3, p. 1153-1173, 2014); Revista Coleção Pesquisa em Educação Física (vol. 9, nº 2, p. 181-188, 2010).

Na revista Redfoco, é apresentado o artigo de Pablo Arruda e Bertulino de Souza, com o título *Jiu-Jitsu: Uma abordagem metodológica relacionada à quebra de estereótipos*. Neste artigo, o pesquisador aponta que apesar do crescimento da prática do esporte no país, não é gerada a consciência sobre essa prática, inclusive por praticantes. Citando o resumo deste artigo, é possível ver o caminho percorrido pela dupla de autores para a pesquisa realizada.

> A prática do Jiu-Jitsu no Brasil tem crescido exponencialmente desde os anos 1990. Academias, competições organizadas e divulgação na mídia tornaram o esporte conhecido e acessível, porém a popularidade adquirida não aprimorou as metodologias de ensino envolvidas no aprendizado e na prática. O ato de realizar a atividade não fez com que a consciência sobre as suas necessidades tivessem o mesmo destaque, o que ocasionou uma sequência de equívocos partilhados por desportistas, apreciadores e leigos. No estudo de natureza qualitativa, foram investigados três segmentos sociais: comunidade, alunos e professores de Jiu-Jitsu, todos eles indagados acerca da compreensão e significado dos elementos fundamentais da luta. Entretanto para este ensaio, privilegiamos apenas o expresso pela comunidade, na expectativa de capturar seu entendimento sobre a luta/arte. Os resultados reforçaram imagens estereotipadas. (ARRUDA; SOUZA, 2014, p. 67).

Na revista Movimento, foi realizada uma pesquisa com objetivo de resgatar as origens do “Vale-Tudo” de Curitiba, o artigo de Daniela Passos, Rodrigo Passos, Wanderley Júnior e André Mendes, tem o seguinte título: *As origens do “vale-tudo” na cidade de Curitiba-PR: memórias sobre identidade, masculinidade e violência*. Este artigo, assim como no anteriormente citado, busca, por meio da metodologia da história oral, identificar qual é a consciência que os lutadores têm sobre a modalidade, em busca da construção de identidade do lutador, como é mostrado no resumo do artigo.

> O presente artigo objetiva analisar como professores (mestres) e ex-lutadores de modalidades de lutas e artes marciais apresentam suas memórias acerca dos primórdios da prática que ficou conhecida como “vale-tudo” em Curitiba. Por meio dos procedimentos teóricos da História Oral foi possível perceber que os fragmentos

[3] SCIELO - **Scientific Electronic Library Online.** Disponível em: <http://www.scielo.org/php/index.php>. Acesso em 10 jan. 2017.

> memoriais analisados não se restringem à interpretação sobre as origens dessa prática, pois também são atravessados por discursos relativos ao processo de construção da identidade e testes constantes de virilidade. Conclui-se que a memória estabelecida e esse *ethos* masculino tem como elemento central a violência – concreta e simbólica – que acompanha a formação do lutador. (PASSOS et al, 2014, p. 1153).

Na revista Coleção Pesquisa em Educação Física, é encontrado o artigo de Luiz Rufino e Suraya Darido, com o título *O jiu-jitsu brasileiro na visão dos não praticantes*. Este artigo é semelhante aos artigos anteriores, porém trata especificamente de pessoas que conhecem mas não praticam o esporte, como é demonstrado no resumo.

> Embora o número de praticantes de Jiu Jitsu Brasileiro esteja crescendo e o esporte esteja se tornando mais popular, ainda há um estereótipo de esporte violento e agressivo, fato evidenciado pelos meios de comunicação. A mídia influencia constantemente a perspectiva das pessoas em diversas esferas, como os esportes, por exemplo. Identificar a visão dos não praticantes de jiu jitsu é uma forma de averiguar o nível de influência da mídia nesta modalidade. Assim, o objetivo desse estudo foi analisar a visão dos não praticantes de jiu jitsu a respeito dessa prática corporal. Utilizou-se de uma pesquisa qualitativa e, para a coleta de dados, foram aplicados questionários a 10 sujeitos sem experiência prévia na modalidade de jiu jitsu. A maioria dos sujeitos possuía algum conhecimento sobre determinadas características da modalidade e já tinham ouvido falar do jiu jitsu na mídia. Relataram alguns eventos específicos vinculados às mídias de maior circulação, que costumam enfatizar certos eventos, muitas vezes relacionados à conduta e às atitudes de alguns praticantes. Todos os sujeitos conheciam alguém que praticava jiu jitsu e muitos até mesmo demonstraram interesse em praticar jiu jitsu pelo menos uma vez. Quanto à inserção do jiu jitsu como conteúdo das aulas de Educação Física escolar, todos os sujeitos relataram acreditar que é possível inseri-lo como conteúdo. (RUFINO; DARIDO, 2010, p.181).

Adentrando nestas teses, dissertações e artigos, percebi que todas tratam de maneiras e métodos diferentes sobre assuntos parecidos. Por óbvio, os objetivos de cada pesquisa é muito específico, porém foi notado que os estudos são voltados para desmistificar a construção do estereótipo do lutador, ou seja, grande parte estuda como um lutador é formado, tentando compreender sua origem, seus ensinamentos e comportamentos. Outro ponto inevitável foi perceber a relação destes lutadores com a violência, sendo interessante essa relação, pois um lutador utiliza seu corpo ao máximo, chegando ao ponto de ter contato físico contundente, porém, para eles, isto não é considerado violência e sim um desporto. Acredito ser este um dos motivos para estudar esta relação.

Esta relação entre violência e jiu-jitsu norteia o objetivo da pesquisa, pelo seguinte fato: esta arte marcial, de certa forma, é taxada como violenta, ao contrário de outras artes

marciais como, por exemplo, judô, caratê e kung-fu, que são consideradas nobres e de elevação do estado mental e espiritual.

Dentre as pesquisas encontradas com a palavra-chave jiu-jitsu, existem pesquisas no campo da Educação Física e da Engenharia que estudam a fisiologia, o movimento, a força muscular do atleta de jiu-jitsu. Estas pesquisas não foram citadas por serem muito específicas destas áreas.

Além dessas pesquisas, encontrei outros resultados, como a dissertação de Fabio de Lima Alvarez, *A domesticação da Violência: MMA (Artes Marciais Mistas) e processos comunicacionais na Rede Globo de televisão*. Outra pesquisa sobre o jiu-jitsu, em específico, é de Antônio Claudio Engelke Menezes Teixeira com o título *Os usos do corpo entre lutadores de jiu-jitsu*, esta, inclusive, foi apresentada em congresso de Intercom. Essas pesquisas contribuem para o campo científico, inclusive, não posso deixar de comentar que elas ajudaram a impulsionar minha pesquisa neste rumo seguido. Neste caso, posso considerar que a pesquisa realizada por mim, que busca um estudo na área de conhecimento da Comunicação que relacione jiu-jitsu e ideologia, é algo inovador, que não teve ainda a oportunidade de ser estudado. Esta ideia é sustentada pelas pesquisas anteriores, pois nenhuma fez o estudo das formas simbólicas relacionadas ao jiu-jitsu na mídia para identificar se existe potencial ideológico nelas.

1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo, a intenção é expor o conceito de ideologia tomado por John B. Thompson, além de apresentar a Hermenêutica de Profundidade (HP), metodologia também proposta pelo autor. Ao me apoiar neste referencial-metodológico, terei a oportunidade de investigar a ideologia no objeto da pesquisa, já que a análise da arte marcial foi realizada em um meio de comunicação e finalizada com interpretação dos resultados. Este capítulo facultará que o leitor possa se familiarizar com os "óculos" através dos quais foram analisadas as matérias da revista Veja e acompanhar o passo a passo do processo de produção e análise dessas matérias.

1.1 Ideologia

O conceito de ideologia, ao longo da história, foi intrincado, mudando seus sentidos e incentivando debates teóricos, desde Destutt de Tracy até John B. Thompson. Nesse tópico, apresento e justifico o uso do conceito de ideologia desenvolvido por este último autor, que escreveu a obra *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*.

Para Thompson, a cultura moderna encontra-se centralizada nos meios de comunicação, sendo este o ponto principal para compreender as relações de poder em uma sociedade. Nesse contexto, o autor faz uma análise da trajetória dos conceitos de ideologia: "foram os escritos de Marx e Weber, de Durkheim, Siromel, Mannheim e outros que, sob muitos aspectos, estabeleceram a agenda para os debates teóricos contemporâneos" (THOMPSON, 2009, p. 10). Este percurso é deixado claro no livro supramencionado, pois se trata da contextualização histórica da ideologia. Nessa investigação histórica realizada por Thompson (2009), podemos perceber que a ideologia, numa linha de tempo da história, teve uma complexa construção de debates e conceitos. Este esquema apresentado pelo autor indica claramente que existem duas concepções gerais de ideologia, sendo uma *neutra* e outra *crítica.*

O termo "ideologia" foi utilizado pela primeira vez pelo filósofo francês, Destutt de Tracy, em 1976. Como mostrado por Thompson (2009, p. 44), era defendido pelo filósofo como a ciência que estaria interessada na análise sistemática das ideias e sensações. Este termo seria "uma combinação de filosofia e educação, baseada na análise sistemática das ideias" (THOMPSON, 2009, p. 44), ou seja, a "Ciência das Ideias", sendo proposta por Tracy

como a primeira das ciências, pois envolveria conhecimento científico com o conjunto de ideias. Thompson (2009) aponta que este conceito de ideologia de Tracy logo foi questionado por uma série de teóricos, o que estende o percurso histórico da teoria de ideologia.

Thompson (2009) mostra que, neste percurso histórico, alguns autores defendiam tais concepções de formulação geral, aquelas no qual acabavam compartilhando características importantes, ou seja, concordavam em certos aspectos, porém divergiam em outros, e assim cada autor oferecia um novo conceito. Uma grande questão que pode gerar confusão para entender a ideologia está no seu sentido, ou melhor, no sentido que tal autor utilizou. Para facilitar a compreensão da ideologia e também para abranger o seu conceito posterior, no livro, Thompson (2009) explica detalhes destas concepções.

A concepção *neutra,* desenvolvida por autores como Destutt de Tracy, Lenin, Lukács e Manheim (na sua formulação geral), caracteriza os fenômenos ideológicos como um fenômeno qualquer, que não são necessariamente mais problemáticos que outros. Necessariamente, o ideário seria uma visão de mundo, Thompson (2009) explica de forma detalhada o que se entende por concepção neutra.

> Um tipo geral é o que chamo de "concepção neutra de ideologia". Concepções neutras são aquelas que tentam caracterizar fenômenos como ideologia, ou ideológicos, sem implicar que esses fenômenos sejam, necessariamente, enganadores e ilusórios, ou ligados com interesse de algum grupo em particular. Ideologia, de acordo com as concepções neutras, é um aspecto da vida social (ou uma forma de investigação social) entre outros, e não é nem mais nem menos atraente ou problemático que qualquer outro. (THOMPSON, 2009, p. 72).

Pode-se dizer que o sentido ideológico da concepção neutra estará presente em qualquer lugar, por exemplo, em um programa político, sendo ele de esquerda ou de direita, de restauração ou de reforma. O autor comenta que todas essas concepções de ideologia são "concepções neutras, no sentido de que elas não possuem, necessariamente, um sentido negativo, pejorativo, e não implicam, necessariamente, que ideologia é um fenômeno que deve ser combatido e, se possível, eliminado". (THOMPSON, 2009, p. 73).

Em contraste com a concepção neutra, Thompson (2009) indica que na concepção *crítica,* defendida por Napoleão, Marx e Manheim (na sua formulação restrita), o fenômeno caracterizado como ideológico é negativo, sendo considerado algo que deve ser combatido. O autor considera uma concepção crítica da ideologia quando:

> Concepção críticas são aquelas que possuem um sentido negativo, crítico ou pejorativo. Diferentemente das concepções neutras, as concepções críticas implicam que o fenômeno caracterizado como ideologia - ou como ideológico - é enganador, ilusório ou parcial; e a própria caracterização de fenômenos como ideologia carrega consigo um criticismo implícito ou a própria condenação desses fenômenos. (THOMPSON, 2009, p. 73).

Esse sentido negativo foi levantado primeiramente por Napoleão contra Tracy. Para Thompson (2009), a ideologia sempre deve ser criticada: “Todas elas possuem um sentido negativo e supõem que os fenômenos caracterizados como ideologia são susceptíveis de crítica”. (THOMPSON, 2009, p. 73).

Thompson (2009) propõem uma formulação alternativa que mantém o sentido negativo do termo, ou seja, em sua concepção foi mantido o sentido crítico. No livro, é detalhado pelo autor o esquema que foi feito para chegar na linha temporal da ideologia. Após este esquema, ele apresenta sua proposta de conceito de ideologia, ou seja, primeiro ele mostra as principais concepções gerais em um cerco histórico para, em seguida, mostrae e substanciar sua própria concepção. Apesar de manter o caráter crítico, o autor deixa claro que a nova formulação será baseada em pressupostos próprios e que serão uma alternativa nova. “Está claro: a formulação alternativa que oferecerei implicará pressupostos próprios e tentarei, neste capítulo e nos outros, explicar e substanciar, dar fundamentos a esses pressupostos”. (THOMPSON, 2009, p. 72).

Nesse momento é apresentado, pelo autor, o objetivo da reformulação do conceito de ideologia:

> Procurarei combater o que descrevi como a neutralização do conceito de ideologia. Tentarei formular uma concepção crítica de ideologia, apoiando-me em alguns temas implícitos nas concepções anteriores e abandonando outros; procurarei mostrar, ainda, que esta concepção pode oferecer uma base para um enfoque útil e defensável para a análise concreta dos fenômenos sócio-históricos, mas que, ao mesmo tempo, mantém o caráter crítico transmitido a nós pela história do conceito. Análise da ideologia, de acordo, com a concepção que irei propor, está primeiramente interessada com as maneiras com as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder. (THOMPSON, 2009, p. 75).

Após a investigação histórica da ideologia, Thompson (2009), de forma construtiva, formula sua concepção, entendendo que uma forma simbólica pode ser considerada ideológica quando, sob determinadas circunstâncias, estabelece e sustenta relações de dominação, isto é, relações de poder que são sistematicamente assimétricas. Para Thompson (2009), poder e dominação são coisas diferentes, por isso é necessário compreender seus

significados e que ela manifesta de forma relacional. É explanado que sua concepção é muito próxima da concepção latente de Marx, porém ele diverge em alguns pensamentos.

Na concepção latente de Marx, a ideologia "é um sistema de representações que escondem e enganam e que, ao fazer isso, servem para manter relações de dominação" (THOMPSON, 2009, p. 75). Thompson inspira-se em Marx, mas guarda diferenças, essas diferenças são essenciais para compreender sua proposta.

Assim como Marx, Thompson (2009) defende que as relações de poder sustentam desigualdades sociais. Porém, dois pontos principais diferem a concepção de Thompson (2009) da de Marx (na concepção latente). O primeiro é que a ideologia não se trata de uma particularidade das relações de classes sociais, ela pode atingir outros tipos de relações sociais como, por exemplo, de gênero, segundo ele: "É importante enfatizar que relações de classe são apenas *uma* forma de dominação e subordinação, constituem apenas *um* eixo da desigualdade e exploração; as relações de classe não são, de modo algum, a *única* forma de dominação e subordinação". (THOMPSON, 2009, p.77 grifos do autor).

O segundo, é que a ideologia pode construir uma relação de dominação, não apenas sustentar uma relação já existente, ou seja, sua utilização pode criar uma relação de dominação. Ele faz uma crítica a Marx, a dificuldade com essa teoria (concepção latente) é que "ela tende a menosprezar o quanto as formas simbólicas e o sentido assim mobilizados são construtivos da realidade social e estão ativamente envolvidos tanto em criar como em manter as relações entre pessoas e grupos". (THOMPSON, 2009, p. 78).

Se pensarmos bem, a concepção latente de Marx é uma das concepções de ideologia mais conhecidas e aceitas nos estudos sociais. O que Thompson faz é abrir o campo de investigação, ou seja, amplia esta investigação, não a restringe apenas a relações de desigualdades de classes sociais, podendo estas desigualdades sociais serem, por exemplo, de gênero, etnia etc. Esta ampliação no campo de investigação acabou sendo um dos principais fatores que colaboraram para que se tenha utilizado o conceito de Thompson nesta presente pesquisa.

O autor argumenta: "Interpretar a ideologia é explicitar a conexão entre o sentido mobilizado pelas formas simbólicas e as relações de dominação que ajudam a estabelecer relações de poder". (THOMPSON, 2009, p. 379).

Assim como as formas simbólicas não são ideológicas, Thompson afirma que para ser considerado um símbolo ideológico, o contexto *sócio-histórico* deve ser relevante, ou seja,

quais são os usos sociais na história: “como as formas simbólicas são empregadas, transmitidas e compreendidas por pessoas situadas em contextos sociais estruturados” (THOMPSON, 2009, p. 76), o autor ainda afirma:

> Estratégias particulares de construção simbólica ou tipos particulares de formas simbólicas não são ideológicos em si mesmos: se o sentido gerado pelas estratégias simbólicas ou difundido pelas formas simbólicas serve para estabelecer ou sustentar relações de dominação, é uma questão que deve ser respondida somente pelo exame dos contextos específicos dentro dos quais as formas simbólicas são produzidas e recebidas, somente através do exame dos mecanismos específicos pelos quais elas são transmitidas dos produtores para os receptores, e somente através do exame de sentido que essas formas simbólicas possuem para os sujeitos que as produzem e as recebem. (p. 89).

Thompson (2009) ainda mostra alguns modos gerais de operação da ideologia, que ajudam na interpretação da ideologia. São apresentados pelo autor cinco modos de operação da ideologia: *legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação***,** conforme abaixo**:**

Quadro 1 Modos de operação da ideologia

Legitimação	Racionalização Universalização Narrativização
Dissimulação	Deslocamento Eufemização Tropo (sinédoque, metonímia, metáfora)
Fragmentação	Diferenciação Expurgo do outro
Reificação	Naturalização Externalização Nominalização/passivização

Fonte: Thompson, 2009, p. 81.

Segundo o autor, o quadro 1 representa-se por um meio metodológico de análise, mas que não se podem identificar os modos como os únicos possíveis de operação da ideologia, ou seja, é deixado claro pelo autor que estes modos não são os únicos meios por que a ideologia

pode ser identificada, que também a ideologia não pode ser reduzida a somente estes modos e estratégias, é apenas um esboço de análise.

Com esse conceito de ideologia, Thompson (2009) faz um posicionamento político, porque traz para seu âmago a questão de poder, não sendo epistemológica, justamente porque não diz nada sobre como conhecemos a realidade, abre espaço para uma análise ou investigação. Para ele, é necessário investigar o sentido da ideologia, pois ela colabora para a construção de realidade.

> O sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para *estabelecer* e *sustentar* relações de dominação: estabelecer, querendo significar que o sentido pode criar ativamente e instituir relações de dominação; sustentar, querendo significar que o sentido pode servir para manter e reproduzir relações de dominação através de um contínuo processo de produção e recepção de formas simbólicas. (THOMPSON, 2009, p. 79).

Para finalizar sobre o conceito de ideologia proposto por Thompson, necessário falar que, segundo o autor, "ideologia, de acordo com essa concepção, é, por natureza, hegemônica, no sentido de que ela, necessariamente, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, com isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes." (THOMPSON, 2009, p. 90).

A fim de lidar com problemas práticos de pesquisa no campo de estudos da ideologia, Thompson desenvolveu uma metodologia própria, a ser discutida no tópico subsequente, defende que uma análise mais específica da ideologia deve estar amparada em um tripé: *análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva* e, por último, a *interpretação/reinterpretação*. Essa metodologia denomina-se *hermenêutica de profundidade* (HP).

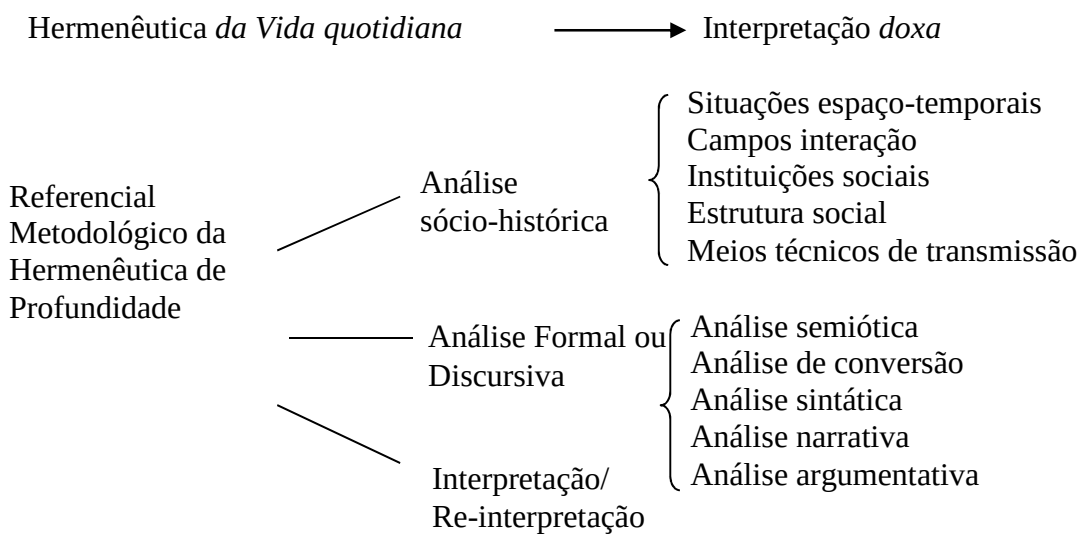
Considerada por Thompson a interpretação da *doxa* ou hermenêutica da vida cotidiana, o ponto de partida para uma hermenêutica, uma avaliação crítica de como os sujeitos entendem sua realidade cotidiana, ou seja, como as pessoas percebem a realidade ao seu redor, referente a opiniões, crenças, costumes e compreensões. Explicarei de forma mais específica a HP no próximo tópico.

1.2 Hermenêutica de profundidade

A HP é uma proposta metodológica inovadora, gerando uma produção de conhecimento específica baseada em um referencial teórico. A HP oferece um aprofundamento das condições de um fenômeno.

Para melhor identificar o método utilizado por Thompson, exponho abaixo a figura 1, que tem a finalidade de demonstrar a funcionalidade da hermenêutica de profundidade para uma pesquisa:

Figura 1 Hermenêutica de profundidade



Fonte: THOMPSON, 2009, p. 365.

Como mostrado na figura 1, a HP divide-se em três etapas interdependentes, sendo elas: Análise sócio-histórica, Análise formal ou discursiva e Interpretação/Re-interpretação. As duas primeiras etapas são análises que posteriormente dão condição para a terceira em que, no caso, é feita uma síntese construtiva dos resultados obtidos.

A HP não é apenas uma investigação social de um campo-objeto, ela inclui o sujeito, tornando-se um campo-sujeito-objeto. Porém, Thompson ressalta que um pesquisador, inserido em um contexto de pesquisa, corre o risco de negligenciar aspectos do campo investigado, principalmente das interações que o cercam, já que neste campo-sujeito-objeto, o investigador acaba sendo incluído.

> Se a hermenêutica nos recorda que o campo-objeto da investigação social é também um campo-sujeito, ela também nos recorda que os sujeitos que constituem o campo-

> sujeito-objeto são, como os próprios analistas sociais, sujeitos capazes de compreender, de refletir e de agir fundamentadas nessa compreensão e reflexão. (THOMPSON, 2009, p. 358).

A análise *sócio-histórica* centra-se nas "condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas" (THOMPSON, 2009, p. 34). Na análise sócio-histórica, o objetivo será reconstruir o percurso histórico tanto do jiu-jitsu brasileiro quanto da revista Veja, sendo este último o meio de comunicação das matérias jornalísticas selecionadas. Para alcançar esse objetivo, realizei uma revisão de literatura sobre os seguintes temas: primeiro, a história do Jiu-Jitsu segundo o livro *Gracie Jiu-Jitsu*, com conteúdo adicional de artigos, dissertações e teses, que tratam do assunto; segundo, a história da revista *Veja*, que será pesquisada em artigos, dissertações e teses; e, terceiro, a relação entre a revista e a arte marcial, de acordo com informações do acervo digital da revista *Veja*, que é disponibilizado por ela. Essa revisão foi realizada nas seguintes bases de dados: banco de teses da CAPES, USP e Revistas Científicas da área de comunicação, sociologia, antropologia e educação física. Nessas bases, utilizei e cruzei as informações para formular o contexto sócio-histórico. Para esse cruzamento foram utilizadas palavras-chave como jiu-jitsu, família Gracie, cultura, comunicação, MMA e violência.

Nessa etapa, procura-se resgatar as situações no espaço e no tempo, a fim de enfocar nos campos de interação, as intuições sociais e estrutura social, sendo abordados temas como classe, trabalho, gênero, etnia entres outros. Para Thompson, as "formas simbólicas não subsistem num vácuo, elas são produzidas, transmitidas e recebidas em condições atemporais e históricas específicas" (2009, p. 366).

Um dos fatores importante levantado por Thompson, é o terceiro nível da análise sócio-histórica que se refere a instituições sociais, no caso desta pesquisa, a instituição social é representada pela revista *Veja*.

Analisar a história e o social do campo é identificar assimetrias, as diferenças e as divisões relativamente estáveis desse campo. Outro fator é identificar se essas assimetrias são sistemáticas e ajudam a deixar as relações estáveis, ou seja, se não existem manifestações contrárias, principalmente em uma relação de poder.

O contexto sócio-histórico foi separado em duas partes: Contexto sócio-histórico de desenvolvimento do jiu-jitsu e Contexto sócio-histórico de produção jornalística sobre o jiu-jitsu.

A primeira parte, a respeito do objeto da pesquisa, foi dividida em três partes, sendo elas: História do jiu-jitsu brasileiro; Princípios ético-normativos do jiu-jitsu e a Sociedade; e Praticantes de jiu-jitsu e seus corpos. Nesta etapa, apresento os antecedentes do jiu-jitsu moderno, emergência do jiu-jitsu no Brasil, concepções de praticantes de jiu-jitsu, entre outros assuntos que representem o contexto do desporto.

Já a segunda parte se trata da produção jornalística sobre a arte marcial, sendo levado em questão o histórico e editorial da revista *Veja*. Essa etapa foi dividida em duas partes: Jiu-jitsu na mídia brasileira e História e linha editorial da revista *Veja*. Nessa segunda parte foi realizado o mesmo caminho da análise do jiu-jitsu, porém com relação à história da revista *Veja*, já que podemos tratar a revista como instituição social dentro desta análise sócio-histórica. Na análise, consta o percurso histórico da revista, além de mostrar a relação da revista com a arte marcial.

Nesta parte da HP, há um recorte da história dos dois objetos em questão, sendo este momento importante para verificar em que contexto foi realizado o discurso que será analisado na segunda fase (análise do discurso).

Na funcionalidade da HP, seguida da análise sócio-histórica, é apresentada a próxima etapa: a análise formal/discursiva, "as influências sociais, políticas, econômicas, culturais e históricas são o fundamento da análise discursiva, com suas características estruturais, padrões e relações". (THOMPSON, 2009, p. 369).

Explicando de maneira mais ampla, Thompson fala sobre a análise formal discursiva:

> Os objetos e expressões que circulam nos campos sociais são também construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada. É esta característica que exige uma segunda fase de análise, uma fase que pode ser descrita como análise formal ou discursiva. Formas simbólicas são os produtos de ações situadas que estão baseadas em regras, recursos, etc., disponíveis ao produtor; mas elas são também algo mais, pois elas são construções simbólicas complexas, através das quais algo é expresso ou dito. (THOMPSON, 2009, p. 369).

Para Thompson, esse tipo de etapa é um empreendimento perfeitamente legítimo, sendo indispensável para a análise do campo-objeto. Neste momento, é realizada a análise do material, ou seja, de textos, discursos, imagens, músicas etc. Thompson se refere ao termo "discurso", de modo geral, para se referir às "instâncias de comunicação correntemente presentes." (THOMPSON, 2009, p. 371).

Thompson aponta a necessidade de analisar os discursos, porém não são dados maiores detalhes para realizá-los. Neste ponto, o apoio se deu em outros livros, para realizar a análise formal/discursiva.

Na segunda fase, é realizada uma análise formal ou discursiva a respeito da categoria lutador ou praticante de jiu-jitsu. Para tanto, selecionei matérias entre os anos de 1990 até 2016, utilizando o acervo digital da revista *Veja*, utilizando as palavras-chave: jiu-jitsu; família Gracie; Vale-tudo e MMA. Como já argumentado, tomei como referência para a pesquisa do acervo as edições de 1990 até 2016 e, com os resultados encontrados, dividi a análise formal em três etapas, sendo elas: Panorama geral das matérias jornalísticas sobre jiu-jitsu; Análise do discurso dos títulos das matérias e Análise do discurso das matérias selecionadas.

A primeira etapa foi realizada de maneira quantitativa. Nesta etapa, dividi os artigos em um catálogo de matérias que mencionam o jiu-jitsu na revista *Veja*, no período de 1990 a 2016, sendo inclusas todas as matérias que citam o jiu-jitsu. Os dados coletados foram divididos em: Edição; Data; Página; Caderno; Seção; Tipo de peça jornalística; Título; Descrição e Trecho. Esta catalogação foi retirada diretamente do acervo digital da revista *Veja*, que é disponibilizada de forma gratuita, necessitando apenas do cadastro de usuário. O acervo da revista é uma digitalização das revistas físicas, incluindo todas as páginas. Essa digitalização é armazenada em um grande banco de dados, que contém todas as edições lançadas pela revista, inclusive as novas edições, que são colocadas à disposição do público cerca de uma semana após sua publicação. Essa facilidade de acesso às informações possibilitou que o *corpus* da pesquisa fosse formado por todas as matérias do período proposto, já que a ferramenta de pesquisa do acervo digital proporciona o acesso a essas revistas de maneira bem simples, usando apenas palavras chaves, a delimitação de período é uma opção que acaba facilitando o período de análise.

Na segunda etapa, analisei os títulos que tinham o sentido relacionado com o jiu-jitsu, explicando de maneira mais eficaz, descartei todos os títulos que não representem o jiu-jitsu, mesmo que o artigo tenha citado o esporte, como, por exemplo, uma matéria que tenha citação de algum famoso que utiliza jiu-jitsu dentre outros métodos para manter a forma, pois nessas notícias, normalmente o título não tem relação alguma com a arte marcial. Nesta etapa, mostrei os respectivos recortes desses títulos. Analisando os títulos, busquei compreender de

que maneira as palavras estavam sendo utilizadas, analisando as formas de designação dos praticantes de jiu-jitsu, bem como as características e ações atribuídas a eles.

Por último, e finalizando a análise formal ou discursiva, foi analisado, de forma completa, um grupo de matérias selecionadas; foram criados quadros de repertórios interpretativos dos discursos. Neste quadro foram alocadas as pessoas em foco e os argumentos dos atores envolvidos, tanto os ligados ao esporte, quanto os de Veja. Nesse momento é possível visualizar os argumentos e a que pessoa esse argumento pertence. Para analisar os discursos, foram realizados recortes que foram enquadrados para facilitar a leitura. O quadro foi composto por: Data; Título; Atores sociais envolvidos; Repertórios interpretativos utilizados pelos atores consultados; e Argumento do editorial e Repertórios interpretativos utilizados pela Veja. Nestas colunas, foram inseridas as unidades discursivas relevantes. Feito isto, foram destacados, em negrito, os repertórios interpretativos que ajudam na construção da categoria.

As duas primeiras fases da HP são representadas por análises, ou seja, operam dividindo, esquadrinhando. Já a terceira é uma síntese, uma interpretação das formas simbólicas. Como diz Thompson, “a fase de interpretação é facilitada pelos métodos da análise formal ou discursiva, mas é distinta” (2009, p. 375), a terceira fase é a mais importante para a pesquisa.

A interpretação/reinterpretação “implica em um movimento de síntese, por uma construção criativa de possíveis significados” (THOMPSON, 2009, p. 375). Porém, essa etapa é aberta a críticas, não é uma verdade única. Ela deve ser devidamente fundamentada, principalmente na ciência, sendo construtiva em cima das outras análises. Thompson entende da seguinte forma a interpretação/reinterpretação.

> Os métodos da análise discursiva procedem através da análise, eles quebram, dividem, desconstroem, procuram desvelar os padrões e efeitos que constituem e que operam dentro de uma forma simbólica ou discursiva. A interpretação constrói sobre esta análise, como também sobre resultados da análise sócio-histórica. Mas a interpretação implica um movimento novo de pensamento, ela procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados. Este movimento de pensamento é um complemento necessário à análise formal ou discursiva. (2009, p. 375).

Em um campo social, que pode ser entendido como espaço de interações, alguns querem o posto de dominante, sendo este um dos motivos para a movimentação do campo. O dominado movimenta em cima das regras, já o dominante se sente confortável por não ter que

se sujeitar a seguir regras. A análise de Thompson é uma interpretação de uma nova interpretação, inclusive o autor propõe que este tipo de interpretação deve ser um *feedback* ao campo de pesquisa, ou seja, deve-se dar um retorno à comunidade.

E, para finalizar o método proposto por Thompson, realizei uma síntese, citando os trechos mais relevantes, contendo os argumentos a fim de categorizar os lutadores de jiu-jitsu, indicando os modos de operação da ideologia e as estratégias de construção das formas simbólicas, a fim de desvendar se elas contêm o sentido potencial da ideologia.

Na hermenêutica de profundidade, é proposta uma investigação do campo-objeto e suas interações, investigando os sentidos ocultos das relações sociais. Nos capítulos sequentes, irei aprofundar a metodologia proposta por Thompson já realizando as análises e interpretações, a fim de obter a resposta para a problematização da pesquisa.

2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Segundo Thompson (2009), ao ser realizada uma *análise sócio-histórica*, são reconstituídas as condições de produção, circulação e recepção das formas ideológicas. Neste capítulo, busquei (re)construir as condições sociais e históricas de emergência e consolidação do jiu-jitsu no Brasil, enfocando o papel da mídia neste processo. Para tanto, dividi o capítulo em duas partes, sendo a primeira o "Contexto sócio-histórico de desenvolvimento do jiu-jitsu" e a segunda o "Contexto sócio-histórico de produção jornalística sobre o jiu-jitsu".

A primeira parte do capítulo dividi em três seções. Destas seções, na primeira foi apresentada a "História do jiu-jitsu brasileiro", contendo os meios como a arte marcial chegou ao Brasil e como foi sua expansão. Na segunda seção são tratados os "Princípios ético-normativos do jiu-jitsu e a Sociedade", sendo apresentados costumes e relações sociais no meio do esporte. Na terceira seção, "Praticantes de *jiu-jitsu* e seus corpos", apresento a forma como o corpo é tratado no jiu-jitsu, tanto por praticantes quanto por leigos.

Já na segunda parte do capítulo, o enfoque deu-se pela relação da mídia com o esporte. Para essa parte foi feita uma divisão em duas seções. Sendo a primeira, o "Jiu-jitsu na mídia brasileira", na qual é apresentada a forma como o desporto é tratado pela mídia brasileira, ou seja, qual é a importância dada pela mídia. E a segunda seção, "História e linha editorial da revista Veja", apresentando um breve histórico sobre a revista.

2.1 Contexto sócio-histórico de desenvolvimento do jiu-jitsu

2.1.1 História do jiu-jitsu brasileiro

Para a análise da história do jiu-jitsu, foi utilizada, como fonte documental, a biografia de Hélio Gracie (Gracie Jiu-Jitsu)[4], mas, para complementar, foram mencionadas outras fontes, tais como pesquisas que citam a arte marcial e também a opinião de profissionais na área divulgada pela mídia.

Jiu-Jitsu Brasileiro é um esporte desenvolvido pela família brasileira Gracie, tendo como base movimentos de luta agarrada[5]. Jiu-Jitsu é traduzido do japonês para o português

[4] Relatos históricos que estão presentes no livro *Gracie Jiu-Jitsu*, uma biografia autorizada de Hélio Gracie, e que contém as posições criadas pelo Grão-Mestre Faixa Vermelha 10º.

[5] Estilos de lutas que não utilizam socos, chutes, joelhadas e cotoveladas. A luta inicia em pé e se desenvolve pelo solo.

como “arte suave”, pois seus movimentos são fundamentados em alavancas, projeções e imobilizações.

O jiu-jitsu é uma arte marcial milenar cuja verdadeira origem não é identificada, sendo a mais aceita aquela diz que foi criada por “monges das montanhas da Índia há 2500 anos”. (GRACIE; SOTO, 2009, p. 14). Tendo sua difusão pela China e, por volta de 400 anos atrás, foi estabelecida no Japão, nesta última localização foram incrementados aspectos da cultura dos samurais. O jornalista e faixa-preta Willian von Söhsten comenta que este período do jiu-jitsu não é muito bem definido e que pouco foi pesquisado.

> Não há uma pesquisa definitiva sobre as origens do Jiu-Jitsu. Alguns falam em 2 mil anos e associam a criação da arte à sociedade dos monges budistas, na Índia. O conhecimento sobre torções, desequilíbrio e estrangulamentos teria migrado para a China e chegado ao Japão. Não se pode contar esta história com a certeza absoluta, porém, trata-se de uma versão muito difundida no universo do Jiu-Jitsu atual. (SÖHSTEN, 2016b, p. 35).

O grande desenvolvimento do jiu-jitsu foi no Japão, por volta do século III, sendo, a princípio, um método de defesa pessoal contra assaltantes, difundido entre os camponeses e posteriormente entre os samurais. Söhsten comenta que a arte marcial levou algum tempo para ter o nome conhecido de hoje.

> Sabe-se que, no Japão do século III, já se lia sobre métodos de combate corpo a corpo como defesa contra assaltantes, invasores e demais presenças hostis. O nome Jiu-Jitsu (ou *ju-jitsu*, como era mais comumente grafado), no entanto, tardaria um pouco mais a aparecer. Atribui-se ao estilo *koryu takenuchi-ryu jujutsu* o registro da grafia pela primeira vez. Criado por volta de 1532, este estilo trabalhava quedas, imobilizações e golpes traumáticos, além do estudo do manuseio de armas como bastão e espada. (SÖHSTEN, 2016b, p. 35).

No Japão, a arte marcial acaba evoluindo e inclusive sendo exportada para outros continentes que não fosse o Asiático, já que a tradição das artes marciais se localiza nesta área, como mencionado por Söhsten. “Daquele estilo evoluiu o *yoshin-ryu jujutsu*, que em 1632 era o mais tradicional e difundido em todo o Japão, passando inclusive a ser ensinado em outros continentes.” (SÖHSTEN, 2016b, p. 35).

O jiu-jitsu foi um dos estilos de lutas primordiais do Japão, e dele surgem outras vertentes, como o Judô e o Aikido, mostrando a importância desta arte marcial inclusive entre as outras artes marciais. “Dessa tradicional escola surgiu, por volta de 1830, um novo estilo que transforma o mundo. O *tenjin shiryo-ryu jujutsu* teve entre seus alunos grandes

referências mundiais: Jigoro Kano - pai do judô - e Morihei Ueshiba - pai do aikido." (SÖHSTEN, 2016b, p. 35).

Jigoro Kano desenvolveu o estilo próprio de luta e acabou atraindo um aluno em especial chamado Mitsuyo Maeda, que se torna figura importante para o jiu-jitsu brasileiro. Kano também é responsável por criar costumes mantidos até os dias atuais, como, por exemplo, o sistema de faixas, já que naquela época existiam apenas duas faixas de graduação, sendo utilizadas apenas a branca para o aprendiz e a preta pelo professor. Outra tradição desenvolvida por Kano é a utilização dos quimonos para a prática de artes marciais. Essa importância de Kano para o jiu-jitsu é comentada por Söhsten,

> Foi em 1882 que Kano decidiu fundar sua própria escola, denominada Kodokan. Muitas vezes seu estilo foi chamado de Kano jujutsu, sendo definitivamente consagrado sob a cunha de judô algumas décadas depois. Foi com o mestre Jigoro Kano que surgiram muitos costumes consagrados, como a graduação por faixas e o uso de kimono como conhecemos. (2016, p. 35).

No Brasil, foi exportado do Japão pelo já mencionado Mitsuyo Maeda, no início do século XX. "Conde Koma" como também era conhecido, veio ao Brasil para ajudar uma colônia japonesa no norte do país, este é o primeiro contato com a "Família Gracie", que posteriormente revolucionou a arte. Gastão Gracie ajuda Maeda a se estabelecer na cidade de Belém, em "gratidão começa a ensinar a arte para o filho mais velho, Carlos Gracie" (GRACIE; SOTO, 2009, p. 15). Este, então, seria o novo momento que marcaria a arte marcial, o jiu-jitsu teria uma nova pátria, o Brasil.

Carlos Gracie acaba apaixonado e se dedicando à arte. Pratica por alguns anos até se mudar com a família para o Rio de Janeiro. Com dificuldades financeiras, começa a dar aulas de jiu-jitsu. Para conseguir alunos, com a dificuldade de ser uma novidade, adota uma estratégia considerada ousada na época: promovia lutas e desafios nos jornais. Esses desafios eram para aumentar a credibilidade da arte, por isso é caracterizado por confrontos reais, para chamar a atenção de uma maneira geral da população. Começa desafiando capoeiristas e boxeadores, que acabaram se tornando celebridades no Rio de Janeiro nas décadas de 20 e 30.

A "Família Gracie" tem papel fundamental na concepção do jiu-jitsu moderno, pois o jiu-jitsu exportado pelo Conde Koma era um método similar ao praticado por samurais. Os samurais utilizavam o jiu-jitsu como "plano B" caso em batalha perdessem sua espada *katana*, então utilizavam-se técnicas para derrubar o adversário, já que as armaduras eram pesadas,

dificultando o lutador de se levantar. Essa visão de luta foi questionada por Hélio Gracie que, além de questionar um princípio, também mudou o signo do corpo do lutador.

A história de Hélio Gracie no jiu-jitsu acontece de forma inusitada. Filho mais novo de Gastão, que tinha oito filhos, quando criança Hélio tinha o corpo físico frágil. Aos oito anos convence a mãe a parar de estudar e aos 16 passa a morar com os irmãos no Rio de Janeiro. Neste momento, a família já era conhecida e Hélio permanecia sem ligação com jiu-jitsu. Fica um bom tempo assistindo aos irmãos praticando e ensinando jiu-jitsu. Os médicos o proibiram de praticar exercícios, principalmente arte marcial, devido ao seu corpo frágil.

Certo dia, um aluno do seu irmão Carlos chega para tomar aula, porém ele não estava presente para dar a aula. Hélio então propõe ao aluno que ele ensine no lugar do irmão, “já que tinha decorado os movimentos, a proposta acaba sendo aceita pelo aluno”(GRACIE; SOTO, 2009, p. 17). Ao chegar, Carlos se desculpa e fala para o aluno que poderiam começar a aula. Porém, ele o informa que já tinha tomado aula com seu irmão e que a partir daquele momento gostaria de ter aulas com Hélio. Seu irmão Carlos acabou concordando.

Porém, o início de Hélio com o esporte foi complicado, apesar de conhecer todos os movimentos, encontrou dificuldades na execução, pois eram projetados para corpos que continham força física.

Esse foi o ponto chave para a revolução dos princípios do jiu-jitsu. Hélio Gracie inicia seus estudos para adequar a arte ao seu corpo franzino. Após várias tentativas, cria movimentos que não necessitavam de força. Esses movimentos foram inspirados nas alavancas, ou seja, movimentos que não necessitavam de tanta força, sendo uma das principais técnicas criadas, chamada de “guarda” do jiu-jitsu brasileiro. Hélio Gracie, com 63 kg acaba se destacando, até mesmo entre seus irmãos. A palavra “revolução” (GRACIE; SOTO, 2009) é reforçada pela própria família na biografia autorizada de Hélio Gracie. Neste momento, ele cria técnicas para que pessoas como ele, consideradas fracas, pudessem praticar a arte marcial também. Não era da feição de Hélio Gracie demonstrar fraqueza, apesar de ser fraco. Nesta época, começa a discordar de George Gracie, irmão considerado estrela, conhecido como “gato ruivo”, por ser desbravador, bonito e frequentar festas. Hélio Gracie se rebela contra George, não seguindo mais o irmão.

A arte marcial acaba sendo transformada por Hélio Gracie em uma nova modalidade, o “Gracie Jiu-Jitsu” ou, como é conhecido de forma popular, o “jiu-jitsu brasileiro”. Um jiu-

jitsu mais favorável para pessoas mais fracas ganharem do mais forte. Considere o "*marketing* Gracie", no qual "o magrinho vence o forte".

Hélio Gracie se determina a desafiar os maiores lutadores de seu tempo, como o americano de luta-livre, Fred Ebert. A luta foi considerada clandestina e interrompida pela polícia.

Neste contexto histórico, uns dos primeiros momentos polêmicos foi o dissentimento com o também lutador Manoel Rufino dos Santos, que havia perdido para Carlos Gracie e comentava que o jiu-jitsu era "marmelada", uma armação. Tal declaração foi considerada uma heresia pelos Gracies e Hélio acaba brigando com Rufino na rua. Porém, o caso acaba repercutindo e aumentando a fama de Hélio que se torna o maior representante dos Gracies.

No início dos anos 30, a família Gracie torna-se o principal assunto nos jornais cariocas, tendo *status* de celebridades. Apesar de criticados pela violência, os eventos de desafios eram o principal atrativo de público e Hélio era o principal nome do clã Gracie.

No auge do seu sucesso em 1934, ocorre o primeiro ponto negativo para o esporte, o já comentado desentendimento com Manoel Rufino. Hélio Gracie e seus irmãos foram condenados a dois anos de prisão por agressão. A população, ao saber da prisão de Hélio Gracie e seus irmãos, acaba fazendo uma reivindicação para que eles fossem soltos. Após a pressão da sociedade, os Gracies são libertados por um indulto presidencial.

Hélio Gracie foi tão importante para a arte marcial que seus feitos na época repercutiram de tal forma que se tornou um dos primeiros "ídolos" esportivos brasileiro. Ao ser convidado para ir ao Palácio Presidencial, a primeira dama, Darcy Vagas, diz ao atleta: "Hélio, salve a juventude brasileira."(GRACIE; SOTO, 2009, p. 18).

Com tamanho sucesso, foram as principais capas de revistas da época, tinham quadrinhos próprios. Em poucas palavras, a família Gracie era o destaque da mídia convencional.

O corpo considerado fraco foi o ponto chave para uma mudança realizada no mundo das artes marciais que antes era sinônimo de corpos grandes e avantajados atleticamente. A tradição foi quebrada, assim como o princípio básico das artes marciais, no qual o adversário ficar de costas no chão é sinal de derrota. Esses feitos foram a superação e busca de novos conhecimentos.

Em 1947, os irmãos Carlos e Hélio Gracie abrem uma nova academia no Rio de Janeiro, que teria grande importância para o jiu-jitsu brasileiro. Criam, então, um método de defesa

pessoal, acabam atraindo pessoas das mais variadas classes e gêneros, inclusive personalidades importantes, como políticos e empresários. Hélio Gracie incentiva que seus alunos tenham hábitos saudáveis, como não fumar e beber. Neste momento, o jiu-jitsu é visto por alguns como uma doutrina ou um estilo de vida.

Os maiores desafios da família Gracie foram contra os japoneses. Este fato foi visto como oportunidade de expansão mundial, principalmente na Ásia.

> (…) pois, atravessando as fronteiras do nosso país, o nome da família Gracie chegou também no Japão, causando impacto e incomodando os donos do jiu-jitsu mundial, não acreditando eles que neste nosso país longínquo pudesse haver um jiu-jitsu tão evoluído quanto o deles. E assim, para conferir, enviaram, dos seus lutadores, dois expoentes dessa tradicional luta japonesa. (VIRGÍLIO, 2002, p. 100).

Hélio Gracie e seu corpo, classificado por médicos como incapaz, realizou 17 lutas, incluindo desafios internacionais com lutadores bem mais pesados.

Entre os oponentes desafiados, o mais famoso foi o japonês Kimura[6] "que pesava 35 quilos a mais"(GRACIE; SOTO, 2009, p. 18). Kimura disse para Hélio Gracie que aceitaria o desafio caso Hélio ganhasse do vice-campeão mundial. Portanto, Gracie enfrenta e ganha de Jukio Kato[7].

> A revista Cruzeiro assim relata: "Em oito minutos, Hélio Gracie liquidou, no Pacaembu, um dos maiores lutadores de jiu-jitsu do mundo – termina a luta senhor juiz, senão o japonês morre" (…) De fato, Hélio avisou o árbitro de que Kato já estava dormindo, mas o árbitro não interrompeu a luta, e por única e direta razão de lealdade e disciplina de nosso lutador, do seu respeito pelo adversário, Kato pôde sobreviver porque Hélio simplesmente o largou espontaneamente, prevendo as consequências funestas se continuasse aplicando a técnica do "shime-wazá" (estrangulamento), com que decretou a derrota de seu oponente. (VIRGÍLIO, 2002, p. 100).

Kimura estava presente na luta, prestigiando Hélio Gracie, que acaba ganhando o direito de lutar contra o japonês. A luta aconteceu em 23 de outubro de 1951, levando um público de 40 mil pessoas ao Maracanã, inclusive o vice-presidente da república, Café Filho. Este embate contra o japonês Hélio Gracie perdeu, porém foi considerado um grande lutador e acabou sendo convidado por Kimura para ir ao Japão dar aulas.

Outro grande feito de Hélio Gracie, aos 42 anos, foi realizar uma luta contra Waldemar Santana, em 1955, a "luta mais longa da história, contra um ex-aluno que tinha apenas 25 anos" (GRACIE; SATO, 2009, p. 22). Esta luta foi considerada uma luta pela honra, não

[6]Campeão mundial de jiu-jitsu japonês do período.
[7]Vice-campeão de jiu-jitsu japonês do período.

valendo título e nem dinheiro. A luta durou 3 horas e 40 minutos, sendo paralisada por seu irmão Carlos, que teve a intenção de preservar o irmão uma vez que ambos os atletas não queriam desistir. Esta foi a última luta da carreira de Helio Gracie. Apesar da derrota, no dia seguinte, 125 novos alunos procuraram a academia dos “Gracies” para fazer inscrições.

A revanche foi marcada e Waldemar foi derrotado por Carlson Gracie, filho de Hélio. O combate foi considerado um ato de selvageria e violência pela imprensa, resultando na proibição de eventos do gênero no Rio de Janeiro. Hélio Gracie, após se afastar das competições, passa a se dedicar como professor em tempo integral e treinador dos seus filhos.

O público ficou novamente empolgado com as lutas de jiu-jitsu, inclusive por causa da sensação causada por Carlson Gracie. O jiu-jitsu viveu o momento de ter suas lutas transmitidas pela televisão, como é observado pelo relato de Felipe Awi,

> (...) o Garotão (Carlson Gracie, filho de Carlos e sobrinho de Hélio) venceu Guanair Vidal, desafeto dos Gracie, de forma espetacular, com um nocaute técnico em apenas quatro minutos. O patrocinador, Abraão Medina, ficou entusiasmado com a reação animada do público. Dono da rede de lojas de eletrodomésticos O Rei da Voz, Medina era um empreendedor nato. Publicitário, empresário musical (de craques como Ronaldo Bôscoli, por exemplo), foi um dos primeiros anunciantes da televisão brasileira. Foi ele quem convenceu o dono da TV Continental, o pernambucano Rubens Beraldo, a exibir um programa semanal dedicado ao vale-tudo (ou luta livre americana, como alguns jornais chamavam). (AWI, 2012, p. 59).

Com tamanho crescimento do esporte, sendo seguido inclusive pela rivalidade das modalidades (jiu-jitsu e luta-livre), as lutas de vale-tudo chegaram a ser transmitidas pela Rede Globo,

> Após um relativo rescaldo no vale-tudo, apesar da rivalidade entre as modalidades ter se mantido bastante presente, a próxima grande exibição pública de relevância nacional foi o duelo entre o jiu-jitsu e a luta-livre, denominado o Grande Desafio, ocorrido no ano de 1991, no Grajaú Country Club, transmitido desta vez pela já maior emissora de TV do país, a Rede Globo. (ALVAREZ, 2013, p. 52).

Porém, as transmissões não demoraram muito tempo, a má impressão pelo esporte foi construída já pela primeira transmissão que, apesar de não ter sido ao vivo e contar com edições, a luta sangrenta acabou causando desconfiança nos telespectadores mais conservadores. Awi comenta tal ocorrido como um desastre para o esporte.

> O maior derrotado, porém, foi o *fair play*. Léo Batista, o mais antigo apresentador esportivo da TV Globo e também ex-apresentador de lutas de boxe, estava indignado. Ele abriu a transmissão, chamando um *videotape* em que se explicavam

> as origens e as características das duas modalidades. Em seguida, prometera uma luta limpa ao telespectador: “como todo esporte, tem que existir regulamento, senão vira bagunça. Confira as regras para o Grande Desafio daqui a pouco”, disse. Além de soco de mão fechada, não valeriam golpes baixos, dedo nos olhos, mordidas e puxão de cabelos ou orelhas. A luta seria decidida de três maneiras: nocaute, desistência ou pelo estouro do tempo, o que significava empate. Mas, logo no primeiro combate, o telespectador ficou com a impressão de que a TV Globo havia posto no ar, em plena noite de sábado, um festival de pancadaria. Uma luta sem regras, regada a sangue. (AWI, 2012, p. 105).

Outro fator para o fracasso deste evento foi a eventual invasão do *ring* de luta por parte do público tornando o momento menos propício ainda para o esporte, inclusive para jiu-jitsu. Tal prejuízo de imagem é comentado por Awi.

> Para o vale-tudo, no entanto, os prejuízos foram enormes. O primeiro deles, político. As autoridades presentes saíram contrariadas com o excesso de violência dentro do ringue e o clima de guerra fora dele. “O prefeito foi embora sem falar comigo, nem se despediu. Aliás, nunca mais falou comigo depois disso”, conta Docelar, que lamenta até hoje o prejuízo financeiro por causa da invasão e do golpe da receita dos ingressos. O dano mais grave, porém, foi à imagem do esporte. O desrespeito às regras, destacado na transmissão da TV Globo, associado à quantidade de sangue que foi ao ar, assustou os telespectadores mais conservadores. O vale-tudo ficaria muitos anos sem ganhar o mesmo destaque na televisão aberta brasileira. Miguel Pires Gonçalvez diz que não houve uma cobrança interna da emissora. Para os observadores mais atentos, estava claro que o Grande Desafio tinha sido menos um evento esportivo do que um acerto de contas. (AWI, 2012, p. 117).

Apesar deste período não propício ao esporte, o elo entre a família Gracie e objetivo de Hélio em mostrar que sua arte marcial era superior às outras não foi abalado.

A família Gracie, até os dias atuais, é, por tradição, uma família de lutadores de jiu-jitsu, ou seja, todos os membros aprendem jiu-jitsu desde crianças, um feito único realizado por tanto tempo. Esta tradição foi reforçada por Hélio Gracie, que fazia questão de transmitir o seu conhecimento para os seus filhos e sobrinhos.

Hélio Gracie sempre foi muito claro sobre a sua posição como mestre, tendo a intenção de demonstrar qual seria a postura de um lutador, conforme trecho extraído de um vídeo (foram respeitadas as marcas da oralidade):

> Primeiro eu não fazia, pois não conseguia adaptar-me para aplicar os golpes, eu comecei a fazer adaptações desse jiu-jitsu para mim, criando um jiu-jitsu um pouco diferente porque aqueles golpes não conseguia aplicar, comecei me ajeitar fiz o jiu-jitsu para mim, este jiu-jitsu foi dando uma maior eficiência, um dia vem um cara muito forte lutar comigo, onde foi minha primeira luta, o nome dele é Edgar Santos Rocha, e sendo que na mesma obtive vitória. Em tempos depois, Carlos Gracie arranjou outra luta, dali para cá venho aprimorando cada vez mais a técnica, sendo a mesma que dominou o mundo. Eu devo tudo ao jiu-jitsu, eu era um garoto fraco,

> nervoso, complexado, eu achava que ser valente era não ter medo de brigar, acontece que depois que comecei a praticar jiu-jitsu passei a não brigar, passei a acreditar em mim, passei a ser tolerante com as coisas, e sou um homem tolerante, aparentemente, pois o controle do jiu-jitsu foi tão grande me fez bom moralmente. Todo brigador é covarde, todo brigador é inseguro, por isso que ele briga. O homem seguro e confiante, quando seguro moralmente, ele domina a pessoa com a moral e não com briga. (GRACIE, 2006).

Esses fatos históricos sobre o jiu-jitsu brasileiro e seu criador são importantes para contextualizar o jiu-jitsu e sua filosofia. As pessoas que não praticam artes marciais, ainda têm uma visão errônea sobre o atleta de lutas, principalmente do jiu-jitsu, e o próprio criador não faz parte deste estereótipo.

Hélio Gracie se dedicou à carreira dos filhos. Nos anos 70, Rorion Gracie, filho primogênito de Hélio, muda-se para os Estados Unidos, objetivando a expansão do jiu-jitsu brasileiro em terras norte-americanas. O início para Rorion foi muito difícil, principalmente financeiramente, pois o brasileiro não tinha um lugar para se acomodar. Este início teve como motivo o simples fato de o jiu-jitsu não ser conhecido pelos americanos. Após se estabelecer no país com empregos convencionais, não ligados a artes marciais, Rorion abre sua primeira academia na garagem de sua residência. E, mais uma vez, um Gracie utiliza de desafios para tornar conhecido o jiu-jitsu. Usando a técnica de publicidade do tio e do pai, Rorion divulga em jornais desafios com intuito de atrair alunos e demonstrar a arte marcial, até então desconhecida. Logo a academia atrai alunos, entre eles alguns famosos, como o caso do ator norte-americano Mel Gibson[8].

Enquanto Rorion Gracie expande o jiu-jitsu pelos EUA, Rickson Gracie, filho mais forte de Hélio, faz fama pelo Japão, sendo considerado o melhor lutador da época.

Um dos principais motivos para o esporte chegar ao patamar mundial foi a criação do Ultimate Fighting Championship (UFC) em novembro de 1993, por Rorion Gracie. O UFC marca a expansão mundial do jiu-jitsu brasileiro, sendo que o grande propósito do evento era demonstrar a superioridade da arte marcial contra outros estilos de artes de marciais. “A história das artes marciais pode ser dividida em duas eras: antes do UFC e depois do UFC” (GRACIE; SOTO, 2009, p. 34). Awi relata o crescimento e a transmissão do vale-tudo nos EUA.

> Art Davie acompanhou os altos e baixos de Rorion, da garagem à academia que comprou em Torrance. Matriculado como aluno, tornou-se amigo do mestre. De vez

[8] Mel Columcille Gerard Gibson é um ator, diretor de cinema, produtor cinematográfico e roteirista estadunidense.

> em quando, os dois conversavam sobre a possibilidade de levar o jiu-jitsu para muito mais gente. Davie então não tinha dúvidas de que a única maneira de fazer isso era com a ajuda da televisão. Rorion lhe falou sobre o sucesso do passageiro *Heróis do Ringue no Brasil*, e os dois concordaram que os desafios ao vivo ainda eram a melhor maneira de atrair as pessoas. Mas, dessa vez, eles não poderiam usar emissoras de sinal aberto, como Carlos e Hélio fizeram quase quarenta anos antes. As lutas poderiam ser violentas demais para o público americano. O caminho seria um sistema de transmissão ainda inexistente no Brasil na época, o *pay-per-view*. Davie conhecia uma empresa nova-iorquina especializada na venda de shows musicais pela televisão, o Semaphore Entertainment Group (SEG). (AWI, 2012, p. 93).

Neste momento, é criado um modelo americano do que era conhecido no Brasil como "vale-tudo", que veio a se tornar hoje o MMA[9] que, na época, chegou a causar desconfiança por ser divulgado como um evento de artes marciais sem regras, porém havia regras. Quando anunciado sem regras era no sentido de qualquer modalidade poderia participar: boxe, caratê, sumô etc., ou seja, não era uma competição de uma arte marcial específica, não existia uma regra que limitasse isso. "Em 1993, ao criar o UFC e anunciar: 'Não existem regras', Rorion marcou a história das artes marciais de uma forma sem precedentes" (GRACIE; SOTO, 2009, p. 34). "Royce Gracie, o filho mais novo e mais leve de Hélio"(GRACIE; SOTO, 2009, p. 28), foi campeão nas três primeiras edições, causando curiosidade e espanto na comunidade das artes marciais. Esta foi mais uma das formas encontradas pelos Gracies para popularizar a arte marcial, jiu-jitsu brasileiro, desta vez em terras americanas, onde ainda eram pouco conhecidos. O evento que foi inicialmente criado pela família de brasileiros, os Gracies, em 1993, foi posteriormente comprado pelo valor de 2 milhões de dólares por dois irmãos da família Fertitta, em 2001. A empresa Zuffa é detentora dos direitos do UFC, que atualmente vale cerca de 1,2 bilhão de dólares e é a maior organização de artes marciais do mundo.

Porém, este sucesso do evento não existia enquanto pertenceu à família Gracie. Inicialmente, o UFC tinha como propósito mostrar a superioridade do jiu-jitsu brasileiro, estilo de arte marcial criado por integrantes da família Gracie, contra os outros estilos de luta. O evento era amador, não tinha regras e limite de tempo, porém era transmitido na televisão por *pay-per-view*.

O jiu-jitsu brasileiro pode ser considerado uma semente do extinto Vale-Tudo e atual MMA. O Vale-Tudo tem como origem os desafios dos Gracies a outras modalidades de artes marciais, tendo como finalidade demonstrar a superioridade do jiu-jitsu brasileiro diante de

---

[9] Mais conhecidas pela sigla MMA (do inglês: mixedmartialarts) são artes marciais que incluem tanto golpes de combate em pé quanto técnicas de luta no chão. O principal evento de MMA é o UFC.

outras modalidades. O que era para ser, a princípio, um desafio acabou como uma forma de entretenimento de público e reconhecimento da arte marcial.

Desde o início até os dias de hoje, o evento é realizado em ringues com oito lados, chamados octógonos, parecendo jaulas por causa das grades. Nunca ocorreu uma morte no evento.

Após os primeiros eventos, o UFC caiu no gosto do público, sendo um sucesso de venda de *pay-per-view*. Porém, era considerado um entretenimento violento e sanguinário, logo atraindo opositores como o senador americano do Arizona, John McCain.

Com a pressão política, o evento saiu dos principais canais *pay-per-views*, ficando apenas com a Directv, derrubando a audiência. A falta de regras levou o evento à decadência, pois seu único intuito era mostrar qual modalidade era melhor, não importava tempo ou as maneiras que levariam o lutador a ser campeão, por exemplo, os lutadores lutavam sem proteções, sem luvas, e até mesmo era permitido puxar o cabelo; era comum ver dentes e pedaços de cabelo no octógono.

Esse foi o declínio de um esporte promissor, mas lentamente foram criadas mais regras, diminuindo a violência do esporte, sob a supervisão de comissões atléticas, tendo como objetivo melhorar a imagem do esporte diante da sociedade. Deixou-se até mesmo de utilizar o *slogan* “Não há regras” e foi modificado o nome de Vale-Tudo para MMA ou Artes Marciais Mistas. Mas o pouco investimento, *marketing* fraco, divulgação e eventuais mudanças de regras fizeram com que a família Gracie colocasse o evento à venda.

Em janeiro de 2001, dois irmãos viram a oportunidade na compra do evento, mesmo em processo de falência. A venda foi fechada com Lorenzo e Frank Fertitta, pelo valor mínimo de U$ 2 milhões. Com a compra, os irmãos criaram a *Zuffa*, empresa que controla o evento até os dias atuais. Para alavancar o evento e alcançar o patamar do boxe, foi contratado o promotor e ex-lutador de boxe Dana White como presidente da organização. Este é considerado o início da recuperação do MMA.

Com o passar do tempo, o evento foi criando popularidade entre os americanos, principalmente, o MMA foi crescendo como um todo, passou a ser tratado como um esporte, tornando-se uma nova modalidade esportiva. Os atletas são considerados de alta performance, os lutadores se dedicam a treinos exaustivos para o melhor aproveitamento técnico. Com a mudança das regras, o principal é a preservação da integridade física dos atletas; os eventos sempre contam com médicos e juízes treinados para intervir caso precise. O evento passou a

ser tratado como um show, com arenas lotadas, promoções e ampla divulgação. O esporte é considerado profissional e, no atual momento (2015), o UFC está em sua 182ª edição, conta aproximadamente com 300 lutadores e tem um valor de marca de U$ 1,3 bilhão, tem grandes patrocinadores (entre eles, o mais recente a *Reebok*), os eventos são realizados em vários países, conta com venda de produtos (*games*, roupas, bonés, acessórios etc.) e com um *reality show* o *The Ultimate Fighter.*

No Brasil, o evento é transmitido desde 2011 pela Rede Globo, a parceria foi concretizada após o grande crescimento da popularidade do UFC no país. Desde então, a organização é detentora da exclusividade do evento no país.

No atual modelo do UFC, nenhum membro da família Gracie é campeão.

Mas neste entrelaço de MMA e Jiu-Jitsu, os caminhos foram diferentes, por um lado, o MMA é um esporte mais chamativo, abusando do *marketing* para atrair público, um modelo convencional nos esportes americanos como futebol americano, basquete e *baseball*. Os atletas de MMA ganham quantias de dinheiro próximas as de atletas de boxe. Já o Jiu-Jitsu brasileiro manteve-se tradicional, com campeonatos no formato olímpico, no qual os atletas campeões ganham medalhas ao invés de dinheiro.

Neste processo de demonstrar o jiu-jitsu como uma arte superior, pode-se observar que, com o passar do tempo, o MMA acabou passando o jiu-jitsu em popularidade, inclusive causando confusão sobre de qual esporte se trata. Este ponto é importante deixar claro, o jiu-jitsu brasileiro é um esporte, ainda dominado por brasileiros, em quantidade de atletas, campeões e organizadores (CBJJ e IFBJJ)[10]. Já o MMA é um dos esportes que mais crescem no mundo, tendo várias organizações, sendo considerado profissional, e o atleta de MMA não utiliza apenas uma única técnica.

Essa complexidade histórica tem um percurso linear, estando ligada à família “Gracie”, porém o resultado acaba sendo confuso, principalmente para o público não praticante. Então é muito comum ver pessoas comentarem sobre o jiu-jitsu ou artes marciais mistas e se confundirem, pensando que ambos se tratam da mesma coisa.

Os esportes jiu-jitsu e MMA são bem divididos na atualidade, os dois tomaram rumos diferentes, um foi para o lado esportivo e o outro para o entretenimento. Mas, claro, os esportes ainda conversam de certa forma, pois alguns lutadores de jiu-jitsu migram para

[10] CBJJ - Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu e IFBJJ - InternationalBrazilian Jiu-Jitsu Federation, são federações detentoras dos campeonatos mais importantes de jiu-jitsu brasileiro (Opens, Brasileiro, Europeu, Asiático, Americano, Pan-americano, Mundial etc.).

eventos de MMA, inclusive não apenas de jiu-jitsu, outras modalidades também, porém o jiu-jitsu não se promove mais através do MMA, tendo campeonatos, eventos, mídias (revistas, sites, fóruns e rede sociais) etc., em plena exclusividade, ou seja, o esporte sendo tratado como único para essas realidades. Esta era uma das obstinações de Hélio Gracie que, ao criar o "vale-tudo", não tinha pretensão de criar um novo esporte, como ocorreu com o MMA, mas sim mostrar ao mundo que ele tinha uma arte marcial chamada de jiu-jitsu brasileiro e que ela deveria ser conhecida pelo mundo das artes marciais.

2.1.2 Princípios ético-normativos do jiu-jitsu e a sociedade

Neste tópico, será detalhada a relação do esporte e as suas expectativas com o meio social, tanto dentro de um *dojo* quanto fora dele. O apoio teórico é do livro *Busca da Excitação*, de Norbert Elias e Eric Dunning, dois sociólogos que estudaram as relações do esporte com a sociedade. Este trecho da pesquisa será para fundamentar o jiu-jitsu como um esporte, demonstrando os aspectos que o qualifiquem como uma prática saudável e, consequentemente, como desporto.

É esperado que o jiu-jitsu seja tachado como violento, principalmente por ser uma arte marcial e um esporte de contato físico, mas o que se vê nas academias é de longe um incentivo para práticas violentas, ainda mais nas ruas ou em eventos externos a competições. Um professor qualificado de jiu-jitsu sempre presa pelo respeito antes de qualquer técnica. Provavelmente, a primeira coisa que um iniciante irá aprender é cumprimentar o tatame e posteriormente os professores e colegas antes de qualquer outra coisa, este cumprimento é uma forma de respeito à arte marcial, ao local e aos colegas. O respeito é dedicado até mesmo ao local de treino, uma tradição vinda da cultura japonesa. O jornalista Söhsten comenta, no artigo da revista Graciemag, *A casa do lutador*, que um tatame ou *dojô*, é um local que busca reflexão e dedicação pelas artes marciais.

> O tatame, em si, é apenas o solo onde se pratica a arte marcial e o local que o abriga, na maioria das vezes, é o que chamamos de *dojô*. A tradução literal desta expressão é tida como "o sítio do caminho". Neste caso, "caminho" não é o local físico que se percorre, mas a essência, a estrada que conta a história de cada artista marcial. Logo, o *dojô* é o local ideal para percorrer a trilha, no sentido quase espiritual, em busca de evolução como lutador. Este caminho é o que o japonês chama de *budô*, que literalmente significa o "caminho marcial" e deriva do "*bujustsu*", uma arte marcial que busca, através da experimentação de técnicas e

> comprovação de sua efetividade, do mesmo modo que um cientista busca resultados empíricos para comprovar suas teorias. (SÖHSTEN, 2016, p. 26).

Por isso que ao entrar num tatame, é feito o cumprimento, sendo este ato um sinal de respeito ao conhecimento e um ato espiritual. Porém, estas regras podem mudar de um local para outro. O mais importante de todas as regras é o respeito acima de tudo. Por isso, faltar com o respeito, principalmente no local de treino, é o pior erro de um praticante de jiu-jitsu ou de qualquer outra arte marcial, pois “o primeiro e mais importante mandamento é certamente o respeito” (SÖHSTEN, 2016a, p. 26).

O jiu-jitsu é um esporte individual, no qual o atleta ou praticante busca um aperfeiçoamento próprio, porém a busca deste resultado está longe de ser individual. Este esporte é impossível de treinar ou aprender sem pelos menos outro colega, por isso vemos muitas equipes espalhadas pelo mundo, ou seja, quando vemos um campeão é muito provável que existe uma equipe também campeã por trás deste resultado. Os professores de jiu-jitsu costumam dizer: respeite seus colegas de treinos, pois, acima de tudo, serão eles que irão emprestar seus corpos para que o praticante possa treinar, aprender e até mesmo ter um momento de lazer.

Após aprender que dentro de um tatame é necessário respeito pela arte marcial, pelo local e pelas pessoas, o próximo passo é aprender as regras, que são inúmeras, indo desde manter quimonos sempre limpos até golpes proibidos. Para Söhsten (2016), isso faz parte do aprendizado de qualquer local de luta e as normas devem fazer parte da vida de qualquer lutador, como é mencionado por ele.

> Deve-se respeitar o local e os praticantes que ali frequentam. Normas como não pisar com calçado no tatame, não comer e não beber na área de treino, não ficar de conversa com o companheiro enquanto o professor explica, manter as vestimentas limpas e a higiene pessoal em dia são algumas das exigências mais comuns. (SÖHSTEN, 2016a, p. 26).

Não se pode deixar de mencionar também a respeito do silêncio, que é mantido quando o professor está em discurso; é raro o momento em que é preciso pedir silêncio para os alunos, pois eles já sabem qual é a maneira de se portar, inclusive os iniciantes e crianças, que seguem os passos dos mais experientes. No último caso, e dependendo do professor, o aluno é convidado a fazer flexões de braço, assim como é feito em quartéis generais com os recrutas não disciplinados. Mas, lembrando, que é muito raro este fato.

Outra questão importante a ser exaltada no jiu-jitsu é a hierarquia existente, tanto que ao entrar em um tatame os colegas devem ser cumprimentados na ordem de graduação. Esta ordem de graduação é feita de forma vertical, indo na sequência de: branca, azul, roxa, marrom e preta. Estas cores são as comuns para adultos, pois existem as cores intermediárias para crianças e juvenis. Existem também as cores selecionadas para os mestres, que são aquelas acima da faixa preta, sendo elas: vermelha e preta, vermelha e branca e, por último, representando o nono e décimo grau, a cor vermelha.

Ao chegar à faixa preta, normalmente leva-se um período aproximado de 10 anos ou mais, o atleta ou praticante estará qualificado como professor de jiu-jitsu. A faixa preta é a mais difícil de ser conquistada, pois ela necessita de qualidade técnica apurada, mas também de uma série de outras qualidades como, por exemplo, respeito aos colegas. Quando a questão é a faixa preta, para o professor Fabio Gurgel[11], conhecido como General, os requisitos devem ser levados a sério para a progressão do aluno, como é mostrado neste trecho da entrevista na revista especializada Graciemag.

> Na minha opinião, o critério para a faixa preta engloba vários fatores: a técnica obviamente; o tempo de estrada; o conhecimento da história do Jiu-Jitsu; a frequência às aulas; comportamento exemplar e a gentileza em relação aos outros. Porém, alguns professores não se preocupam tanto e passam por cima de algumas etapas importantes. Precisamos lembrar sempre que muitas vezes esses que estão se graduando hoje vão passar o Jiu-Jitsu adiante. Sem critérios, a graduação vira um telefone sem fio, a mensagem que chega lá na ponta vai ficando muito longe da origem. Hoje, na Alliance, nós temos um sistema de graduação baseado na frequência do aluno. Porém, quando o assunto é a faixa preta isso passa a ser apenas um pré-requisito, não sendo garantia de absolutamente nada. O aluno precisa completar todos os requisitos, ou fica na marrom - faixa preta não é para todos. (GURGEL, 2015, p.19).

Então, para ser qualificado um faixa preta, o praticante deve ser completo, em requisitos técnicos e capacidade de interagir com as pessoas, ou seja, não irá adiantar o atleta ser um grande campeão, ganhar de todos, se não for um exemplo de comportamento dentro e fora dos tatames.

Como comentado antes, as regras e o respeito por elas fazem parte da vida dos lutadores de jiu-jitsu. Um grande exemplo disto é que em campeonatos, o lutador não pode comunicar-se com o juiz, somente em caso de lesão ou ameaça à preservação da sua

[11] Lutador e professor de Jiu-jitsu brasileiro, dos mais respeitados nomes da história do jiu-jitsu e das lutas em geral. Começou a praticar a arte marcial aos 13 anos de idade, como aluno do professor Romero “Jacaré” Cavalcanti, foi graduado faixa preta com dezenove anos, em 1989. Atualmente, Fábio possui o 6º Grau na faixa preta e é considerado um dos lutadores mais técnicos do jiu-jitsu. Fundador da equipe Alliance.

integridade física. Esta medida foi adotada para evitar que os atletas façam reclamações durante a luta. Então, mesmo que um árbitro erre no seu julgamento de pontuação, o atleta não pode reclamar no ato da luta.

Em competições, as regras servem principalmente para preservar a integridade física, apesar de ser um esporte novo se comparados a outros, principalmente por surgir competições específicas de jiu-jitsu brasileiro somente na década 90, o primeiro mundial foi realizado em 1996, as regras são bastante evoluídas. A Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu disponibiliza, em seu site[12], o livro de regras que está no 4º volume, tendo 44 páginas. Neste livro existem regras de pontuação, vestimentas apropriadas, golpes proibidos e ações proibidas. Em relação a esta última citada, em um mundial, certo atleta que fora campeão acabou sendo desclassificado por sair e comemorar a vitória fora do tatame. A regra é polêmica, porém, ela existe e deve ser respeitada.

O sociólogo Norbert Elias comenta que as regras são necessárias para os esportes, principalmente os de contato, sendo o caso do jiu-jitsu. Neste trecho, ele comenta sobre as regras em um desporto, e que elas são necessárias até mesmo para legitimar o ato: fica claro que, “em alguns desportos, existem áreas pouco nítidas onde a violência se pratica. Mas, na maioria dos confrontos desportivos, as regras existem com a finalidade de manter essas práticas sob controle”. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 40).

Outra questão que leva dúvida às pessoas é se o jiu-jitsu pode ser considerado esporte além de arte marcial. Um argumento a favor é que, além de defesa pessoal, o jiu-jitsu ensinado nas academias é específico para competições, englobando uma série de regras, inclusive bem diferentes do MMA, das quais: são proibidos golpes contundentes como chutes, socos, joelhadas e cotoveladas. Inclusive, o jiu-jitsu esportivo é o que movimenta o crescimento do esporte, mas é criticado por alguns professores por considerarem que o jiu-jitsu competitivo foge da essência da arte marcial, que foi criada com intuito de defesa pessoal. Porém, são opiniões particulares.

Só pelo fato de ter regras e competições devidamente adequadas, o jiu-jitsu entra na categoria de esporte. Elias e Dunning comentam a evolução dos desportos, inclusive a necessidade de regras e competições para legitimá-los.

---

[12] Livro de regras disponibilizado no site: <http://cbjj.com.br/wp-content/uploads/2015/03/RegrasIBJJF_v4_pt-BR.pdf>.

> Quando iniciamos este estudo, a sociologia do desporto dava os primeiros passos. Lembro-me bem de Eric Dunning debater comigo a questão de saber se o desporto, e particularmente o futebol, poderia ser considerado pelos especialistas das ciências sociais como um tema de investigação respeitável e, em especial, de uma tese de mestrado. Vários tipos de desporto integram um elemento de competição. São confrontos que envolvem força física ou proezas de tipo não militar. Para reduzir os danos físicos ao mínimo, existem regras que obrigam os adversários a adotar um determinado tipo de comportamento. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 39).

Por exemplo, o Krav-magá[13] não é considerado um esporte e nem uma arte marcial, é um sistema de combate corpo a corpo, ou seja, é um treinamento voltado para defesa pessoal e que deverá ser utilizada em uma situação de combate real, por isso não existem competições, mas o Krav-magá já pode ser aprendido em academias fora de áreas militares. Provavelmente haverá a popularização do sistema, assim como foi feito um dia com o jiu-jitsu.

Inclusive, Elias (1992), afirma que o esporte, de maneira geral, foi necessário para as disputas, já que a percepção da sociedade à violência está cada vez mais sensível, ou seja, a sociedade está cada vez menos tolerante a atos violentos.

> Se compararmos os jogos populares realizados com bola nos finais da Idade Média, ou até nos inícios dos tempos modernos, como o futebol e *o raguebi*, os dois ramos do futebol inglês que emergiram no século XIX, pode notar-se que existe um aumento da sensibilidade em relação à violência. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 42).

As pessoas podem até pensar que as artes marciais favorecem a violência, principalmente quando o objeto em questão são o jiu-jitsu e o MMA, porém, as duas práticas evoluem em regras a cada dia. Mas há, ainda, aqueles que pensem nestes esportes com um retrocesso desta sensibilidade em relação à violência citado por Elias (1992). Sendo mais específico, no caso do MMA, existem aqueles que gostem de lutas sangrentas e violentas, mas o esporte evoluiu com regras e capacitação dos lutadores e outros profissionais envolvidos, chegou à profissionalização. Esta medida foi tomada para proteger o atleta e sua integridade física.

Elias comenta esta transformação do desporto, inclusive exemplificando um esporte de contato, o boxe:

> A mesma mudança de orientação pode ser observada no caso do desenvolvimento do boxe. As formas mais antigas de pugilato, uma maneira popular de resolver conflitos

[13] Sistema de combate criado por Imi Lichtenfeld e utilizado por militares israelenses.

> entre os homens, não eram inteiramente desprovidos de regras. Porém, o uso dos punhos desprotegidos era acompanhado, frequentemente, pela utilização das pernas como uma arma. O padrão popular de luta desarmada envolvendo os punhos, ainda que não estivesse totalmente desprovido de regras, era bastante flexível. O aumento da sensibilidade revela-se pela introdução das luvas e, com o tempo, pelo acolchoamento destas e a introdução de várias categorias de jogadores de boxe, o que garantia um nível superior de igualdade de oportunidades. (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 42).

Essa introdução de regras também é verificada no MMA e no jiu-jitsu, falando especificamente da arte suave, com as competições, foram implementadas categorias divididas por faixas e pesos, para aumentar a competitividade, além de incluir uma série de golpes proibidos por certa categoria de faixa, e também existindo aqueles que são excluídos das competições, até mesmo nas faixas pretas, como, por exemplo, chave de cervical, que pode causar danos ao atleta. Caso o juiz veja algum golpe proibido, o atleta que o aplicou é devidamente desclassificado da competição.

Elias fala que as lutas só assumiram a característica de esporte quanto estas características de preservação do atleta foram adotadas, passando a ser um nível de contato físico aceitável. O autor cita esta relação das regras com as lutas.

> De fato, a forma popular de luta só assumiu as características de um “desporto” quando se verificou a conjugação entre o desenvolvimento de maior diferenciação e, de certo modo, de formas mais estritas de um conjunto de regras, e o aumento de proteção dos jogadores quanto aos graves danos que podiam advir dos confrontos. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 42).

Para Elias e Dunning (1992), inclusive o próprio desporto é uma consequência desta sensibilidade da sociedade à violência, já que qualquer tipo de sociedade ou cultura já viveu ou vive em torno de atos violentos. A sociedade, de certa forma, necessita das disputas, porém, os atos violentos precisam de limites e, por consequência, há necessidade de esses atos serem diminuídos. O esporte, apesar de toda aquela competição e ser cercado de emoções desde os atletas até as torcidas, o intuito sempre é de ter o chamado *fair play*, ou seja, o jogo deve ser limpo, não passar da competição e sempre preservar os jogadores. Inclusive, os esportes foram uma forma de disputa não violenta entre os Estados. Neste trecho, o autor comenta como tais ações são relacionadas.

> No decurso do século XX, as competições físicas, na forma altamente regulamentada a que chamamos “desporto” chegaram a assumir-se como representação simbólica da forma não violenta e não militar de competição entre Estados, e não nos devemos esquecer de que o desporto foi, desde o primeiro momento, e continua a ser, uma competição de esforços dos seres humanos que exclui, tanto quanto possível, ações violentas que possam provocar agressões sérias nos competidores. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 45).

Porém, a própria excitação de uma competição pode exaltar os ânimos, gerando inclusive agressões físicas. Essa seria uma consequência da rivalidade não controlada. Normalmente, sobre as lutas é ouvido que são atos de pancadarias, brigas entre outros termos, mas quem é do meio e conhece, sabe quando uma luta está sendo disputada de forma competitiva ou se ela está sendo executada com ânimos extremamente exaltados, chegando a tornar-se uma agressão. É comum ouvir dentro de um *ring* ou tatame: é "guerra", mas depois a amizade continua e abraços são dados. Norbert Elias comenta que esta tensão pode ser uma consequência de outros fatores, e que eles devem ser contidos.

> O fato de a escalada de tensão entre ações, conduzir no plano das competições desportivas, muitas vezes, os atletas participantes a agredirem-se, devido ao excesso de esforços ou ao uso de esteroides, é uma característica do desenvolvimento atual. Quando isso se verifica, a pressão social exercida sobre as atividades desportivas no sentido do autocontrole conduz estas a um nível que chega a levar o atleta a prejudicar a si próprio, na medida em que tenta evitar agredir os outros. Neste contexto, o que merece alguma discussão é a questão de saber por que razões é que a civilização dos jogos de competição e a restrição da violência efetuada sobre os outros, alcançadas através de regras sociais que exigem uma certa grandeza de autocontrole, se desenvolveram, em primeiro lugar, em Inglaterra. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 45).

No jiu-jitsu é muito comum ver atletas de uma mesma equipe não disputarem, quando, por exemplo, chegam em uma mesma final. Eles acabam "fechando", ou seja, não lutam e a vitória fica por escolha da equipe. Esse ato é em respeito aos colegas de treino de uma mesma equipe e acaba sendo seguida por todas as equipes. Quando dois atletas da mesma equipe lutam, normalmente é por ser uma competição profissional e não competitiva, então o evento não permite o "fechamento" de resultados, como por exemplo o Abu Dhabi Combat Club [14] (ADCC).

Com este tópico, busquei fundamentar o jiu-jitsu como esporte e falar um pouco sobre suas regras e filosofia, que normalmente são as mesmas em outras artes marciais.

2.1.3 Praticantes de *jiu-jitsu* e seus corpos

Neste momento, será abordada a concepção do praticante de jiu-jitsu, enfocando os significados de seus corpos, principalmente na academia.

[14] Maior evento de luta agarrada do mundo, com prêmios em dinheiro para os campeões.

Esta análise do corpo do lutador de jiu-jitsu deve a sua importância ao meio social, de como é construído ou mostrado, já que o corpo de lutadores é, de certa forma, um ponto relevante nas discussões, tanto para praticantes quanto para não praticantes. Ferreira cita, em sua dissertação, que a "esta visibilidade que é dada ao corpo, especialmente em função da mídia, ao mesmo tempo em que estabelece ao corpo essa posição espetacularizada, articula a este corpo o consumo, os produtos que irão produzi-lo, mas, também, a ideia do que seria um ideal de corpo" (FERREIRA, 2015, p. 30).

Nas academias, o corpo é peça fundamental e valorizada, mas não de forma estética e comercial, e sim como uma máquina e ferramenta de trabalho, pois dele o lutador necessita para sobreviver.

O corpo perfeito é uma consequência de treinos exaustivos, pois o atleta profissional vive da arte marcial e se dedica em tempo integral, tendo como objetivo o profissionalismo. Este corpo, muitas vezes, é um corpo sofrido por uma série de lesões.

Wacquant explica que isso é um conjunto de práticas, "da qual o corpo é, ao mesmo tempo a sede, o instrumento e o alvo" (2002, p. 33). O corpo, na arte marcial, é o ator principal, assim como em uma dança, os movimentos são originados no corpo e destinados a ele. Para exemplificar, em uma luta, o corpo do atleta é o instrumento que irá gerar os golpes, porém também é o alvo, ou seja, está sujeito a levar golpes.

Por isso, quando é citada em uma academia de jiu-jitsu a busca pelo "corpo perfeito", esse conceito é diferente do entendido pelo púbico em geral, pois é uma questão de aperfeiçoamento físico e não estético. O atleta busca incansavelmente essa superioridade física, principalmente por se tratar de uma questão de competição. O corpo é hoje uma obsessão: uma espécie de afirmação pessoal, um alter ego, um "outro si-mesmo" (LE BRETON, 2010, p. 28).

O corpo no jiu-jitsu é a fortaleza do atleta, nele é colocado seu esforço e investimento. Porém, esta busca incansável pelo corpo perfeito, segundo LeBreton (2010, p. 28), é um contexto proporcional para o surgimento de um sujeito individualista, um self reflexivo e narcisista, senhor de sua trajetória, artesão de sua própria existência. É comum em academias de jiu-jitsu haver disputas internas por posição, já que no esporte existe uma hierarquia interna, inclusive Hélio Gracie já foi desafiado por um ex-aluno.

O corpo é exigido ao extremo, tornando-se um fato seus sacrifícios, entre eles as lesões. "Há esportes que demandam mais resistência, outros que requerem muita explosão muscular;

também aqueles em que a agilidade ou a flexibilidade são o mais importante. O jiu-jitsu requer tudo isso ao mesmo tempo" (TEIXEIRA, 2011, p. 357).

Assim como Baitello Jr fala: "Toda comunicação começa no corpo e nele termina" (2012, p. 97), uma das principais marcas e significados do corpo do jiu-jitsu são as orelhas quebradas, ou, como é conhecida nas academias, orelhas "estouradas" ou "couve-flor". Para o não praticante, acaba sendo este o ponto mais impactante na primeira vista de atletas de jiu-jitsu, pois é transmitida por meio delas um sinal de alerta: alguém que possivelmente é agressivo; isto acaba sendo um estereótipo criado até mesmo pela mídia.

Baitello Jr explica que o corpo pode ser um catalisador para o ambiente da comunicação:

> O corpo não se reduz a um único vetor ou a uma única direção de vinculação... não é mero meio de comunicação ou mídia. Muito antes, ele é um catalisador de ambientes, e talvez seja sempre o catalisador inicial de um ambiente comunicacional. Podemos nomear essa implicação de "princípio da ambiência". Sua simples presença gera a disposição de interação, desencadeia processos de vinculação com o meio, com os outros seres do entorno e com seus iguais... Somos vocacionados para a interação com outros que preencham nossas faltas e necessidades, porque somos corpo, com limites e alcances espaciais claros, com uma duração apenas presumível, mas indubitavelmente finita. (BAITELLO JR, 2008, p. 99).

Apesar do impacto criado pela visão das orelhas, em um primeiro momento, elas não passam de uma lesão, incham após ser quebrada, algo quase inevitável para o praticante, pois, como já citado, o jiu-jitsu exige do corpo como um todo, inclusive as orelhas. Elas acabam sendo maltratadas quando há golpes que visam o pescoço, com o esforço de escapar acaba sendo quebrada a orelha. Única forma de evitar é utilizando protetores, mas são desconfortáveis e não agradam os atletas, sendo utilizado apenas após a lesão acontecer para que ela não aumente.

Ao transmitir algo grotesco e atemorizador dentro das academias, essas "famosas" orelhas têm o significado de esforço de treino. Pelo praticante é considerada um troféu. Alguns novatos chegam a forçar o aumento das orelhas, esfregando quimonos nelas.

"A orelha deformada é claramente um signo distinto que, pelo menos em tese, atesta assiduidade e experiência do lutador. Mas não é, por si só, sinônimo de potência". (TEIXEIRA, 2011, p. 361). A orelha, apesar de todo simbolismo, não é sinal de vitória ou força, tanto que existem pessoas que têm a cartilagem mais mole e mesmo com seus esforços de treino não lesionam a orelha.

Outras partes do corpo são sacrificadas, como as mãos, pés e pontas de dedos. As pontas de dedos são os primeiros sinais que aparecem no praticante, elas se machucam nas primeiras semanas e logo se tornam calos.

Os corpos são exigidos ao máximo desde a cabeça até os pés. É considerado um jogo de xadrez, são infinitas as possibilidades e posições, até pela filosofia do esporte que uma vez foi introduzida por Hélio Gracie: sempre buscar novas opções, novas possibilidades e não desistir. “Enfatizo mais a força de alavanca, a técnica e a simplicidade dos movimentos em vez da força bruta e da velocidade” (GRACIE; SOTO, 2009, p. 37).

Tais sacrifícios identificam o atleta como “casca-grossa”, que apesar de ser entendido diferente, como alguém grosseiro ou que gosta de brigar, o sentido real é o da palavra mesmo, ou seja, que a pele (casca) é grossa pelo esforço dentro do tatame. “O lutador de jiu-jitsu é obrigado a conviver com a dor, o desgaste físico, as contusões – e superá-las. Ter a casca-grossa é uma necessidade” (TEIXEIRA, 2011, p. 358). Então, chamar um atleta de jiu-jitsu de “casca-grossa” é visto como um elogio. Teixeira comenta essa expressão para a pele, “o elogio se faz à pele, ao invólucro do corpo, não ao conteúdo. Afinal, é a pele que, endurecida pelo treinamento, se faz casca” (TEIXEIRA, 2011, p. 358).

Existem sinônimos que diferenciam o bom praticante do mau dentro da própria academia. O bom praticante é, como já explicado, casca-grossa, aquele que se entrega ao esporte, dedica-se e é considerado um exemplo para os demais. Já o mau praticante é considerado o “*pit-boy*”, são aqueles que querem fazer arruaça e criar situações de briga.

LeBreton (2010, p. 59) fala também sobre as marcas corporais: “Elas integram simbolicamente o homem no interior da comunidade, do clã, separando-o dos homens de comunidades ou de outros clãs e ao mesmo tempo da natureza que o cerca”. De forma descontraída, costuma-se dizer que em roda de conversa de lutadores, o assunto são as lesões que o corpo sofre. Aspecto também verificado em outras modalidades de esportes, inclusive nas danças.

Antes de qualquer golpe ou competição, tem-se o respeito como filosofia, principalmente pelo companheiro, por isso, quando é falado de lesões, são decorrências de treinos exaustivos e não por agressão. As lesões podem ocorrer também em campeonatos, mas com menor frequência, já que a integridade física do atleta é colocada em primeiro lugar. Existe a famosa regra do jiu-jitsu dos “três tapinhas”, pois a maioria dos golpes é traumática, então se dá os três tapinhas como sinal de desistência.

No ano de 2015, o caso do lutador Rousimar “Toquinho” Palhares[15] ficou famoso, pois foi expulso de diversas organizações de lutas por não respeitar a desistência dos adversários. O lutador acabou se tornando um renegado nas competições.

O respeito é pregado desde o primeiro momento que um atleta entra na academia, sendo feita uma saudação ao tatame em respeito ao local de treino, posteriormente são cumprimentado os professores e, em seguida, os colegas de treino, respeitando a hierarquia das faixas. O cumprimento e a utilização do corpo “marca o momento particular de encontro”. “É uma manifestação da etiqueta corporal” (LeBRETON, 2009, p. 88). Estes cumprimentos são realizados com a inclinação dos corpos, um sinal de respeito. O respeito é um dos critérios de avaliação para as graduações, já que o esporte normalmente não conta com sistema de exames para troca de faixa, então a graduação fica a critério do professor, que avalia vários aspectos, entre esses aspectos, também o comportamento dentro e fora de tatame. Como é explicado por Ferreira:

> Como faixa preta de jiu-jitsu e professor, tenho graduado muitos alunos nos últimos anos, e também já fui graduado por meus professores, passando pelas faixas das cores branca, azul, roxa marrom e preta. Aprendi, ao longo desses anos, que nas artes marciais deve-se “promover” (graduar) um aluno avaliando seu conhecimento técnico, seu comprometimento com sua equipe e também os aspectos comportamentais, neste caso, se o aluno segue as regras do tatame, cumpre os horários, não falta aos treinos e, principalmente, se usa a arte marcial seguindo os ensinamentos de seus mestres no que diz respeito ao uso de força apenas em situações de defesa. (2015, p. 38).

Em uma aula de jiu-jitsu, normalmente é realizado silêncio, em respeito ao ensinamento do professor, além de ter que observar minuciosamente os movimentos corporais, considerados complexos. A suavidade dos movimentos é executada desde o aquecimento até o educativo de posições.

Um dos principais movimentos que representa a tal suavidade na arte é a famosa “fuga de quadril”[16], movimento que visa deixar o quadril do praticante solto, assim ele pode executar os movimentos posteriores com maior facilidade. Este movimento é muito representativo para a arte marcial, esta posição é vista sendo feita por iniciantes e mestres, ou

---

[15] Atleta jiu-jitsu e MMA em ascensão, que foi expulso de eventos como UFC, WSOF e ADCC, por não largar os adversários em suas finalizações.

[16] Movimento peculiar do jiu-jitsu desenvolvido por Hélio Gracie, pode ser tanto ofensivo quanto defensivo. O praticante concentra o movimento no quadril enquanto estiver no solo.

seja, é um dos primeiros movimentos que o aluno irá aprender, porem será utilizado até a faixa preta.

O atleta ou praticante de jiu-jitsu é formado por uma variedade de aspectos, tanto técnicos quanto comportamentais, sendo o caminho para tornar-se um faixa preta uma longa caminhada de mais ou menos 10 anos. Neste período, o corpo é exigido tanto fisicamente quanto mentalmente; muitos acabam desistindo em faixas intermediárias ou senão na própria faixa branca. Aqueles que entram na arte marcial com objetivos equivocados ou não fundamentados são os primeiros a não levar adiante a prática.

O corpo do atleta de jiu-jitsu causa fascínio ou até mesmo repugnância, porém ele não deve ser tratado como espetacularizado ou ideal, principalmente por ele ser conquistado de forma construtiva, ou seja, não é alcançado do dia para a noite, e principalmente por ele ser a consequência de uma série de esforços em prol do esporte, não sendo uma cobiça estética e que muitas vezes pode até gerar consequências mais graves, como lesões. Para finalizar, o importante para um lutador de jiu-jitsu é treinar exaustivamente para alcançar o ápice físico e técnico, para mostrar o melhor de sua arte marcial.

Para facilitar o entendimento da filosofia do jiu-jitsu, no qual a arte marcial é baseada mais nos aspectos técnicos que de força física, basta observar o corpo de Hélio Gracie em seu auge no esporte, na figura 2.

Figura 2 – Hélio Gracie e filhos

Fonte: Arquivo pessoal Família Gracie.

2.2 Contexto sócio-histórico de produção jornalística sobre o jiu-jitsu

2.2.1 *Jiu-jitsu* na mídia brasileira

O jiu-jitsu brasileiro já foi um dos esportes mais prestigiados, inclusive pela mídia brasileira, principalmente na década de 30, com o fenômeno Hélio Gracie. Era destaque de revista e jornais da época.

O esporte, porém, em certo momento sofreu com notícias vinculadas pela mídia, em geral na década de 90 e início dos anos 2000, em que certos praticantes deturparam o sentido da arte marcial e o utilizaram para violência nas ruas e noites boêmias. Esses jovens ficaram conhecidos como "*pit-boy*"[17] e eram praticantes que, ao aprender artes marciais, utilizavam-se das técnicas para ter vantagens em brigas de ruas e criar confusões, mas não eram atletas de expressão. Porém, tais atos acabaram arrastando o esporte à sua marginalização, sendo considerado um esporte de pessoas violentas e gerador de conflitos na sociedade, chegando ao ponto de sairem notícias com intenção de degradar a arte marcial. Foi o caso da revista *Veja*, edição 1583, de 03 de fevereiro de 1999, com a matéria *A cultura do Tapão*, na qual é comentado sobre "jovens praticantes de jiu-jitsu que gostam de machucar e violentar pessoas apenas por prazer" (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 66). Outro ponto destacado pela revista é um alerta para as pessoas sobre as orelhas dos praticantes, que são deformadas, portanto, se possível, as pessoas devem se afastar quanto identificar uma parecida.

Os campeonatos de jiu-jitsu chegaram a ser transmitidos nas emissoras Rede Globo e Sportv, na década de 90 e anos 2000, mas foram abandonados.

Atualmente, o esporte cresce e se desenvolve no mundo inteiro, principalmente em países como EUA e Emirados Árabes. Em Dubai, os sheiks investem grandes quantias de dólares e transmitem campeonatos pela rede de televisão aberta. No Brasil, verificam-se atletas migrando para outros países, pois as condições tornam difícil o atleta ou professor viver do esporte, com casos de profissionais tendo outro emprego para se sustentar. No Brasil, o esporte parou no tempo, como bem sabemos, o grande quesito para a sobrevivência de um esporte é ele estar bem desenvolvido nos meios de comunicação. Para exemplificar, até o ano de 2016[18] o futebol passava em vários canais abertos na televisão, enquanto o jiu-jitsu

---

[17] *Pit-boys* ficaram famosos na mídia na década de 1990, por causarem confusões nas noites cariocas. Geralmente são jovens de classe média alta que praticam jiu-jitsu (TEXEIRA, 2011).

[18] No ano de 2017, o canal Combat iniciou transmissões da Copa Pódio de Jiu-Jitsu. Evento não ligado às confederações de jiu-jitsu.

brasileiro não tem transmissão alguma, inclusive no canal *pay per view* Combat, especializado em lutas no Brasil.

No entanto, a televisão brasileira preferiu dar destaque para o MMA, tendo transmissões em vários canais, inclusive no canal aberto Rede Globo. Essa escolha é por questão de espetacularização dos eventos, como, por exemplo UFC, que o torna mais rentável.

Para torcedores mais assíduos, a opção que resta para se informar ou assistir campeonatos é a internet, ou seja, acompanhar redes sociais de atletas e equipes, como *Instagram, Facebook e Twitter*.

Outras opções de informação são as revistas especializadas como, por exemplo, a revista criada pelo filho de Carlos Gracie, o "Carlinhos" Gracie Jr., em 1994, chamada Graciemag. Outra revista que pode ser destacada é a Tatame, porém esta divide as páginas com outras modalidades de artes marciais.

Para assistir transmissões de campeonatos, os fãs utilizam o meio *live stream*, que no geral são pagos em dólares, pois normalmente são sites americanos ou árabes.

2.2.2 História e linha editorial da revista *Veja*

Uma vez discutida a interface esporte e mídia, cabe agora analisar o percurso histórico da revista *Veja*, uma vez que ela é o documento de domínio público utilizado para a pesquisa como meio escolhido para analisar a construção da categoria lutadores. Esta construção histórica da revista faz parte do método proposto por Thompson (2009), no qual é realizada uma investigação de ambas as partes, para assim identificar em qual contexto sócio e histórico foi produzida a forma simbólica do jiu-jitsu e, principalmente, identificar se seu caráter é com a finalidade de sustentar ou criar uma relação de dominação. Assim como feito com o contexto sócio-histórico do jiu-jitsu brasileiro, será detalhado o percurso histórico da revista *Veja*, tendo como finalidade identificar os principais momentos da revista, os seus conceitos para produção de informação e seu público (leitores).

A revista *Veja* foi inspirada no modelo de revistas norte-americano, tendo também como influência algumas revistas europeias. Basicamente, a *Veja* faz parte de um segmento de mercado de revistas ilustradas de informação e consumo.

A revista foi uma das apostas da Editora Abril, com inspiração nos magazines americanos *Time-life* e *Newsweek*, estas revistas são classificadas como informativas, com

conteúdo jornalístico nacional e internacional. David Zanoni menciona que a preocupação da *Veja* com conteúdos internacionais são uma busca por rentabilidade, “de certo modo, isso revelava a preocupação dos criadores de *Veja* de estarem em sintonia com a produção jornalística internacional e, principalmente, mercadologicamente rentável” (2015, p. 26). Porém, o enfoque maior da revista é o conteúdo jornalístico nacional, trazendo assuntos que sejam de interesse comum a todas as regiões do país, sendo inclusive revelada a proposta no espaço destinado ao leitor chamado “de carta do leitor”. A mensagem é um convite de Vitor Civita, proprietário da Editora Abril, para os leitores, divulgada na primeira edição da revista, em 1968:

> Prezado leitor: Onde quer que você esteja, na vastidão do território nacional, estará lendo estas linhas praticamente ao mesmo tempo que todos os demais leitores do País. Pois VEJA quer ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros.

A revista foi idealizada e projetada por Roberto Civita, formado em jornalismo e economia na Wharton School, universidade americana, situada na Pensilvânia. Juntamente com seu pai, Vitor Civita, deu início, no final dos anos 50, ao projeto que seria conhecido como revista *Veja*.

> O projeto de publicar uma revista semanal começou no início dos 1960, com a ideia de criar uma revista ilustrada semelhante às norte-americanas Look e Life, à francesa Paris Match ou à italiana Oggi, para concorrer com a brasileira Manchete. Essa revista se chamaria Veja, porque se destinava, em primeiro lugar, a ser vista. Teria necessariamente muitas fotos, várias delas bastante ampliadas. (ALMEIDA, 2008, p. 23).

Portanto, o projeto foi transformado no denominado “Projeto Falcão”, a fim de testar o potencial da revista semanal, o projeto seria uma espécie de piloto para adaptação tanto do parque gráfico como do grupo de colaboradores, como mencionado por Zanoni:

> Contudo, antes do lançamento oficial, os idealizadores de Veja, em especial Vitor Civita, acionista majoritário do Grupo Abril, preferiam ter certeza de que seu parque gráfico, além do grupo de colaboradores, estava pronto para atender às futuras demandas de uma revista semanal. Para tanto, foi realizado o chamado “Projeto Falcão”, no qual foram criadas 14 edições zero entre os anos 1959 e 1960. (ZANONI, 2015, p. 26).

A primeira edição da revista *Veja* foi lançada somente em 8 de setembro de 1968, quase uma década depois de ser idealizada. A primeira edição da revista teve repercussão boa nas vendas, causando impacto nos leitores, por tratar-se de um modelo diferenciado do restante do mercado, mas como é explicado por Mira (2001), a revista acabou causando

estranheza e impacto negativo, resultado diferente do esperado por pai e filho Civita. O impacto negativo vivenciado pelos leitores foi significativo logo na segunda edição da revista, com queda nas vendas. Os primeiros anos da revista foram colocados em xeque, sendo inclusive cogitado o fechamento por um declive em suas vendas. A revista só não fechou por conta da confiança e convicção de Roberto Civita que, segundo Mira (2001), pedia sempre mais tempo para o pai para a revista se consolidar no mercado: “Me dá mais três meses”.

A revista teve repercussão negativa principalmente por ter textos longos e imagens grandes, como a principais concorrentes Cruzeiro e Manchete, mesmo tendo em vista que o próprio nome da revista era a sugestão que a revista seria altamente ilustrada. Corrêa explica:

> Era uma revista cheia de texto, que inaugurava, no Brasil o gênero das *newsweekies*, revistas semanais de informação, na escola das americanas *Time e Newsweek*. Não tinha o formato grande de Manchete, nem tantas páginas coloridas. Para um público que não conhecia o gênero, a revista era muito compacta, com muito texto para ler, e a novidade não foi muito bem entendida. (CORRÊA, 2008, p. 218).

O modelo adotado pela revista não foi aceito também pelo fato de os índices de analfabetismo no Brasil serem muito altos naquela época. Uma vez que o público não tenha aceito o modelo proposto e a constante queda nas vendas, outro fator assombrou a revista: falta de parceiros para a publicidade. Como muitos não viam o destacamento da revista nas vendas, consequentemente não viam motivos para anunciar nela, principalmente depois da saída dos primeiros anunciantes. Por consequência, a revista chegou a vender cerca de 16 mil exemplares nas edições posteriores, sendo o esperado a média de 600 mil no seu projeto inicial. Mira comenta o fracasso inicial:

> Leitores e anunciantes apostaram no primeiro número, mas a decepção foi imediata. Dos 31 anunciantes programados para o segundo número, 20 desistiram, e dos 600 mil exemplares tirados, apenas 250 mil foram vendidos: uma queda de 400 mil exemplares do primeiro para o segundo número. Durante umas 20 edições posteriores, a revista não vendeu mais de 16 mil exemplares. Até anúncios de contracapa gratuitos foram oferecidos para amigos, por não ter nenhum cliente no dia do fechamento da edição. (MIRA, 2001, p. 81).

Para selecionar o corpo de colaboradores, em específico os jornalistas, já que a revista estava bem assessorada com editores experientes, a editora Abril abriu vagas para um curso de jornalismo, “o cursinho intensivo era destinado a quem não era jornalista ainda, mas a qualidade do curso também atraiu muita gente formada” (ALMEIDA, 2008, p. 27). Como comentado, a *Veja* investiu forte nos editores da revista, tendo no grupo o experiente jornalista Mino Carta. Mino foi nomeado como diretor por Roberto Civita e, ao aceitar o

cargo, exigiu autonomia editorial. Os Civitas deixaram claro qual seria o direcionamento "ideológico" da revista e que não iriam interferir no dia a dia editorial da revista.

Com muitas dificuldades e à beira do fechamento de portas, os proprietários Roberto e Vitor Civita e o diretor Mino Carta tiveram a ideia de criar o encarte de imagens de fatos grandiosos a partir de 1969. Este primeiro encarte de fotos trouxe um dos momentos mais marcantes da humanidade, o acompanhamento da Apolo 11 e a chegada do homem à Lua. Outra estratégia utilizada foi o encarte de mapas rodoviários, que eram disponibilizados encadernados aos leitores. Corrêa fala destas mudanças importantes para o reconhecimento da revista pelos leitores, que de certa forma gostavam das imagens fotográficas.

> Enquanto a revista se adaptava às características do mercado brasileiro, alguns esforços adicionais foram importantes para o sucesso futuro. A fim de tornar a revista mais desejada, um fascículo com a história da ida do homem à Lua foi encartado. Era "A conquista da Lua – de Galileu até hoje", lançado em 1969. Mais dois se seguiram, um sobre "Anos 60, a década que mudou tudo", também em 1969, e outro, sobre "História do século XX", em 1974. (CORRÊA, 2008, p. 220).

Outro fator que alcançou o interesse do leitor pela revista foi o espaço conhecido como páginas amarelas, sendo sua criação um acaso, revelado pelo criador da revista. As páginas amarelas foram utilizadas por falta das páginas comuns, ou seja, a falta de planejamento acabou obrigando os redatores e Roberto Civita a utilizarem as páginas amarelas. O espaço das folhas amarelas ficou conhecido por ser reservado a entrevistas. Entre essas ações e outras, a revista obteve seu reconhecimento e ganhou novo fôlego. Zanoni aponta:

> A partir dessas ações, a revista tomou novo fôlego e gradativamente aumentou suas vendas, recuperando, nos anos seguintes, a quebra dos primeiros e negativos números iniciais. Outra medida foi a adoção de um caderno de investimentos. O caderno de economia teve tamanha aceitação que anos mais tarde tornou-se a revista Exame. (ZANONI, 2015, p. 29).

Segundo Corrêa (2008), a revista levou cerca de seis anos para se consolidar no mercado editorial, alavancado pelo departamento de assinaturas. Este departamento foi criado em 1971, com o intuito de criar a fidelização do leitor, garantindo a venda das revistas semanais. Tais medidas tornaram a revista um sucesso de vendas, principalmente com sua adaptação de imagens. Dificilmente, até nos dias atuais, é verificada matéria da revista que não apresente imagem ilustrativa. Mira aponta estes motivos como os principais fatores para o sucesso da revista:

> A partir de 1973 a circulação cresce sem parar devido às sucessivas campanhas de assinatura e diversas alterações editoriais e gráficas. Em 1981 ultrapassa os 500 mil exemplares, em 1984 já era a revista de maior faturamento da empresa. Veja teve de se adaptar ao padrão de visualidade do leitor contemporâneo, muito afeito às imagens que o bombardeiam de todos os lados. Em 1984, a revista chegou ao quinto lugar mundial com 800 mil exemplares e em 1996 ao terceiro, quando ultrapassava a marca de 1 milhão de exemplares. (MIRA, 2001, p. 93).

Este momento de consolidação de mercado se deu na época de plena ditadura civil-militar. Como Almeida (2008) explica, entre 1964 e 1968 a imprensa ainda tinha certa liberdade de expressão, porém o cenário foi modificado nos anos seguintes, quando a imprensa teve a posição de não apoiar a ditadura.

> Para entender a dinâmica da censura – seu endurecimento ou afrouxamento – durante o período militar, é importante destacar que essa censura acompanhou as crises internas e oscilações do próprio governo [...]. No período entre 1964 a 1968, houve certa liberdade de imprensa, quebrada quando esta deixou de apoiar o golpe militar e passou a criticar os rumos do governo que, em contrapartida, baixou a Lei de Imprensa, a Lei de Segurança Nacional e o AI-5. (ALMEIDA, 2008, p. 92).

A revista sofreu perseguição pela censura, inclusive segundo o levantamento feito por Almeida (2008) sobre a *Veja* na época da ditadura, ele concluiu que a revista foi “um dos veículos de comunicação que mais sofreu retaliação do regime” (p. 19).

Almeida (2008), em sua pesquisa, catalogou cerca de 138 matérias da *Veja* que foram censuradas no regime Militar, entre 1969 e 1976. Porém, a maior perda da revista neste período difícil foi a saída de Mino Carta.

> Foi na luta contra a censura, as apreensões da revista, prisões de jornalistas, que Mino Carta acabou saindo de Veja. A autonomia do diretor de redação estava prevista no contrato, o que dificultava o controle das edições. Ministros do presidente Ernesto Geisel detestavam Mino. Quatro deles exigiram tirá-lo da direção da revista. [...] Mino Carta foi demitido em dezembro de 1975 e contou que foi “oferecido pelos senhores Civita ao ministro da Justiça, Armando Falcão, como prova de que eles queriam se livrar de quem, na opinião deles, provocava a censura. (HERNANDES, 2002, p. 31).

De início, segundo Almeida (2008), a revista tinha a censura manifestada por meio de telefonemas e cartas, mas houve o momento em que os censores se instalaram na redação da revista para, desta forma, retirar os trechos incômodos ou contra o governo de forma imediata.

O momento mais tenso da revista na ditadura foi em dezembro de 1968, três meses após seu lançamento. Por coincidência, a edição continha matéria sobre o comunismo, com a capa contendo o título *O duelo no mundo comunista*, assunto alavancado pela Guerra Fria. Tal matéria acabou gerando desconfiança dos militares, provocando retaliações meses após,

principalmente com o Ato Institucional número 5 (AI5)[19] em vigor, chegando a ser considerado o fechamento da revista pelos militares.

> Três meses após o lançamento de Veja, o presidente Arthur da Costa e Silva editou o AI-5 e fechou o Congresso, que havia negado autorização para abertura de um processo contra o deputado Marcio Moreira Alves, acusado de ter feito um discurso ofensivo às Forças Armadas. Nesse mesmo dia, 13 de dezembro de 1968, um coronel se apresentou a Roberto Civita para censurar Veja. Civita apresentou a foto e disse que nada seria escrito na capa, temendo o veto. Horas depois da distribuição, a revista foi apreendida nas bancas. (AUGUSTI, 2005, p. 75).

Esta crise com o governo militar e as baixas vendas, levaram Vitor Civita a realmente pensar em fechar a revista, porém seu filho insistiu no negócio. A revista teve uma calmaria nas censuras depois que o diretor Mino Carta foi afastado. “No mesmo ano, a censura a Veja acabou. Em 1976, Mino Carta fundou a Isto É, uma das principais concorrentes de Veja. É também criador e diretor da revista Carta Capital.” (HERNANDES, 2002, p. 31).

A saída de Mino representou outro momento de mudança na revista, principalmente em seus discursos, especialmente por ele ser considerado um dos motivos de perseguição pela censura do governo, fato inclusive admitido por Roberto Civita.

> A saída de Mino Carta representaria uma mudança discursiva em Veja, uma vez que os próprios diretores e proprietários da revista admitiam, segundo Mino, que foi devido ao seu perfil jornalístico, empregado na redação do semanário, que o periódico enfrentava dificuldades com o governo militar. (ZANONI, 2015, p. 35).

A relação entre Mino Carta e os Civitas já se mostrava estremecida antes mesmo da pressão sofrida pela ditadura. O choque de opiniões era constante, principalmente após Mino Carta exigir liberdade editorial. O perfil editorial da revista foi construído basicamente por Mino Carta que, inclusive, pedia que os Civitas não discutissem pauta e que analisassem a revista como leitores após sua impressão. Zanoni comenta esta construção do “perfil ideológico” da *Veja*, que no início teve influência de Mino Carta.

> A liberdade de construção e elaboração do periódico era pressuposto básico, como vimos, para Mino Carta. Com grande experiência na imprensa europeia e brasileira, Carta não abria mão de sua independência profissional. Via a família Civita como proprietária da empresa, não como jornalista, apesar de Roberto ter formação na área. Esse elemento entre Mino Carta e a família Civita é de vital importância para entendermos o perfil ideológico da própria revista Veja. (ZANONI, 2015, p. 35).

---

[19]O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, vigorou até dezembro de 1978, considerado o mais duro golpe da ditadura contra seus opositores, o ato foi uma represália ao Deputado Márcio Moreira Alves que discursou contra o regime militar.

Mesmo sofrendo com a censura, a revista teve, nos anos subsequentes, crescimento em suas vendas, inclusive tendo apoio do público que era opositor ao regime militar. Zanoni comenta este período:

> Passadas as dificuldades iniciais, Veja teve rápida ascensão no mercado e o contexto político e social brasileiro foram pontos altos desse crescimento, ou seja, acontecimentos relevantes não faltaram. Sobretudo, tento em vista o regime militar, iniciado em abril de 1964 que, de um lado, promovia a perseguição aos opositores do governo e, de outro, alimentava a revolta daqueles que não concordavam com o modelo político repressor existente. (ZANONI, 2015, p. 29).

A estratégia da revista mudou diante do quadro apresentado, tendo como principal mudança a inserção da cobertura sobre fatos políticos (ZANONI, 2015, p. 34). Houve destaque para a cobertura da morte de Costa e Silva, mas o grande destaque da revista foi a exclusividade da notícia a respeito das torturas realizadas durante a ditadura. Essas notícias ficaram marcadas na história do país e da revista.

> Da trombose de Costa e Silva até sua morte, Veja publicou uma sequência memorável de 17 capas. Apenas três não estavam ligadas à crise política, sendo que nas restantes couberam assuntos difíceis de averiguar, ainda mais sob censura. Duas dessas capas foram históricas. Na primeira, noticiou-se uma exclusividade: o presidente Médici estava irritado com a tortura e os torturadores, com a chamada de capa *O presidente não admite torturas*. (AUGUSTI, 2005, p. 76).

Outro grande momento para a revista foi a abertura democrática, no qual a revista destacou-se com reportagens sobre os momentos vividos pelo país durante a ditadura, principalmente com a campanha a favor das “Diretas Já”, movimento de 1984 para que o país tivesse eleições diretas para presidente. Outro assunto em que a revista foi pertinente no campo da política, foi a divulgação de Fernando Collor de Mello para presidente em 1989. Vieira comenta o momento em que a revista destaca-se neste novo momento político do país.

> A partir da abertura da democracia, a Veja se destacou sobre a anistia, da campanha das “Diretas Já” pelas eleições diretas a presidente em 84 e responsável pela divulgação de Fernando Collor de Mello *Caçador de Marajás* (edição 1020 - 23/03/1988 e edição 1078 - 17/05/1989) como nova força política contra a corrupção. (VIEIRA, 2015, p. 65).

O apoio dado pela *Veja* a Fernando Collor foi retirado com a reviravolta política. A revista foi decisiva para o *impeachment* do então presidente, em 1992, segundo WaisBord (2000, p. 100), pois foi sua reportagem com Pedro Collor, irmão do presidente, que divulgou um dossiê com o número das contas do presidente.

Na atualidade, a revista é considerada a quarta maior revista semanal do mundo, como afirmado por Corrêa (2008). A revista possuía 1.054.997 leitores assinantes[20] em 2016, também com boas vendas avulsas, cerca de 66.847 exemplares vendidos[21].

Dentro da análise sócio-histórica da revista *Veja*, é inevitável observar a eficácia na formação de opinião de seus eleitores. A revista teve influência em momentos históricos do país. A marca que quase foi encerrada consolidou-se diante do leitor, tornando-se uma das marcas referência do jornalismo no Brasil.

A relação da revista com o jiu-jitsu existe desde 1969, quando a arte marcial foi citada de maneira tímida na edição 44, na qual é mencionado o "Xerife" Luis Carlos, que era um respeitado ex-lutador de jiu-jitsu. O esporte foi detalhado pela primeira vez em uma entrevista com Hélio Gracie nas páginas amarelas apenas em 1997, na edição 1516. Uma matéria completa sobre o esporte só viria a ser escrita em 1998, na edição 1583, com o título A *cultura do Tapão* (p. 66), foram separadas seis páginas para detalhar o assunto.

A pesquisa no acervo digital da revista entre 1968 e 2015, utilizando a palavra- chave jiu-jitsu, resultou em cerca de 95 edições que mencionavam o esporte. Nessas edições, a arte marcial foi tratada de forma direta e indireta. Neste período, a revista nunca proporcionou uma capa com ênfase para o jiu-jitsu.

Grande parte das citações sobre jiu-jitsu foram proferidas por famosos ou pessoas importantes dizendo que praticam o jiu-jitsu como *hobby*, para manter a forma física, interação social etc. São poucas as matérias específicas sobre o esporte, que tenham destaque inclusive no título.

Como citado acima, a primeira matéria de destaque, caso não se considere a entrevista com Hélio Gracie nas páginas amarelas em 1997, foi no ano de 1998. Neste período, o esporte estava interligado às páginas policiais. Esta matéria seria uma espécie de dossiê contra a arte marcial, relatando o cotidiano de jovens praticantes de jiu-jitsu. A reportagem contém desde o modo de vestir até mesmo palavras de baixo calão e linguagens específicas destes jovens "brigões", termo muito usado durante toda a matéria.

O maior número de notícias a respeito do jiu-jitsu foi no ano de 2000. Somente neste ano foram contabilizadas doze edições que mencionaram o jiu-jitsu. Destas 12, foram contabilizadas 9 edições (1637, 1640, 1639, 1653, 1659, 1661, 1671, 1670 e 1674) que colocavam a arte marcial nas páginas de assunto policial, 01 edição (Edição 1654) que

[20] Dados de 2016, disponível em <http://publiabril.abril.com.br/svp/tabelas/circulacao>. Acesso em 23/03/2017.
[21] Idem.

menciona o esporte na carta do leitor, na qual o leitor cita uma das matérias anteriores das páginas policiais, e 02 edições (1642 e 1665) a respeito de saúde e lazer. Tais matérias afirmavam que o esporte passava por um momento ruim neste período.

O jiu-jitsu volta a ter destaque na revista no fim de 2007 e início de 2008, devido à morte de Ryan Gracie na prisão. O assunto repercutiu na “grande mídia”, tal fato foi comentado nas edições 2040 e 2044.

Apesar de estar presente em várias edições desde 1969, o jiu-jitsu foi explorado de forma construtiva pela primeira vez na reportagem *O fabuloso Gracie* (p. 136), da edição 2068, no ano de 2008. São cerca de 40 anos após o lançamento da revista para que se tenha uma matéria a respeito da arte marcial de maneira positiva.

Outro ponto explorado a respeito do jiu-jitsu na revista é o MMA, versão atualizada do Vale-Tudo, são encontradas referências do esporte na edição 2129, no ano 2009, com o título *Bons de Briga e Audiência* (p. 121), falando a respeito do crescimento do MMA na televisão. Outra matéria a respeito do MMA, com título *Mamãe, eu quero MMA* (p. 104), da edição 2323, de 2013, tratada do interesse de crianças em praticar artes marciais mistas.

Apesar de 95 edições terem citado o esporte, poucas são as matérias específicas que tratem o esporte como assunto principal. Neste mapeamento, foi visualizado que o jiu-jitsu pouco foi abordado como tema “central”, sendo normalmente tratado de forma “não central” (BORGES; RIBEIRO, 2014, p. 185), ou seja, não foi tratado nas matérias esportivas.

3 ANÁLISE FORMAL OU DISCURSIVA

Como já mencionado, para a análise formal ou discursiva, foi utilizada a análise de documento público. Essa escolha se deu, principalmente, pela sua influência na produção e reprodução de sentidos. Segundo Borges e Ribeiro (2014), o documento público vinculado à mídia tem grau de influência alto:

> A mídia tem sido reconhecida como um campo de destacada influência na produção e reprodução de valores e sentidos, seja pela introdução de temáticas até então consideradas "tabus" para um amplo espectro de pessoas, seja pela forma como ela tem abordado essas temáticas. (BORGES; RIBEIRO, 2014, p.185).

Essa produção de sentidos está ligada à linguagem. Para Spink, a proposta de analisar discursivamente se volta para a linguagem que está em uso, que no caso é vista como forma de produção de sentidos sobre eventos da vida cotidiana (SPINK, M. J., 2014). O conceito de práticas discursivas ilumina o fato de a linguagem ser uma atividade, uma ação. Uma atividade que promove ou mantém relações sociais, ao mesmo tempo em que é socialmente regulada. O conceito de repertório, por sua vez, permite ver como as práticas discursivas constroem versões das ações, processos cognitivos e outros fenômenos. Em repertórios linguísticos é enfatizada a circulação de unidades de construção das práticas discursivas: "os termos, as descrições, os lugares comuns e as figuras de linguagem que demarcam o rol de possibilidades da produção de sentidos." (ARAGAKI; PIANI; SPINK, M. J., 2014, p. 230).

O documento de domínio público está ligado à escrita produzida para leitura e uso do público no geral, não significando que ele seja gratuito, muitas vezes é cobrado por este pela obtenção deste documento.

Porém, por se tratar de um documento cujo domínio é público, ao ser publicado está aberto a leituras e releituras, além das interpretações, ou seja, "o ponto importante é que o conteúdo é livre para ser descrito, comentado e referenciado para outros também tecerem suas opiniões" (SPINK, P.; RIBEIRO; CONEJO; SOUZA, 2014):

> É importante salientar de início que documento de domínio público não é sinônimo de gratuito. Um livro que é vendido, por exemplo, em livraria continua sendo de domínio público, assim como o exemplar de um jornal diário comprado na banca ao lado da padaria. É de domínio público porque a única restrição de acesso é o fato de que alguém precisa comprá-lo. De maneira similar, documentos de domínio público não precisam necessariamente ser totalmente livres para serem copiados; poderia haver também restrições.

A escolha pela análise de documento de domínio público - no caso, a *Veja* – deu-se pela sua ampla circulação, com abrangência nacional, isso significa que a revista tem um número de leitores significante, desta forma, sendo um amplo gerador de influência.

> Compreendem-se os textos jornalísticos como documentos de domínio público, produtos sociais que têm ampla circulação de sentidos e reestruturam os espaços de interação. Os documentos proporcionam novas configurações de produção de sentidos, oferecendo visibilidade para a dinâmica dessa produção. Tais documentos, ao serem publicados e postos em circulação, tornam-se acessíveis e, consequentemente, abertos a leituras e releituras, interpretações e questionamentos. São documentos tornados públicos, abertos para análise por pertencerem ao espaço público. (SPINK, P. p. 186, 2014).

A possibilidade de fazer uma leitura de postura socioconstrucionista, tendo como objetivo entender como a linguagem atua na construção da categoria e se nelas existe o potencial ideológico também justifica a escolha por esta abordagem. Esses fatos sociais, quando tratados pela mídia, acabam tendo uma visibilidade maior. Desta forma, segundo Borges e Ribeiro, “esse caráter constitutivo torna-se ainda mais visível na própria seleção das pautas jornalísticas e na possibilidade de elas serem convertidas em problemas sociais” (2014, p. 185). Neste caso, há possibilidade de uma matéria acabar alimentando um problema ou até mesmo construindo um novo, motivado por um discurso que pode ser interpretado de maneiras diferentes. Na análise do discurso será possível ver o potencial ideológico destes documentos, principalmente no que se trata de problemas sociais, já que, teoricamente, o jiu-jitsu deveria fazer parte apenas de páginas esportivas.

Esses problemas sociais terão destaque na mídia de acordo com a visibilidade que eles mesmos trarão; por isso foi realizada uma pesquisa quantitativa e outra qualitativa na análise formal.

A pesquisa quantitativa será demonstrada por meio de catalogação das matérias, que foi organizada do seguinte modo: edição, data, página, caderno, seção, tipo de matéria, título, descrição e trecho. Este quadro esquematizado possibilita identificar em qual período o jiu-jitsu tornou-se de interesse da mídia e quais foram os eventos mais importantes, mas, principalmente, saber como o jiu-jitsu foi tratado: como esporte ou violência. Para apresentar de forma sistematizada os resultados, foram criadas tabelas e gráficos para representar, numa linha temporal, de que forma o assunto entrou em pauta na mídia. Essa perspectiva quantitativa complementa a análise qualitativa do material selecionado:

> A perspectiva quantitativa nos permite visualizar a frequência com que o tema estudado é publicado, bem como identificar as ausências e os períodos de maior ou menor visibilidade. Esse trabalho quantitativo serve de "aquecimento" para a análise discursiva, além de ajudar a produzir informações que irão sustentar a interpretação dos conteúdos das matérias. (BORGES; RIBEIRO, 2014, p.195).

A pesquisa quantitativa será como uma representação do interesse da revista em expor o assunto, ou seja, quando a revista mais expos o assunto, quais foram os temas em que o esporte foi enquadrado etc., a pesquisa qualitativa será o momento de analisar qual foi o discurso usado para representar a categoria de lutador. A análise qualitativa foi dividida em duas partes: a primeira é a análise dos títulos que tivessem afinidade com tema "central" e a segunda é a análise completa das matérias selecionadas. Para análise dos títulos, foram verificados os resultados dos significados das palavras expostas para entender como é construída a imagem do lutador de jiu-jitsu.

Já na análise das matérias completas, foi realizado um mapeamento dos repertórios interpretativos em forma de quadro, contendo os argumentos dos principais atores sociais em comparação aos argumentos da revista, desta forma facilitando reconhecer o que foi falado e por quem foi falado.

As metodologias para análise serão expostas nas linhas adiante da pesquisa, para que os resultados sejam debatidos na interpretação. A análise discursiva é a etapa da Hermenêutica de Profundidade em conjunto com a análise sócio-histórica, condição para a última etapa da HP, que no caso é a interpretação\reinterpretação.

3.1 Panorama das matérias jornalísticas sobre *jiu-jitsu*

Nesta primeira etapa da análise do discurso, será mostrado quantitativamente as edições que tenham alguma forma de menção ao jiu-jitsu ou MMA. Este processo da pesquisa foi quantitativo para se ter uma visão de conjunto. Essa perspectiva quantitativa permite visualizar qual foi a frequência em que o jiu-jitsu foi publicado na revista, também com a demonstração de quando o esporte ficou ausente. Com a pesquisa quantitativa o principal objetivo é ter como referência quais temas foram abordados para publicar algo sobre o jiu-jitsu. Essa etapa será um "aquecimento" para a análise do discurso.

Para tal captação de dados foram utilizadas as palavras-chaves: jiu-jitsu, MMA, família Gracie e Vale-Tudo no acervo digital da revista *Veja* cujo conteúdo é o mesmo oferecido pelo meio impresso, por se tratar de uma digitalização das revistas.

Qualquer pessoa pode acessar o acervo, não sendo uma exclusividade para assinantes, o acesso se dá com um simples cadastro, realizado de forma gratuita.

Nesta análise inicial, faremos um quadro geral do que a revista *Veja* discursa sobre a categoria lutador de jiu-jitsu. Esta fase da análise do discurso é interessante, pois será possível fazer uma espécie de linha do tempo da relação jiu-jitsu e a revista.

A pesquisa no acervo digital da revista *Veja* resultou em 80 edições que mencionavam o jiu-jitsu, no período de 01/01/1990 até 31/12/2016. A catalogação consta do número da edição, data, página, caderno de que faz parte, seção de assunto, tipo de peça em que a matéria é apresentada, título da matéria, uma breve descrição sobre a matéria e, por último, os trechos nos quais o jiu-jitsu foi citado, lembrando que em algumas matérias o jiu-jitsu apenas foi citado, por exemplo, por um entrevistado. Essas informações foram retiradas da própria matéria em todas as edições entre 1990 e 2016.

A catalogação é composta por 80 edições da revista. Dentre essas edições foram encontradas 93 matérias cujo assunto foi citado de forma central ou não. Essa catalogação foi inserida para que o leitor participe e entenda como foi realizada a construção dos resultados, inclusive para que se torne talvez uma inspiração para novas pesquisas.

3.1.1 Catálogo de matérias que mencionam o jiu-jitsu na revista *Veja*, no período de 1990 a 2016

1.

Edição - 2383

Data: 23/07/2014

P.78

Caderno: Gente

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Esta, sim, é preparada*

Descrição: Repórter irá acompanhar o UFC, referida como capaz por praticar artes marciais, entre elas, o jiu-jitsu.

Trecho: “Já apaguei com chute no rosto, sou amiga da família Gracie e convivo com lutadores”.

2.

Edição – 2354 (Matéria selecionada para análise completa)

Data: 01/01/2014

P. 73

Caderno: Gente

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *A gracinha do clã*

Descrição: Matéria apresentando a lutadora de jiu-jitsu Kyra Gracie, que namora o ator televisivo Malvino Salvador.

Trecho: “Há familiaridade com as lutas, mas a ajuda da nova namorada, a lutadora de jiu-jitsu Kyra Gracie, tem deixado tudo mais cor-de-rosa”.

3.

Edição - 2345

Data: 30/10/2013

P. 136

Caderno: Televisão

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Fé na Porrada*

Descrição: Citação do jiu-jitsu na matéria sobre atos de violência e guerras relatados na Bíblia e que são utilizados por canais de entretenimento (televisão e cinema).

Trecho: “E nem Gênesis fala de anjos com faixa preta de jiu-jitsu”.

4.

Edição - 2335

Data: 21/08/2013

P. 9

Caderno: Veja.com

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Psicologia no UFC*

Descrição: Lutador do UFC formado em psicologia.

Trecho: “O lutador Chris Weidman, responsável por tirar o cinturão dos pesos médios de Anderson Silva, diz que sua formação de psicólogo o ajudou a nocautear o brasileiro”.

P.50

Caderno: Panorama

Seção: Política

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *No tatame do STF*

Descrição: O Ministro do Supremo Tribunal, Luiz Fux, que é faixa preta de jiu-jitsu, está dando aula de jiu-jitsu para colegas de trabalho.

Trecho: “Recomenda-se que o faixa preta Fux não convide seus colegas Joaquim Barbosa e Ricardo Lewandowski para treinarem juntos”.

5.

Edição - 2332

Data: 31/07/2013

P. 36

Caderno: Panorama

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Segurança com grife*

Descrição: Polícia Federal fecha com empresa de segurança (Mobotory) do lutador Rorion Gracie para a visita do papa.

Trecho: “A Polícia Federal fechou uma parceria com a Mobotory, empresa do lutador Roron Gracie (filho do patriarca Hélio), para a visita do papa Francisco a Aparecida”.

6.

Edição - 2323 (Matéria selecionada para análise completa)

Data: 29/05/2013

P. 104

Caderno: Esporte

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Matéria específica

Título: *Mamãe, eu quero MMA*

Descrição: Crianças que querem aprender artes marciais mistas.

Trecho: “A luta do momento seduz a criançada e se propaga pelas academias”.

7.

Edição – 2311

Data: 06/03/2013

Edição com duas citações:

P. 42

Caderno: Panorama

Seção: Entrevista

Tipo de peça jornalística: Entrevista

Título: *Ela faz tremer os fortes*

Descrição: Entrevista com a dentista Fabiana Nogueira, que faz parte da equipe dos irmãos Minotauros.

Trecho: “A dentista que cuida dos lutadores de MMA na academia dos irmãos Rodrigo Minotauro e Rogério Minotouro”.

P. 99

Caderno: Perfil

Seção: Personalidades

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Ela é fogo na roupa*

Descrição: Matéria sobre a delegada que prendeu o lutador Ryan Gracie.

Trecho: “Monique saiu à rua para perseguir garotos de classe média que naquele tempo promoviam arruaça na noite do Rio, depredavam boates e feriam pessoas. Virou a caçadora de *“pitboys”*. Quando prendeu o mais eminente representante da turma, o lutador Ryan Gracie”.

8.

Edição - 2305

Data: 23/01/2013

P. 88

Caderno: Beleza

Seção: Saúde

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Domadores das belas*

Descrição: Modelo cita o jiu-jitsu para saúde.

Trecho: “*Modelfit* é uma mistura de capoeira, boxe, jiu-jitsu, pilates e ioga”.

9.

Edição - 2301

Data:26/12/2012

P. 188

Caderno: Gente

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *O ano da peste*

Descrição: Mulheres mal comportadas e que serviram de inspiração para a personagem da novela das oito “Avenida Brasil”, a “Carminha”.

Trecho: “Me preparei a vida toda para esse papel”; “ Três meses antes da estreia, até entrei para o jiu-jitsu para ficar mais destemida”.

10.

Edição - 2256

Data: 15/02/2012

P. 83

Caderno: Gente

Seção: Personalidades

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Cresceu, ficou e vai finalizar*

Descrição: Ator Dudu Azevedo, que está se preparando para fazer papel de lutador.

Trecho: “O MMA está crescendo muito no Brasil, é próximo do futebol”. “Ele mesmo é adepto de duas vertentes da pancadaria do momento: o jiu-jitsu e o muay-thai”.

11.

Edição - 2244

Data: 23/11/2011

P. 146

Caderno: Gente

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Única fraqueza: maquiagem*

Descrição: Pequena reportagem sobre a lutadora Cris Cyborg.

Trecho: “Mas os admiradores da pancadaria no octógono podem se preparar [...]” ; “vai brigar com a japonesa HirokoYamanaka”; “ Vou botá-la pra dormir”.

12.

Edição 2260

Data: 14/03/2012

P. 88

Caderno: Comportamento

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Matéria específica do MMA (Capa)

Título: *Por que tanta gente está de olho em Anderson Silva*

Descrição: Matéria completa sobre os lutadores de MMA, em especial Anderson Silva

Trecho: “Por que tanta gente está de olho em Anderson Silva”.

13.

Edição 2211

Data: 06/04/2011

P. 92

Caderno: Especial

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Matéria (Capa)

Título: *A rede terrorista finca bases no Brasil*

Descrição: Terrorista que veio ao Rio de Janeiro aprender jiu-jitsu

Trecho: “Praticante de luta livre, aprendeu jiu-jitsu no Rio de Janeiro e vem seguidamente ao Brasil participar de competições do esporte”.

14.

Edição - 2210

Data: 30/03/2011

P. 136

Caderno: Cinema

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *De olhos abertos*

Descrição: Detalha o filme *VIPS*, que tem o personagem Marcelo da Rocha que finge ser praticante de jiu-jitsu.

Trecho: “Aos 19, no Exército, passou-se por campeão de jiu-jitsu”.

15.

Edição - 2199

Data: 12/01/2011

P. 81

Caderno: Especial

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Matéria (Capa)

Título: *Quociente de beleza de Paulo Zulu*

Descrição: Ator e modelo comenta a prática do jiu-jitsu para boa forma.

Trecho: “Para manter boa forma pratico ainda surf, corrida e dou aulas de jiu-jitsu”.

16.

Edições - 2175

Data: 28/07/2010

P. 122

Caderno: Comportamento

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Tal pai, tal filho*

Descrição: Ator Marcello Novaes comenta que pratica o esporte com os filhos.

Trecho: “Marcello também repassa as últimas novidades musicais para os meninos e divide o tatame na aula de jiu-jitsu e a prancha de *surf* nos fins de semana”.

17.

Edições - 2172

Data: 07/07/2010

P. 52

Caderno: Panorama

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Uma ginástica para não indenizar*

Descrição: Publicitário que irá receber indenização por ter sido violentado por lutadores de jiu-jitsu na academia Estação do Corpo.

Trecho: “O dinheiro deverá ir para um publicitário espancado no local, em 1996, por lutadores de jiu-jitsu”.

18.

Edição - 2143

Data: 16/12/2009

P. 69

Caderno: Panorama

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Capitão Gracie*

Descrição: Ator Vagner Moura treina jiu-jistu para fazer o filme "Tropa de Elite 2".

Trecho: "Está treinando jiu-jitsu e vale-tudo com Rickson Gracie, campeão dos campeões da lendária família de lutadores".

19.

Edição - 2145

Data: 30/12/2009

P. 148

Caderno: Retrospectiva-2009 Memória

Seção: Personalidades

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Hélio Gracie*

Descrição: Hélio Gracie é lembrado após seu falecimento.

Trecho: "Já temida nos anos 30, a dupla se juntou a outro irmão, Gastão, para dar uma surra no meio da rua em Manoel Rufino dos Santos". "Com o jiu-jitsu, os Gracies divulgaram o Brasil no exterior mais que todas as campanhas da Embratur juntas - Arthur Virgílio, senador e praticante de jiu-jitsu (inclusive fora do tribunal)".

20.

Edição - 2129 (Matéria escolhida para análise completa)

Data: 09/09/2009

P. 121

Caderno: Especial

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Matéria específica

Título: *Bons de briga e de audiência*

Descrição: Matéria sobre o crescimento do MMA e sua audiência.

Trecho: “Homens fortões e de sunga que gostam de atacar-se em um ringue”.

21.

Edição - 2114

Data: 27/05/2009

P. 115

Caderno: Mulher

Seção: Saúde

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Quase 100 quilos e de bem com a vida*

Descrição: Citação do jiu jitsu para manter boa forma.

Trecho: “Silva, 1,70 metro, 71 quilos, corpo atlético conquistado com capoeira, jiu-jitsu e musculação”.

22.

Edição - 2102

Data: 04/03/2009

P. 52

Caderno: Internacional

Seção: Política

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Um menino e dois países*

Descrição: A disputa de pai e mãe pela guarda da criança. É citado que a criança, morando nos EUA, treina jiu-jitsu.

Trecho: “Divide as manhãs com aulas de basquete e jiu-jitsu”.

23.

Edição - 2098

Data: 04/02/2009

P. 51

Caderno: Panorama

Seção: Personalidades

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Morreram*

Descrição: Nota de falecimento de Hélio Gracie.

Trecho: “Hélio Gracie, o franzino que se tornou um dos criadores do estilo brasileiro de jiu-jitsu”.

24.

Edição - 2068

Data: 09/07/2008

Edição com duas citações:

P. 46

Caderno: Veja.com

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Leitura*

Descrição: Citação do livro sobre Carlos Gracie.

Trecho: “Trecho sobre o livro, *Carlos Gracie: O criador de uma Dinastia*, o patriarca dos lutadores de jiu-jitsu”.

P. 136

Caderno: Livros

Seção: Entretenimento

Tipo da matéria: Matéria específica

Título: *O fabuloso Gracie*

Descrição: Matéria sobre a biografia autorizada de Carlos Gracie.

Trecho: “Mais que um lutador, Carlos foi uma celebridade entre os anos 30 e 50”.

25.

Edição - 2066

Data: 25/06/2008

Edição com duas citações:

P. 192

Caderno: Cinema

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Entrevista

Título: *Esquerda, adeus*

Descrição: Entrevista com o cineasta e praticante de jiu-jitsu, David Mamet, que produziu o filme "Cinturão Vermelho", que tem como tema específico o jiu-jitsu brasileiro.

Trecho: "Há seis anos, mais ou menos, desde que vim morar em Los Angeles e comecei a estudar com o brasileiro Renato Magno. O jiu-jitsu desenvolve não só o corpo, mas também a mente e autoconfiança. Na verdade, acho um esporte muito filosófico".

P. 197

Caderno: Televisão

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Gay e patético*

Descrição: Matéria sobre o personagem *gay* Orlandinho, da novela das 8, da Rede Globo, "A Favorita", que tem tenta mascarar sua opção sexual.

Trecho: "O rapaz é piloto de fórmula 3, luta jiu-jitsu, vive rodeado de mulheres. Tudo pose".

26.

Edição - 2053

Data: 26/03/2008

P. 36

Caderno:Veja.com

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Podcast*

Descrição: Diogo Mainardi fala sobre a influência do jiu-jitsu no cineasta David Mamet.

Trecho: “Diogo Mainardi fala sobre o papel que o jiu-jitsu teve no fato de David Mamet ter ido da esquerda para a direita”.

27.

Edição - 2049

Data: 27/02/2008

Edição com duas citações:

P. 11

Caderno: Páginas Amarelas

Seção: Entrevista

Tipo de peça jornalística: Entrevista

Título: *Tudo é novidade*

Descrição: Entrevista com atriz brasileira Alice Braga, que participa do filme “Cinturão Vermelho” de David Mamet, o filme aborda o universo do jiu-jitsu.

Trecho: “Veja: Redbell é uma história passada no mundo do jiu-jitsu. Como algo tão brasileiro foi parar na mãos de David Mamet?”.

P. 94

Caderno: Datas

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Confirmado*

Descrição: Confirmação que o lutador Ryan Gracie morreu na prisão por causa de uso de calmantes e drogas.

Trecho: “Que um coquetel de cinco calmantes causou a morte do lutador de jiu-jitsu Ryan Gracie, em dezembro de 2007. Antes de tomar os remédios, o atleta já havia consumido cocaína e maconha”.

28.

Edição - 2040

Data: 26/10/2007

P. 60

Caderno: Polícia

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *O coquetel do Dr. Sabino*

Descrição: Matéria sobre a morte do lutador Ryan Gracie e os possíveis remédios que mataram o lutador.

Trecho: "Na manhã do sábado, 15, o lutador de jiu-jitsu e vale-tudo Ryan Gracie, de 33 anos foi encontrado morto na cela de uma delegacia de São Paulo". "Ryan Gracie, durante um campeonato de vale-tudo: delírios persecutórios deflagrados pelo consumo de drogas".

29.

Edição - 2021

Data: 15/08/2007

P.1 06

Caderno: Vida Brasileira

Seção: Comportamento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Crimes na selva*

Descrição: Matéria sobre os indígenas brasileiros que matam crianças com dificuldades físicas.

Trecho: "Os camaiurás, que vivem no Mato Grosso, adoram exibir o lado mais vigoroso de sua cultura. Em 2005, a tribo recebeu dinheiro da BBC para permitir que lutadores de judô e jiu-jitsu disputassem com seus jovens guerreiros".

30.

Edição - 2015

Data: 04/07/2007

P. 78

Caderno: Especial

Seção: Comportamento

Tipo de peça jornalística: Matéria completa

Título: *Eu, meu melhor amigo*

Descrição: Matéria sobre autoestima na qual o jiu-jitsu é citado por um entrevistado como recurso para elevar a autoestima .

Trecho: “Yamashiro só ganhou autoconfiança quando começou a praticar jiu-jitsu: ‘Fiquei mais forte fisicamente e isso me deixou mais seguro’, diz ele, que está noivo de Marilys Sucena e se tornou professor de jiu-jitsu”.

31.

Edição - 2008

Data: 16/05/2007

P. 66

Caderno: Gente

Seção: Saúde

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *A vida é um passeio*

Descrição: Modelo que está namorando um praticante de jiu-jitsu.

Trecho: “Com o praticante de jiu-jitsu e estudante de relações internacionais, Frabizio Venâncio, de 25 anos, nada de malhar a dois, mas um ritmo mais tranquilo de praia e passeio”.

32.

Edição - 2001

Data: 23/08/2007

P. 87

Caderno: Perfil

Seção: Personalidades

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *“Bad Boy” é do bem*

Descrição: O jogador de futebol Romário mudou sua alimentação para a alimentação Gracie, criada por Carlos Gracie.

Trecho: “Além disso, mudou seus hábitos alimentares. Substituiu o refrigerante por suco de melancia e água de coco e adotou uma dieta baseada em uma combinação rigorosa de alimentos, criada por Hélio Gracie, mestre do jiu-jitsu”.

33.

Edição - 1993

Data: 31/01/2007

P. 92

Caderno: Esporte

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Faz mal, sim*

Descrição: Crianças que fazem esportes de maneira exagerada.

Trecho: “Marcos Vinícius, de 6 anos, na fisioterapia: futebol, natação e jiu-jitsu, ao mesmo tempo. De uma hora para outra, Marcos Vinicíus, de apenas 6 anos, começou a praticar futebol, natação e jiu-jitsu, tudo ao mesmo tempo”.

34.

Edição - 1978

Data: 18/10/2006

P. 137

Caderno: Economia

Seção: Outros

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Duelo de gigantes no Brasil*

Descrição: É feita uma metáfora com o jiu-jitsu, na questão da concorrência entre as empresas.

Trecho: “Meu estilo é jiu-jitsu: quanto maior o tamanho (do concorrente) maior a queda, diz Fisher”.

35.

Edição - 1974

Data: 20/09/2006

P. 83

Caderno: Gente

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Tem tigresa no tatame*

Descrição: Pequena matéria sobre a lutadora da Família Gracie, Kyra Gracie.

Trecho: "É difícil dissociar da família Gracie a imagem de valentões brigões. Ao menos até conhecer a carioca Kyra, de 21 anos".

36.

Edição - 1966

Data: 28/09/2005

P. 60

Caderno: Comportamento

Seção: Comportamento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *O valor da intimidade*

Descrição: A relação dos pais divorciados com os filhos, nos finais de semana. Citado o ator Marcelo Novaes.

Trecho: "Faz jiu-jitsu com eles, leva-os à aula de música, acompanha os deveres de casa e cuida, sobretudo, para não perder o interesse pelo universo dos meninos."

37.

Edição - 1924

Data: 28/09/2005

P. 60

Caderno: Brasil

Seção: Política

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Tal como era antes... ?*

Descrição: Seguranças da Câmara dos Deputados expulsam jovens com violência.

Trecho: “O grupo poderia começar evitando o espetáculo lamentável da semana passada quando os seguranças da Casa foram chamados para esvaziar as galerias em rebeldia - e saíram espancando estudantes, dando chutes, pontapés e golpes de jiu-jitsu. Três universitários ficaram feridos”.

38.

Edição - 1921

Data: 07/09/2005

P. 112

Caderno: Guia

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Um golpe na preguiça*

Descrição: Matéria sobre o crescimento de praticantes de artes marciais no Brasil, o jiu-jitsu é citado entre as modalidades. Compara o judô com 2 milhões de praticantes e o jiu-jitsu com 300 mil praticantes.

Trecho: “Jiu-jitsu: Desenvolve a habilidade de luta no chão. Como no judô, não há chutes e nem socos. A partir dos 9 anos, o treinamento começa a ter caráter técnico”.

39.

Edição - 1982

Data: 01/12/2004

P. 118

Caderno: Especial

Seção: Comportamento

Tipo de peça jornalística: Matéria (Capa)

Título: *Equilíbrio do cérebro e da alma*

Descrição: Possíveis combates à depressão, *stress* e ansiedade. O jiu-jitsu é citado por um dos entrevistados.

Trecho: “Recuperou-se aos poucos, voltou para a casa e atualmente, tem vida social e até luta jiu-jitsu. ‘Agora quero recuperar os anos que eu perdi’, Lucas Guerra, 20 anos”.

40.

Edição - 1855

Data: 26/05/2004

P. 70

Caderno: Comportamento

Seção: Comportamento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Cabala para massas*

Descrição: Cabala judaica como forma de autoajuda. Citação do jiu-jitsu como *hobby* do filho do fundador do centro.

Trecho: “O primogênito é, inegavelmente, a celebridade do clã. Trata-se de um homem eloquente e grandalhão - ele se dedica a um *hobby*, nada contemplativo, aulas de jiu-jitsu com um professor brasileiro, em Berverly Hills, onde vive”.

41.

Edição - 1848

Data: 15/04/2004

Edição com duas citações:

P. 88

Caderno: Especial

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Matéria (Capa)

Título: *Brasileirinha que voa*

Descrição: Matéria sobre a atleta brasileira Daiane dos Santos. A atleta cita seu namorado lutador de jiu-jitsu.

Trecho: “Ele luta jiu-jitsu e há duas semanas ele passou um dia com a namorada em Curitiba, quando foi disputar uma competição na cidade”.

P. 114

Caderno: Televisão

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Fórmula perfeita*

Descrição: Matéria sobre a novela da Rede Globo, “Da cor do pecado”, na qual o autor João Emanuel Carneiro cita sua adolescência, época em que treinou jiu-jitsu, como inspiração para a novela.

Trecho: “João Emanuel Carneiro inspirou-se em sua própria adolescência para incorporar as artes marciais à história. Ele treinou jiu-jitsu com a família Gracie”.

42.

Edição - 1835

Data: 07/01/2004

P. 111

Caderno: Televisão

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Beleza negra*

Descrição: Matéria sobre a atriz Taís Araújo, na qual é citado lutador de jiu-jitsu como seu namorado.

Trecho: “Sua cara metade é o lutador de jiu-jitsu Márcio Feitosa, de 27 anos. Os dois noivaram recentemente “.

43.

Edição - 1824

Data: 15/10/2003

P. 91

Caderno: Gente

Seção: Saúde

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Esporte favorito: Remar contra a maré*

Descrição: A até então senadora Heloisa Helena fala de ter treinado jiu-jitsu, porém não gostou da arte marcial, disse que prefere remo.
Trecho: “Antes passou pelo jiu-jitsu, mas não gostou. ‘Fiquei com o corpo repleto de roxos’, reclama”.

44.
Edição - 1814
Data: 06/10/2003
P. 134
Caderno: -
Seção: Saúde
Tipo de peça jornalística: Coluna
Título: *Estou com os paraplégicos*
Descrição: O colunista Diogo Mainardi comenta sua experiência com pessoas com deficiência física. No hospital Saint Losais, nos EUA, utiliza arte marcial no tratamento.
Trecho: “Todos os deficientes deveriam praticar artes marciais. O hospital Saint Losais, nos Estados Unidos, tem um curso de kajukenbo para portadores de paralisia cerebral. Kajukenbo é uma combinação de caratê, judô, jiu-jitsu e boxe chinês”.

45.
Edição - 1798
Data: 16/04/2003
P. 98
Caderno: Gente
Seção: Personalidades
Tipo de peça jornalística: Coluna
Título: *Cabeleira mostra que tem atitude*
Descrição: Ator Jonathan Haagensen cita jiu-jitsu para manter corpo atlético.
Trecho: “O talento impressionou, mas foi o corpão do ator - esculpido a base de jiu-jitsu, surfe e muita pedalada - que deixou o fotógrafo peruano Mario Testino interessadíssimo”.

46.

Edição - 1792

Data: 05/03/2003

P. 67

Caderno: Especial

Seção: Saúde

Tipo de peça jornalística: Matéria (Capa)

Título: *Os limites do corpo*

Descrição: O excesso de exercícios para corpos perfeitos. Entrevistado cita que pratica jiu-jitsu.

Trecho: “Pratico natação e jiu-jitsu”.

47.

Edição - 1787

Data: 29/01/2003

P. 105

Caderno: Televisão

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Neo-Bambam*

Descrição: Integrante do programa Big Brother que dá aulas de jiu-jitsu.

Trecho: “Além de tomar conta da academia de ginástica da família, ele dá aulas de jiu-jitsu”.

48.

Edição - 1754

Data: 05/06/2002

P. 30

Caderno: Radar

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *A febre do jiu-jitsu*

Descrição: Pequena matéria sobre o crescimento do jiu-jitsu nos Estados Unidos.

Trecho: “O jiu-jitsu brasileiro, uma arte marcial popularizada mundialmente pela família Gracie, cresce de forma espetacular nos Estados Unidos”. “ Mais de 1 milhão de americanos praticam jiu-jitsu. Há cerca de 250 professores brasileiros ensinando este tipo de arte marcial”.

49.

Edição - 1750

Data: 09/05/2002

P. 67

Caderno: Esporte

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Matéria específica

Título: *Os reis do sopapo*

Descrição: Matéria sobre o sucesso de lutadores brasileiros no Japão, que tem *status* de celebridade e não eram conhecidos no Brasil.

Trecho: “Desconhecidos no Brasil, lutadores de vale-tudo são celebridades no Japão”.

50.

Edição - 1743

Data: 20/03/2002

P. 82

Caderno: Gente

Seção: Personalidades

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Pombinhos argentinos em Miami*

Descrição: Filha de ex-presidente argentino, Carlos Menem, namora professor de jiu-jitsu.

Trecho: “Ele, carioca e professor de jiu-jitsu”. “Zulemita conheceu Pedro quando procurava uma academia para treinar defesa pessoal”.

51.

Edição - 1732

Data: 26/12/2001

P. 48

Caderno: Veja essa

Seção: Personalidades

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: -

Descrição: Comentário de Hélio Gracie sobre os alunos de jiu-jitsu.

Trecho: “O aluno inteligente dá mais trabalho para aprender o jiu-jitsu, porque fica pensando antes de fazer o golpe. Uma criança, uma moça, um burro vão aprender mais depressa que o inteligente”.

52.

Edição - 1728

Data: 28/11/2001

P. 35

Caderno: Veja essa

Seção: Personalidades

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: -

Descrição: Comentário do ator Raul Gazola para manter a boa forma física.

Trecho: “Faço jiu-jitsu, aeróbica e musculação. Estou ficando enlouquecedor”.

53.

Edição - 1697

Data: 25/04/2001

P. 109

Caderno: Datas

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: -

Descrição: Divulgação da causa da morte do filho de Rickson Gracie, o jovem de 19 anos, Rockson Gracie.

Trecho: “O resultado da necropsia do corpo do lutador, modelo e professor de jiu-jitsu Rockson Gracie, 19 anos, filho de Rickson Gracie. A morte foi comprovada por overdose de drogas misturadas a medicamentos, segundo o Medical Examiner Office. Dia 16, em Nova York”.

54.

Edição - 1692

Data: 21/03/2001

P. 55

Caderno: Comportamento

Seção: Comportamento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Eles fazem dinheiro em casa*

Descrição: Matéria sobre trabalhar em casa, citação de um ex-campeão que decidiu trabalhar em casa.

Trecho: “O estudante Raphael Bettin, de 18 anos, ex-campeão paulista de jiu-jitsu, já golpeou e venceu muitos adversários no tatame. Atualmente, ele continua lutando, mas a vitória equivale a encher o bolso de dinheiro, os golpes têm de ser estudados com muito mais cuidado e o cenário é a tela de alguns computadores”.

55.

Edição – 1686

Data: 07/02/2001

P. 32

Caderno: Veja essa

Seção: Personalidades

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: -

Descrição: Comentário de Hélio Gracie sobre os alunos de jiu-jitsu.

Trecho: “O aluno inteligente dá mais trabalho para aprender o jiu-jitsu, por que fica pensando antes de fazer o golpe. Uma criança, uma moça, um burro vão aprender mais depressa do que o inteligente”.

P.120

Caderno: Televisão

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Pintou um clima...*

Descrição: Matéria sobre a relação entre participantes do programa exibido na rede Globo, chamado “No Limite”.

Trecho: “Sávio, que luta jiu-jitsu, é conhecido no pedaço como um *dom-juan* inveterado que fica com uma moça a cada semana”.

56.

Edição - 1684

Data: 24/01/2001

P. 69

Caderno: Esporte

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Matéria específica

Título: *Vapt-Vupt*

Descrição: Matéria sobre artes marciais na qual existe um *inbox*, indicando os golpes que matam.

Trecho: “Jiu-Jitsu - O golpe mais perigoso da luta é o ‘mata-leão’. Trata-se de um estrangulamento que interrompe a circulação sanguínea para o cérebro. Se mantido por alguns minutos leva à morte”.

57.

Edição - 1674

Data: 08/11/2000

P. 129

Caderno: Especial

Seção: Comportamento

Tipo de peça jornalística: Matéria (Capa)

Título: *Elas venceram*

Descrição: Matéria sobre ascensão feminista, cita delegada que prendeu Ryan Gracie.
Trecho: “Monique Vidal, de 29 anos, delegada: depois de atuar contra gangues do Rio e pedir a prisão de Ryan Gracie, lutador de jiu-jitsu, foi transferida para a delegacia de Repressão ao crime organizado”.

58.
Edição - 1671
Data: 18/10/2000
P. 35
Caderno: Radar
Seção: Policial/Violência
Tipo de peça jornalística: Coluna
Título: *Rogério Gracie*
Descrição: Citação de Rogério Gracie na coluna sobe e desce.
Trecho: “Há um mês, chamou um guarda municipal de ‘crioulo safado’. Agora, o lutador de jiu-jitsu atropelou um cabo da PM fluminense”.

P. 41
Caderno: Veja essa
Seção: Personalidades
Tipo de peça jornalística: Coluna
Título: -
Descrição: Frase de Hélio Gracie sobre si mesmo.
Trecho: “Tenho consciência de que, em potencial, sou o pior sujeito que conheço. Eu me vejo no lugar do bandido e percebo que faria melhor que ele. Então, não presto. Não sou flor que se cheire. Ando com pele de carneiro, mas sou mesmo é lobo”.

59.
Edição - 1670
Data: 11/10/2000
P. 139
Caderno: Datas

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Internado*

Descrição: Ator que sofreu agressão.

Trecho: “O ator André Gonçalves, com o maxilar fraturado, inchaço no rosto e ferimento na traqueia, resultado de pancadaria na churrascaria Perção, em Lisboa, depois de dissentimento com seguranças, em circunstâncias ainda não esclarecidas. Há quatro anos, quando fazia papel do homossexual Sandrinho, na novela ‘A próxima vítima’, André foi surrado no Rio e recebeu ameaça de morte por lutadores de jiu-jitsu”.

60.

Edição - 1665

Data: 06/09/2000

P. 93

Caderno: Comportamento

Seção: Comportamento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Todos querem ser Zulu*

Descrição: Matéria sobre os homens que buscam o ideal de beleza. Citação de Paulo Zulu, que diz praticar jiu-jitsu.

Trecho: “Também faz caça submarina e treina jiu-jitsu”.

61.

Edição – 1661 (Matéria selecionada para análise completa)

Data: 09/08/2000

P. 78

Caderno: Saúde

Seção: Saúde

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Dose para cavalo*

Descrição: Matéria sobre crescimento do consumo de drogas para animais entre os praticantes de jiu-jitsu.

Trecho: “O estudante cearense, Jean Mendonça de Mesquita, de 23 anos, participava de um campeonato de jiu-jitsu quando desabou sozinho sobre o tatame, no meio da luta”. “A categoria de produtos que oferecem riscos maiores é justamente a que está se popularizando entre praticantes de jiu-jitsu”.

62.

Edição – 1659

Data: 20/07/2000

P. 117

Caderno: Especial

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Matéria Capa

Título: *Cada vez mais jovens*

Descrição: Matéria sobre o crescimento do consumo de maconha pelos jovens. Lutador de jiu-jitsu citado como fornecedor.

Trecho: “Uma vez por semana, o fornecedor da vizinhança, um jovem de 21 anos que luta jiu-jitsu, passa regularmente com a mercadoria”.

P. 154

Caderno: Televisão

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Voyeurismo sádico*

Descrição: Matéria sobre o *reality show* “No Limite”, praticante gaúcho de jiu-jitsu é citado como um dos integrantes do programa.

Trecho: “Um praticante de jiu-jitsu gaúcho e um ex-moleque de rua de Salvador. Colocadas em situações limites, pessoas tão diferentes tendem a brigar mais”.

63.

Edição – 1654

Data: 21/06/2000

P. 31

Caderno: Cartas

Seção: Outros

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Ecstasy*

Descrição: Leitor envia carta comentando matéria de revista anterior.

Trecho: “O casal de traficantes, pelo que se vê nas fotos, não usa, como diz a matéria, um visual *clubber*, de ‘cabelos coloridos, roupas brilhantes, *piercings* e tatuagens espalhadas pelo corpo’. Ao contrário, a moça, aparentemente, é uma estudante de direito bastante ‘normal’ e o rapaz, um saudável lutador de jiu-jitsu”.

64.

Edição – 1653

Data: 15/06/2000

P. 112

Caderno: Drogas

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Ecstasy, a bola da vez*

Descrição: Matéria sobre o ecstasy. Lutador de jiu-jitsu citado como traficante deste tipo de droga.

Trecho: “Chrytian, 24 anos, lutador de jiu-jitsu, que responde a processo por tráfico de maconha no Paraná, continua detido”.

65.

Edição – 1642

Data: 29/03/2000

P. 147

Caderno: Perfil

Seção: Personalidades

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Homem-objeto e com orgulho*

Descrição: Matéria sobre o ator e modelo Paulo Zulu.

Trecho: “Seu condicionamento impecável é mantido à base de natação, jiu-jitsu, surfe e seções de ginástica natural”.

66.

Edição – 1640 (Matéria selecionada para análise completa)

Data: 15/03/2000

P. 34

Caderno: Contexto

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *O brigão do tatame*

Descrição: Coluna mostrando o perfil de lutadores de jiu-jitsu que fazem arruaça.

Trecho: “Com base nos inquéritos policiais abertos para apurar brigas envolvendo lutadores de jiu-jitsu, o Ministério Público estadual do Rio de Janeiro traçou o perfil básico desses baderneiros”.

67.

Edição – 1639

Data: 15/03/2000

Edição com duas citações:

P. 21

Caderno: Radar

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Clã Gracie*

Descrição: Família Gracie citada no quadro sobe e desce.

Trecho: “Com a prisão de Ryan Gracie por tentativa de homicídio, a família símbolo do jiu-jitsu troca as páginas de esporte pelas de polícia”.

P. 89

Caderno: Datas

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Preso*

Descrição: Relato da prisão de Ryan Gracie.

Trecho: “O lutador de jiu-jitsu Ryan Gracie, 25 anos, acusado de tentativa de homicídio. Ele era procurado pela polícia por ter esfaqueado no abdômen o também lutador Marcus Marias das Rosa. A briga entre os dois aconteceu em 13 de fevereiro, na boate Ilha da Fantasia, na Barra da Tijuca”.

68.

Edição – 1637 (Matéria selecionada para análise completa)

Data: 23/02/2000

Edição com duas citações:

P. 37

Caderno: Veja essa

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: -

Descrição: Frase de Robson Gracie sobre seu filho Ryan.

Trecho: “’Nossa família não tem frouxo’. Robson Gracie, pai de Ryan Gracie, campeão de jiu-jitsu, acusado de esfaquear outro rapaz em uma boate no Rio”.

P. 121

Caderno: Datas

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *O “demônio” Gracie*

Descrição: Matéria sobre a briga de Ryan Gracie.

Trecho: “Os Gracies adoram brigar”.

69.

Edição – 1626

Data: 01/12/1999

P. 146

Caderno: Ginástica

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Um quilo a menos por semana*

Descrição: Matéria sobre exercícios para perda de massa. Jiu-Jitsu é citado para manter a forma.

Trecho: “Magalhães anda de bicicleta todos os dias e pratica jiu-jitsu duas vezes por semana, mas quer mais”. “Magalhães: Bicicleta, jiu-jitsu e malhação para enfrentar a praia”.

70.

Edição – 1602 (Matéria selecionada para análise completa)

Data: 16/06/1999

P. 123

Caderno: Família

Seção: Comportamento

Tipo de peça jornalística: Matéria específica

Título: *Gracie X Gracie*

Descrição: Matéria sobre a disputa pelo uso do nome Gracie.

Trecho: “A família mais invocada do país, os Gracie, do jiu-jitsu, divide-se em duas alas e briga entre si”.

71.

Edição – 1583 (Matéria selecionada para análise completa)

Data: 03/02/1999

P. 68

Caderno: Comportamento

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Matéria específica

Título: *A cultura do tapão*

Descrição: Matéria sobre jovens que utilizam o jiu-jitsu para promover violência.

Trecho: “Eles já gostavam de brigar e agora ficaram mais violentos depois de aprender o jiu-jitsu”.

72.

Edição – 1555

Data: 15/06/1998

P. 71

Caderno: Aventura

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Surfe no céu*

Descrição: Matéria sobre brasileiros que inovam no paraquedismo com pranchas de surfe. Citado o atleta Pierre Choffard, que também é treinador de jiu-jitsu.

Trecho: “Choffard, além de pular de aviões com sua prancha, é treinador de jiu-jitsu”.

73.

Edição – 1521

Data: 12/10/1997

P. 80

Caderno: Educação

Seção: Outros

Tipo de peça jornalística: Matéria (Capa)

Título: *Escravos da angústia*

Descrição: Matéria sobre jovens que estão se preparando para o vestibular. Jovem cita que não tempo para outras atividades.

Trecho: “Esqueceu, então, as aulas de polo aquático, jiu-jitsu e inglês, abandou as corridas de *kart* e agora encara madrugadas de estudo à base de guaraná em pó, vitaminas, Coca-Cola e *cappuccino*”.

74.

Edição – 1516 (Matéria selecionada para análise completa)

Data: 08/10/1997

P. 9

Caderno: Entrevista

Seção: Entrevista

Tipo de peça jornalística: Matéria específica

Título: *O velho samurai*

Descrição: Entrevista com o mestre de jiu-jitsu Hélio Gracie.

Trecho: “O grande mestre de jiu-jitsu diz que, no Brasil, o esporte virou briga de arruaceiros e prega o fim da violência”.

75.

Edição – 1493

Data: 30/04/1997

P. 28

Caderno: Brasil

Seção: Policial/Violência

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Planalto selvagem*

Descrição: Matéria sobre os jovens indiciados por atear fogo contra um índio. Citando uns dos jovens, o qual se matriculou em uma academia de jiu-jitsu, mas desistiu de continuar no esporte.

Trecho: “Em maio do ano passado, matriculou-se em uma academia de jiu-jitsu. Desistiu em agosto. Um colega explica por quê: “Ele não batia, não tinha força. Quando ia lutar, só apanhava”.

76.

Edição – 1477

Data: 08/01/1997

P. 69

Caderno: Especial

Seção: Saúde

Tipo de peça jornalística: Matéria (Capa)

Título: *Em busca do corpo desenhado*

Descrição: Matéria sobre os métodos para buscar o corpo perfeito para o verão. Modelo cita que pratica o jiu-jitsu entre outros esportes.

Trecho: “Logo que ela fez dez anos de balé clássico, dança flamenca, capoeira, ginástica olímpica e jiu-jitsu”.

77.

Edição – 1477 (Matéria selecionada para análise completa)

Data: 20/11/1996

P. 87

Caderno: Esporte

Seção: Esporte

Tipo de peça jornalística: Matéria específica

Título: *Sangue e dólares*

Descrição: Matéria sobre os brasileiros que estavam ganhando dinheiro lutando o Vale-Tudo.

Trecho: “O vale-tudo, a mais violenta forma de luta, vira moda e invade as Tvs e o vídeo”.

78.

Edição – 1470 (Matéria selecionada para análise completa, página 149)

Data: 13/11/1996

Edição com duas citações:

P. 84

Caderno: Verão

Seção: Saúde

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *O sabor do Norte*

Descrição: Matéria sobre o açaí, que é citado como fonte de vitaminas para lutadores de jiu-jitsu.

Trecho: “As qualidades proteicas do açaí começaram ser disseminadas por praticantes de jiu-jitsu há menos de cinco anos”.

P. 149

Caderno: Cinema

Seção: Entretenimento

Tipo de peça jornalística: Matéria

Título: *Golpes de verdade*

Descrição: Matéria sobre os filmes que utilizam artes marciais como foco principal. É citado que o ator Jean-Claude Van Damme procurou o lutador brasileiro Rickson Gracie para aprender jiu-jitsu. O professor e atleta Fabio Gurgel comenta o jiu-jitsu em filmes.

Trecho: "Van Damme: em vez de pura fantasia, socos e chutes aprendidos em aulas de jiu-jitsu".

78.

Edição – 1429

Data: 31/01/1996

P. 66

Caderno: Gente

Seção: Personalidades

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Um malhador chamado Raul*

Descrição: Comentário do ator Raul Gazolla que usa jiu-jitsu para manter a forma física.

Trecho: "Ao mesmo tempo encara, com firmeza, uma dieta sem açúcar, gordura e frituras, malha diariamente e nas horas vagas pratica jiu-jitsu".

79.

Edição – 1413

Data: 10/10/1995

P. 90

Caderno: Gente

Seção: Personalidades

Tipo de peça jornalística: Coluna

Título: *Na briga do personagem*

Descrição: Ator que interpreta homossexual em novela, André Gonçalves diz que foi agredido por lutadores de jiu-jitsu.
Trecho: “Ele foi agredido por lutadores de jiu-jitsu no banheiro de um bar carioca”.

80.
Edição – 1270
Data: 13/01/1993
P. 63
Caderno: Sociedade
Seção: Policial/Violência
Tipo de peça jornalística: Matéria (Capa)
Título: *O ovo da serpente*
Descrição: Matéria sobre o assassinato de Daniela Perez, cometido pelo ator Guilherme de Pádua. O ator teria provocado uma briga com o também ator Alexandre Frota, por causa do jiu-jitsu.
Trecho: “Durante um ensaio, começou a ridicularizar o ator Alexandre Frota, que pratica jiu-jitsu, alegando que o judô é uma arte superior. Desafiado para um treino, topou a parada, acabou imobilizado por Frota e depois ameaçou agredi-lo com um caco de espelho preso a um pedaço de pau grande”.

Estatística:
Entretenimento – 18
Policial/Violência – 18
Esporte – 15
Personalidades – 14
Saúde – 9
Comportamento – 9
Outros – 3
Entrevistas – 4
Política – 3
Total – 80 Edições
93 Matérias

Fazendo uma análise da pesquisa quantitativa, foram levadas em conta as seções em que as matérias foram vinculadas para entender em qual assunto o jiu-jitsu foi mais publicado. Outro fato relevante foi realizar uma linha temporal, pois ela será um mapa de como a categoria do lutador de jiu-jitsu veio a ser tratada no decorrer dos anos, e se houve mudanças neste tratamento no decorrer do tempo.

De 1990 até 2016, foram encontradas 80 edições da revista *Veja* utilizando a palavra chave jiu-jitsu, foram analisadas 93 matérias, sendo que algumas edições tinham mais que uma matéria sobre o assunto. Dentre essas matérias, sete foram selecionadas para a análise do discurso de forma minuciosa. Como critério para a seleção: matérias que continham os discursos representaivos das principais linhas argumentativas empregadas pela revista. Outro grupo de análise de discurso, como já mencionado, foram os títulos, sendo levados em conta apenas os títulos que tivessem relação com o tema central, num total de 22 títulos analisados. Estas duas etapas se concentram nos próximos tópicos. Para este item, será demonstrado os resultados da pesquisa quantitativa, que servirá como apoio para as próximas etapas.

As 93 matérias encontradas na revista, foram previamente divididas em entretenimento, policial/violência, esporte, personalidades, saúde, comportamento, entrevistas, política e outros. Para contabilizar a categoria seções, foi realizada uma divisão em duas etapas. A primeira é usada para mostrar quantas publicações foram realizadas para cada tipo de seção em um determinado ano. Já, a segunda, foi para mostrar qual foi o total de cada tipo de seção dentre 1990 e 2016. Para exemplificar, na seção Entretenimento, no ano de 2008, foram encontradas 4 matérias que citam o jiu-jitsu, sendo que, no total, essa seção apresentou 18 matérias com citações do jiu-jitsu.

Desta forma, será compreendido como a revista enquadrou suas matérias.

Para a linha temporal da revista foi realizada uma tabela (tabela 1), na qual foram colocados os anos e as seções que enquadraram o tema. Nesta análise, pode-se observar que nos primeiros anos da década de 1990, o jiu-jitsu não foi mencionado, apenas em 1993 e, no caso, foi uma matéria policial. O último ano em que a revista teve o jiu-jitsu citado foi em 2014, ou seja, não se fala a respeito do assunto há três anos.

Tabela 1 Ano X Seção

Seção	Ano																					Total
	1993	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	
Entretenimento	0	0	1	0	0	0	1	1	0	1	2	0	0	0	4	1	1	2	1	1	2	18
Policial/Violência	1	0	0	1	0	1	9	1	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	0	1	0	18
Esporte	0	0	1	0	1	1	0	1	2	0	1	1	1	1	0	1	0	0	2	2	0	15
Personalidades	0	1	1	0	0	0	2	3	1	1	0	0	0	1	0	2	0	0	1	1	0	14
Saúde	0	0	1	1	0	0	1	0	0	4	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	10
Comportamento	0	0	0	0	0	1	2	1	0	0	2	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0	9
Entrevista	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	1	0	4
Outros	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Política	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2
Total	1	1	4	4	1	3	16	7	3	6	5	3	2	6	7	5	2	3	4	8	2	93

Legendas

Maior número de matérias por seção

Maior número de seção por ano

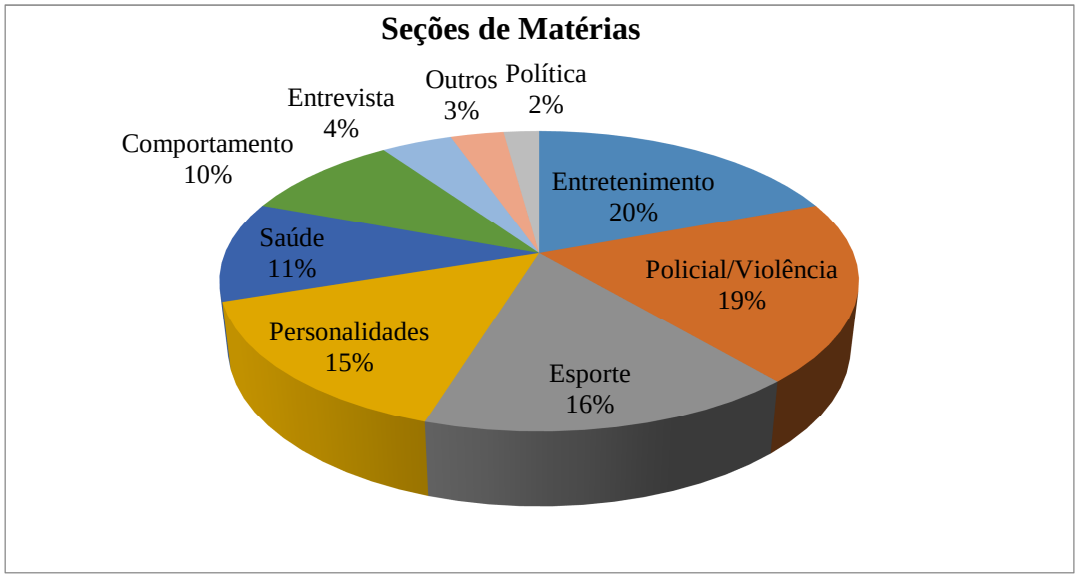
Ano com maior número de matérias

Total de matérias

Continuando analisando a tabela 1, foi observado que 2000 foi o ano com mais matérias mencionando o jiu-jitsu, um total de 16 matérias, a média de matérias dentro desta linha de tempo é 3,4 por ano. Outro aspecto interessante é que das 16 matérias que foram divulgadas em 2000, metade (09 matérias) foram a respeito de temáticas policiais ou de violência.

Analisando as seções em que o assunto foi abordado, como já observado nas páginas anteriores, foram criados nove tipos de seções. Nessas divisões, pode ser observado que as temáticas que mais tiveram matérias vinculadas foram entretenimento e policial/violência, cada uma apresentou 18 matérias. Logo em seguida temos o tema esporte, com 15 matérias. Para melhor visualizar essa divisão, o gráfico 1 contém todas as seções em que o jiu-jitsu foi citado.

Gráfico 1 Seções de matérias



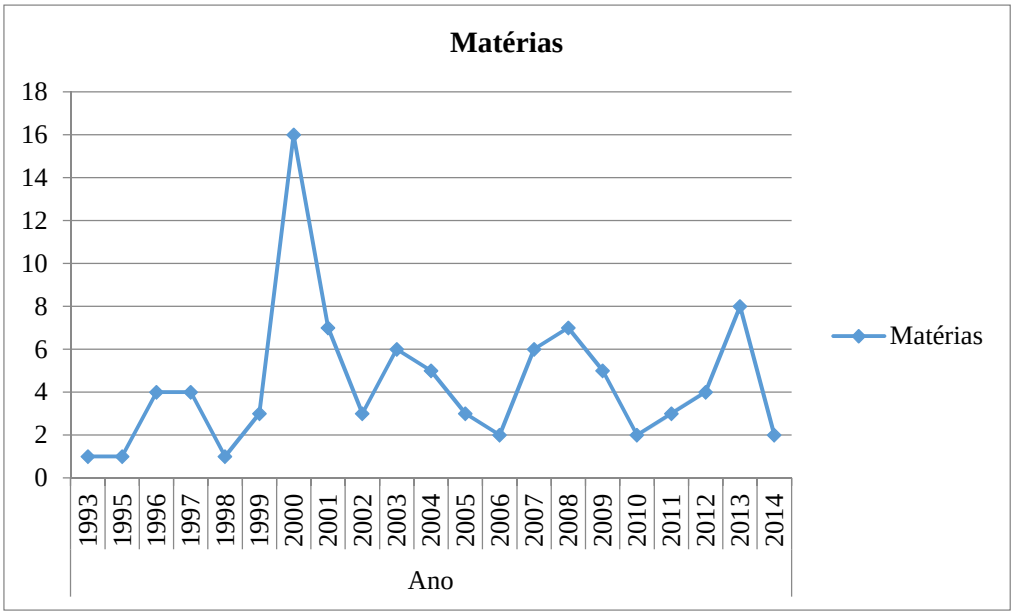
Outro ponto importante, como já comentado, é que o momento em que a revista mais falou sobre o jiu-jitsu, foi no ano 2000 e que das 16 matérias, metade delas foram relacionadas a policial/violência. O fato de a *Veja* abordar o jiu-jitsu principalmente nas suas páginas policiais reforça a criminalização do esporte, contribuindo para o expurgo dos seus praticantes.

Um fato analisado é que a matéria com mais páginas dedicadas ao assunto de forma específica, foi na edição 1583, de fevereiro de 1999. A matéria *Cultura do tapão* dedicou seis páginas (p. 66 até 71) para ambientar o jiu-jitsu na marginalidade.

Na seção esportiva, a matéria com mais páginas foi *Por que tanta gente está de olho em Anderson Silva*, na edição 2260 de março de 2012. A matéria conta com 10 páginas, falando sobre o lutador do UFC, considerado astro, porém não é um ícone do jiu-jitsu e sim do MMA. Esta foi a única matéria sobre artes marciais que teve capa. Especificamente sobre o jiu-jitsu, a matéria esportiva com mais páginas foi a entrevista com o mestre Hélio Gracie nas páginas amarelas, tendo três páginas na edição 1516 em outubro de 1997.

Para facilitar a visão da linha temporal que foi construída na tabela 1, foi realizado o gráfico 2, contendo o ano e o número de matérias sobre o esporte.

Gráfico 2 Ano com mais citações do jiu-jitsu



Esta etapa da análise teve como objetivo evidenciar quando e como o jiu-jitsu foi pautado na revista *Veja*, dando mais condições para entender o potencial ideológico dos discursos que serão analisados na próxima etapa. Primeiramente serão analisados apenas os discursos veiculados nos títulos selecionados. Em seguida, analisaremos o corpo do texto daquelas matérias mais representativas desses discursos.

3.2 Análise do discurso dos títulos das matérias

Para análise dos títulos, buscou-se compreender de que maneira as palavras estavam sendo utilizadas, a forma como os praticantes de jiu-jitsu são nomeados e quais as características e ações são atribuídas a eles. Um exemplo é de Kyra Gracie, a atleta foi apresentada de formas diferentes em período diferentes. No ano de 2014, a atleta foi rotulada como a "gracinha" da família Gracie e no ano 2006 a mesma atleta foi apresentada como a "tigresa" do tatame. São duas palavras com significados totalmente diferentes para representar a mesma pessoa, porém busca trazer a questão de gênero. Em outros momentos, temos uma associação de lutadores à violência com palavras que não fazem parte do vocabulário de artistas marciais, como, por exemplo, porrada, sopapo, tapão e etc.

A ideia de analisar deve-se ao fato de ele servir de "janela" para o texto e, em tese, sintetizar seu conteúdo, ou seja, normalmente é pelo título que o leitor cria interesse em ler o texto, ou até mesmo a atitude de não ler, principalmente numa revista em que os temas são distintos. Ao todo, foram analisados 22 títulos, porém eles se dividem entre o jiu-jitsu e o MMA. Como já foi comentado, as duas práticas de lutas são diferentes, mas como são confundidas pelos leigos em artes marciais, careceu estudar os títulos ligados ao MMA também.

1. Edição – 2354 – *A gracinha do clã*

Figura 3 A gracinha do clã

A gracinha do clã

Na novela das 9, Bruno, o personagem de Malvino Salvador, anda todo triste porque está longe da filha e brigado com a mulher. Já no cinema, o ator vive uma fase animada, preparando-se para interpretar José Aldo, um lutador de MMA musculoso. A familiaridade com as lutas vem do tempo em que ele praticou boxe, mas a ajuda da nova namorada, a lutadora de jiu-jitsu **KYRA GRACIE**, tem deixado tudo mais cor-de-rosa. Kyra é pentacampeã mundial do esporte e considerada a melhor lutadora do mundo. "É difícil pegá-lo. Ele tem os golpes precisos", diz. Não será por falta de ajuda que Salvador fracassará no novo papel: se a namorada se cansar, um paredão de cunhados estará à espera do ator: 90% dos 400 membros do clã Gracie vivem de luta.

O rótulo "gracinha" utilizado aqui contribui para deslocar a atenção do leitor das virtudes esportivas de uma das melhores atletas de jiu-jitsu do Brasil para seus atributos

estéticos, assumindo implicitamente a suposição de que as mulheres devem ser fonte de gratificação sexual para os homens. Lembrando que Kyra Gracie[22] é um grande ícone do jiu-jitsu, que enfrentou várias barreiras, inclusive na própria família. No dicionário, o significado de gracinha pode ir desde uma piada até um gracejo.

> Gracejo ou piada; comportamento, dito ou gesto repleto de graça ou que causa riso, geralmente observado em crianças. Boniteza; algo ou alguém cuja aparência encanta: a criança é uma gracinha; o carro está uma gracinha. Gracejo; expressão maliciosa e sagaz. Pequeno carinho ou favor. (DICIO, 2017).

2. Edição – 2345 – *Fé na porrada*

Figura 4 Fé na Porrada

Televisão

Fé na porrada

A minissérie *A Bíblia*, exibida pela Record, traduz as histórias do Velho e do Novo Testamento para quem vive em uma dieta de videogames e filmes de ação

Neste título foram utilizados dois substantivos fé e “porrada”. O primeiro para identificar a natureza da notícia ligada à religião e o segundo, termo bastante utilizado nas artes marciais, mas sempre associado a brigas ou algazarras. Esta matéria tem como assunto a violência na Bíblia, com relatos de guerras ou assassinatos. No caso, o jiu-jitsu é citado na frase: “E nem o Gênesis fala de anjos com faixa preta em jiu-jitsu [...]” (MARTINS, 2013, p. 136).

[22] Kyra Gracie Guimarães (Rio de Janeiro, 29 de maio de 1985) é uma lutadora brasileira pentacampeã mundial de Jiu-Jitsu, tricampeã do ADCC e integrante da família Gracie. É a primeira mulher da família a conquistar uma faixa preta em Jiu-Jitsu e a competir ativamente no esporte. Na atualidade, trabalha como comentarista esportiva e apresentadora nos canais Sportv/Combate. Kyra administra as filiais Ryan Gracie de Jiu-Jitsu em São Paulo, SP.

3. Edição – 2335 – *Psicologia no UFC*

Figura 5 Psicologia no UFC

PSICOLOGIA NO UFC

O lutador Chris Weidman, responsável por tirar o cinturão dos pesos médios de Anderson Silva, diz que sua formação de psicólogo o ajudou a nocautear o brasileiro na lendária luta de julho, em Las Vegas. "Foi o que me fez superar as provocações de Anderson no octógono", disse. O lutador de 29 anos, bacharel em psicologia pela Hofstra University, conversou com o site de VEJA no quintal de sua casa em Baldwin, Nova York.

Conheça uma das maiores academias de luta do mundo, comandada por Renzo Gracie, neto de um dos precursores do jiu-jitsu no Brasil, em Nova York.

Neste título, temos o substantivo feminino psicologia, ciência que habitualmente estuda o comportamento e as funções mentais, em conjunto com a sigla UFC, para o evento de artes marciais mistas, *Ultimate Fighting Championship*. Este título está fazendo referência ao lutador Chris Weidman que tem graduação em psicologia pela *Hofstra University*. O lutador não é o único com graduação superior, já que é prática comum entre os lutadores americanos de MMA que venham do esporte olímpico *wrestling*[23] ter o curso superior, pois são patrocinados por universidades americanas. Dentre os lutadores brasileiros com nível superior, pode ser citado Demian Maia, lutador nato de jiu-jitsu, que migrou para o MMA, é formado em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero.

4. Edição – 2335 – *No tatame do STF*

Figura 6 No tatame do STF

JUDICIÁRIO

No tatame do STF

Para relaxar, o ministro Luiz Fux vem dando aulas de jiu-jitsu aos amigos, em sua casa, em Brasília. Beleza. Recomenda-se que o faixa preta Fux não convide seus colegas Joaquim Barbosa e Ricardo Lewandowski para treinarem juntos.

[23] Luta greco-romana (em inglês: *Greco-Roman wrestling*) é um estilo de luta amadora praticada em todo mundo, regulada pela Federação Internacional de Lutas Associadas (FILA), e está presente nos Jogos Olímpicos modernos desde 1896.

Neste caso, o título foi utilizado de forma humorada para mencionar as aulas de jiu-jitsu ministradas pelo então ministro Luiz Fuxx em sua casa. O título contém o substantivo masculino tatame e a sigla STF para Supremo Tribunal Federal. O título foi mencionado de forma debochada com referência ao momento pelo qual o Supremo estava passando, já que o ministro Fuxx estava fazendo treinos de jiu-jitsu em sua residência. No dicionário de língua portuguesa o tatame é citado como:

> Tipo de esteira que, sendo usada como tapete, construída internamente por materiais orgânicos (palha de arroz), serve como base para prática de judô, jiu-jitsu, kung fu, caratê etc. Etimologia (origem da palavra tatame): do japonês tatami/tatâmi. (DICIO, 2017).

Para o praticante de jiu-jitsu, o tatame é um local considerado sagrado, pelo qual todos devem ter extremo respeito, inclusive sempre cumprimentar o local para entrar e para sair, não podendo entrar com calçados e as brincadeiras de qualquer tipo devem ser deixadas do lado de fora do local.

É importante notar que, no corpo do texto, o jiu-jitsu é tratado, ao mesmo tempo, como uma prática “relaxante” e ameaçadora.

5. Edição – 2332 – *Segurança com grife*

Figura 7 Segurança com grife

Segurança com grife

A Polícia Federal fechou uma parceria com a Mohotory, empresa do lutador de jiu-jitsu Rorion Gracie (filho do patriarca Hélio), para a visita do papa Francisco a Aparecida. Com a ajuda do engenheiro americano Jon Stevenson, sócio de Gracie, a PF testou um software para monitoramento de grandes eventos — o objetivo é dar respostas mais rápidas a eventuais problemas, como a necessidade de esvaziar uma área de incêndio ou detectar tumultos. Nesta semana, a empresa entregará um relatório da experiência à polícia. Se o trabalho for aprovado, poderá ser adotado na Copa do Mundo.

Neste título é utilizada uma metáfora para noticiar a contratação da empresa de segurança de Rorion Gracie pela Polícia Federal para a vinda do Papa Francisco ao Brasil. A

palavra segurança é um substantivo feminino que remete aos guarda-costas contratados. E a segunda palavra, grife, trata-se de um substantivo feminino cujo sentido é utilizado para criar uma identidade de luxo. Segundo o dicionário, os dois termos podem ser utilizados para várias situações, como pode ser visto:

> [Segurança] Ação ou efeito de segurar. Situação do que está seguro; afastamento de todo perigo: viajar com segurança. Certeza, confiança, firmeza: falou com segurança. Garantia, caução: a hipoteca constitui uma segurança real, a caução uma segurança pessoal. Pessoa encarregada da segurança de alguém ou de algo; guarda-costas.
>
> [Grife] Empresa de artigos de luxo, normalmente de vestuário, que é responsável pela confecção, criação, produção e distribuição de seus produtos. Nomeação atribuída a um costureiro, estilista famoso, criador ou fabricante que utiliza, identifica ou assina um produto de luxo, de marca. Etiqueta: descrição que diferencia um produto ou seu fabricante dos demais. Relacionado ao que se caracteriza como um produto de luxo, destacado pela assinatura ou marca de seu fabricante. Etimologia (origem da palavra grife): do francês *griffe*. (DICIO, 2017).

6. Edição – 2323 – *Mamãe, eu quero MMA*

Figura 8 Mamãe, eu quero MMA

Esporte

BRAVINHOS
Os campeões Minotauro, Anderson Silva e Minotauro (no fundo), com uma turma: octógono para menores

MAMÃE, EU QUERO MMA

A luta do momento seduz a criançada e se propaga pelas academias. Pelo menos no começo, os pequenos não saem estropiados, como acontece com os lutadores na TV

scolinha de futebol, balé ou cur-

A metade desses alunos é formada

características do MMA, como cotoveladas na cabeça e socos no queixo.

A partir dos 15 anos, começam a ser ensinadas as formas de luta de verdade. "Mas os alunos têm de usar capacete, luvas e proteção para dentes, joelhos e canelas", defende Dourado. Com os golpes, chegam os machucados. A coisa fica mais feia para a minoria de alunos que se interessa em subir ao octógono para valer. "Para quem quer se profissionalizar, os treinos são duros. Aí, vale quase tudo. Só não pode morder nem golpear a nuca", diz Romário Nonseira, o Minotauro. No Bra-

Neste título foi utilizada uma frase na primeira pessoa, a criança como o sujeito da frase para mostrar o crescimento do esporte MMA e o interesse em ser praticado por crianças. O título mostra-se como uma exigência feita pela criança para a mãe, podendo soar como uma afronta. O subtítulo traz a seguinte frase “A luta do momento seduz a criançada e se propaga pelas academias. Pelo menos no começo, os pequenos não saem estropiados, como os

lutadores na TV” (VEJA, 2013, p.104). Nesta frase existe um termo que remete à violência, “estropiados”, ou seja, a pessoa foi desfigurada. Ao tratar exclusivamente como um esporte violento, o subtítulo oculta as possíveis qualidades do esporte. Estropiado é um adjetivo ou substantivo, dependendo do seu sentido na frase. Como é mostrado no dicionário:

> [Adjetivo] Aleijado, mutilado, que perdeu algum membro. [Figurado] Falto de ordem, de correção: estilo estropiado. [Figurado] Desfigurado, alterado: sentido estropiado.
>
> [Substantivo masculino]. Homem que sofreu mutilação, aleijado. (DICIO, 2017).

7. Edição – 2311 – *Ela faz tremer os fortes*

Figura 9 Ela faz tremer os fortes

GUILHERME BEARD

Ela faz tremer os fortes

A dentista que cuida dos lutadores de MMA na academia dos irmãos Rodrigo Minotauro e Rogério Minotauro explica qual a relação entre dentes saudáveis e a performance dos atletas no octógono

O que faz uma dentista no meio de uma equipe de MMA? Várias coisas, mas, basicamente, cuido de lesões. Por causa dos socos que os atletas tomam, é comum saírem da luta com cortes na gengiva, fissuras nos dentes, deslocamento de maxilar, perda de dentes. Alguns desses problemas podem afetar a oclusão, que é a forma como a arcada superior se encaixa na inferior. Se isso não é tratado, o rendimento do lutador pode ser seriamente afetado.

Como? Uma má oclusão prejudica a respiração e, consequentemente, o fôlego do lutador. Corrigimos isso por meio de aparelhos ou cirurgia.

Os atletas entendem a importância desses tratamentos? No começo, não entendiam muito. Só me procuravam se estavam com uma dor insuportável, um dente quebrado. Mas hoje eles sabem que não adianta ter só nutricionista e preparador físico. Dentista também é importante para a vitória. Além do mais, é muito bom poder mostrar aos sorriso bonito na frente das câmeras.

Entre os seus pacientes, estão, além dos irmãos Minotauro e Minotauro, Junior Cigano, Pezão e Patricky Pitbull. Eles têm medo da senhora? Ninguém gosta muito das maquininhas do dentista, não é? A maioria tem medo, sim, mas o mais medroso é o Pezão.

A senhora atende os atletas durante as lutas também? Não fico no octógono porque os organizadores dos eventos levam uma equipe médica própria. Mas fico por perto, na torcida. Primeiro, porque adoro assistir a lutas de MMA e também treino boxe e jiu-jítsu. Depois, porque sei que, quando a luta acabar, o celular vai tocar.

FABIANA:
"Pezão é o mais medroso"

Neste título, “ela” representa a dentista Fabiana Nogueira, que tem como função cuidar da saúde odontológica dos lutadores da Team Nogueira. No título *Ela faz tremer os fortes*, a palavra tremer é um verbo, normalmente ligado à ideia de terremoto, porém, neste caso está relacionado à fraqueza ou medo em contraponto com o final do título que traz a palavras “fortes”.

8. Edição – 2244 – *Única fraqueza: maquiagem*

Figura 10 Única fraqueza: maquiagem

Pode rir à von

Ninguém imaginava que STEVE 63, pudesse se recuperar tão rapi dos machucados sofridos quando causa de uma intoxicação alimen ro de um hotel paraguaio. Além universal, o tombo do vocalista deixou dois dentes quebrados e m mas. Nada que uma boa interveniç não resolvesse. Tyler reapareceu clendo plasticidade. Os novos im rios e a cirurgia plástica não deixa clamar à namorada, ERIN BRADY, 3 o tipo de mulher que não parceiro parecer com a próp

Única fraqueza: maquiagem

Há um ano e meio CRISTIANE "CYBORG" SANTOS, 28, ocupa o primeiro lugar no ranking femini-

Na análise deste título é identificada uma questão de gênero relacionado à luta, pois o título tem como sujeito a lutadora Cristiane Santos, conhecida como “Cris Cyborg”. O título *Única fraqueza: maquiagem* tem duplo sentido, pois é possível entendê-lo como uma fraqueza por comprar tal cosmético, ou seja, ela não se controlaria, pois gosta muito de maquiagem, mas também pode trazer o sentido de mostrar que a feminilidade da lutadora seria sua única fraqueza, já que o esporte é taxado como machista. Buscando o significado da palavra fraqueza no dicionário é encontrado:

> [Substantivo feminino] Característica da pessoa fraca, sem vigor físico. Fragilidade; que não é forte; que é fraco. Que está abatido; que apresenta desânimo. Vulnerabilidade; que não é capaz de se defender; que é vulnerável. Defeito ou vício: o álcool é sua fraqueza. Sem rigidez de caráter: sua fraqueza é a mentira. (DICIO, 2017).

9. Edição 2260 - *Por que tanta gente está de olho em Anderson Silva*

Figura 11 Por que tanta gente está de olho em Anderson Silva

Comportamento

POR QUE TANTA GENTE ESTÁ DE OLHO EM ANDERSON SILVA

O campeão mundial do UFC, o badalado torneio de artes marciais mistas, é o grande nome de um esporte que impõe uma questão: cresce apesar da violência ou por causa dela?

SILVIO NASCIMENTO E DAVI CORREIA

Nas sessões da prémiere de *Como Água* — documentário com previsão de lançamento para esta sexta-feira em 150 salas do país, mimem recorde para um gênero de pouca aceitação popular —, a platéia grita, aplaude e urra como se estivesse em um ginásio quando Anderson Silva, o brasileiro peso médio campeão de MMA, a sigla em inglês para artes marciais mistas, aplica mas não do filme. Ele termina com Anderson dentro de uma ambulância, a caminho de exames médicos, apesar da vitória honrosa. E está criado um improvável novo herói do esporte brasileiro, ainda que muitos evitem chamar de esporte as lutas do Ultimate Fighting Championship (UFC), o torneio de uma turma que Galvão Bueno, criador de bordões aderentes, apelidou de "gladiadores do terceiro milênio" na primeira transmissão pela Rede Globo de uma luta de MMA, em novembro passado.

Anderson, de 36 anos, é o lutador número 1 do UFC. O brasileiro está invicto há quinze combates — sua última derrota ocorreu porque deu um golpe irregular. "É o maior da história", diz Dana White, o presidente do UFC, um careca agitado que está para as artes marciais mistas como o cabeludíssimo Don King esteve para o boxe. Nascido em São Paulo e criado em Curitiba pelos tios, a quem chama de pais, Anderson é o avesso do que se espera de um homem que vive de bater (muito) e apanhar (pouco). Pense como seria um lutador de MMA. Pronto? Não cabe em Anderson, sujeito terno. Com entusiasmo infantil, ele se lembra de sua mais recente aquisição, a réplica de um dos primeiros bonecos da série Comandos em Ação,

Neste título é verificada uma referência ao crescimento do MMA no Brasil, ou melhor, o esporte começa a ser percebido por uma nova perspectiva. A frase “por que tanta gente está de olho” significa o interesse de uma maneira geral, no caso é pelo atleta Anderson Silva que foi um dos responsáveis pelo crescimento do esporte novamente no país.

10. Edição – 2143 – *Capitão Gracie*

Figura 12 Capitão Gracie

■ CINEMA

Capitão Gracie

Wagner Moura começou a fazer uma preparação toda especial para encarnar novamente o Capitão Nascimento em *Tropa de Elite 2*, cujas filmagens terão início na terceira semana de janeiro. Está treinando jiu-jítsu

Neste título, o substantivo “capitão” é relacionado ao nome Gracie, fazendo uma menção ao filme brasileiro “Tropa de Elite 2”. O ator Wagner Moura, que interpreta o personagem fictício “ Capitão Nascimento”, teve, como preparação para o personagem, treinos de jiu-jitsu com Rickson Gracie. Segundo o dicionário, a palavra “capitão” significa:

> [Substantivo masculino] Oficial do Exército e da Aeronáutica, cujo posto se situa entre o de major e o de primeiro-tenente, correspondendo ao de capitão-tenente, na Marinha de Guerra brasileira. Comandante de uma companhia, de um esquadrão, de uma bateria. Oficial que comanda um navio mercante. Chefe de uma tropa, de uma equipe desportiva. (DICIO, 2017).

11. Edição – 2145 - *Hélio Gracie*

Figura 13 Hélio Gracie

Hélio Gracie

95 anos, lutador de jiu-jítsu

A difusão do jiu-jítsu no Brasil se deve aos irmãos Hélio e Carlos Gracie. Já temida nos anos 30, a dupla se juntou a outro irmão, Gastão, para dar uma surra no meio da rua em Manoel Rufino dos Santos, um ex-lutador de luta livre. Condenados, acabaram recebendo indulto do então presidente Getúlio Vargas. Eles ganharam a vida ensinando gerações a distribuir sopapos. Seus filhos levaram o jiu-jítsu para os Estados Unidos e o popularizaram em campeonatos de vale-tudo. Nos anos 90, a pancadaria assumiu contornos jurídicos. Hélio e seus nove filhos passaram a brigar com os herdeiros de Carlos pela marca Gracie no exterior. (**em janeiro**)

“Com o jiu-jítsu, os Gracie divulgaram o Brasil no exterior mais do que todas as campanhas da Embratur juntas.”

ARTHUR VIRGÍLIO, senador e praticante de jiu-jítsu (inclusive fora da tribuna)

Neste título é citado o nome de Hélio Gracie que, aos 95 anos, foi mencionado como uma das personalidades do Rio de Janeiro pela matéria.

12. Edição – 2129 - *Bons de briga e de audiência*

Figura 14 Bons de briga e de audiência

Especial

BRASIL X BRASIL
O curitibano Maurício Shogun (ajoelhado sobre um adversário americano) desafiará em outubro o campeão mundial Lyoto Machida, também brasileiro

BONS DE BRIGA E DE AUDIÊNCIA

Homens fortões e de sunga que gostam de atracar-se num ringue. Não, não entenda mal: é o vale-tudo, cujos campeonatos valem, agora, milhões de dólares

KALLEO GOURA

Quando o lutador brasileiro de jiu-jitsu Rorion Gracie levou o vale-tudo para a televisão americana, no começo da década de 90, a proposta do esporte, na sólida definição de seu introdutor, era "colocar dois homens no ringue para ver quem sai de lá andando". Negócio tempo, valia, literalmente, tudo, incluindo chutar a cabeça do oponente caído no chão como se fosse uma bola de futebol — golpe que ficou conhecido como "tiro de meta". Da luta propriamente dita à cenografia dos ginásios, tudo era feito para assustar: Rorion e seu grupo chegaram a planejar um ringue ao redor do qual nadariam jacarés e tubarões ("para mostrar a impossibilidade de fugir do combate"). Mais de quinze anos depois, o "tiro de meta" e outros golpes igualmente escabrosos foram banidos do esporte e a idéia de matar existencialista dos jacarés foi, felizmente, esquecida. Do esporte original, praticamente só restou o formato da arena — um octógono cercado de grades de 1,80 metro de altura. O vale-tudo — que chegou a ser banido em 45 estados americanos e foi chamado de "rinha de galos humana" pelo senador republicano John McCain, candidato derrotado à Presidência dos Estados Unidos — agora é mais comportado. Rebatizado de MMA, ou mixed martial arts, tem mais regras e está perto de se tornar mais popular do que o boxe.

No ano passado, só a transmissão do principal campeonato da modalidade, o Ultimate Fighting Championship (UFC), nos Estados Unidos, movimentou 300 milhões de dólares no mercado americano de pay-per-view — 45 milhões de dólares a mais do que o recorde obtido pelo boxe. No Brasil, o sol

VALE-TUDO: PERIGOSO E POPULAR

O que é: conferta em que dois oponentes misturam livremente técnicas originárias de vários tipos de luta, do caratê ao wrestling

Quanto tempo dura: de três a cinco rounds de cinco minutos cada um

Principal torneio: Ultimate Fighting Championship (UFC), nos Estados Unidos

Onde se dá a luta: em uma arena em

Este título foi utilizado para comunicar o crescimento do Vale-Tudo, tendo a palavra "bons", como adjetivo para as palavras "briga" e "audiência". Neste caso, apesar de mostrar o crescimento do Vale-tudo, tanto de público quanto econômico, há uma referência clara de tratar como violência e não esporte. Inclusive, no subtítulo, encontra-se a seguinte frase: "Homens fortões e de sunga que gostam de atacar-se num ringue".

É importante ressaltar que o termo briga ou brigão é utilizado para um ato de violência e não eventos desportivos. Segundo dicionário, a palavra briga pode ter alguns sentidos:

> [Substantivo feminino] Ação ou situação em que os adversários se enfrentam corpo a corpo; luta corporal. Falta de entendimento; em que há discussão ou conflito; querela. Ação de terminar relacionamentos amorosos ou sociais: briga de casal; briga de amigo. Ação de disputar alguma coisa (trabalho, ofício, benefício, favor etc). Etimologia (origem da palavra ***briga***): do italiano briga/ pelo francês brigue. (DICIO, 2017).

13. Edição – 2068 - *O fabuloso Gracie*

Figura 15 O fabuloso Gracie

Nesta matéria foi utilizado o título *O Fabuloso Gracie* para mencionar o livro sobre o mestre Carlos Gracie, o primeiro membro da família Gracie a treinar jiu-jitsu. A palavra “fabuloso” é um adjetivo tendo alguns significados de qualidade. Segundo o dicionário, estas qualidades são “Relativo à ficção, à imaginação; quimérico: episódio fabuloso. Espantoso, extraordinário, imensurável: fortuna fabulosa. Prodigioso, grandioso, fascinante: espetáculo fabuloso” (DICIO, 2017).

Neste título, o jiu-jitsu é, implicitamente, valorado positivamente, sendo uma das poucas matérias em que as qualidades do esporte são apresentadas; mas vale ressaltar que a matéria é a respeito de um livro sobre Carlos Gracie, não sendo uma iniciativa da revista em argumentar sobre as boas qualidades do esporte.

14. Edição – 1974 - *Tem tigresa no tatame*

Figura 16 Tem tigresa no tatame

Neste título, temos como personagem a lutadora da família Gracie, Kyra Gracie, sendo comparada a uma tigresa. Neste caso, a palavra foi utilizada como uma metáfora, pois,

popularmente, tigresa é um substantivo utilizado para se referir a mulheres sedutoras. Ou seja, em certo sentido, novamente se erotiza a figura da Kyra. A imagem é sugestiva: ela está com o kimono aberto, revelando seu busto. Novamente, a atleta é desvinculada do esporte, sendo tratado como tema principal a sua feminilidade.

15. Edição – 1754 – *A febre do jiu-jitsu*

Figura 17 A febre do jiu-jitsu

A FEBRE DO JIU-JÍTSU

O jiu-jítsu brasileiro, uma arte marcial popularizada mundialmente pela família Gracie, cresce de forma espetacular nos Estados Unidos. O quadro mostra algumas evidências do fenômeno

- Mais de 1 milhão de americanos praticam jiu-jitsu
- Há cerca de 250 professores brasileiros ensinando esse tipo de luta por lá
- O livro *Brazilian Jiu-Jitsu Theory and Technique*, escrito por dois membros da família Gracie, é o mais vendido na categoria artes marciais no site Amazon.com
- Celebridades como o ator Nicolas Cage freqüentam academias dos Gracie nos Estados Unidos

Neste título, a palavra febre é uma metáfora para se referir ao crescimento do jiu-jitsu, segundo a matéria, em especial aos Estados Unidos que, na época, continha mais de um milhão de praticantes, sendo cerca de 250 os professores brasileiros. Conforme o dicionário, a palavra febre:

> [Substantivo feminino] Elevação anormal da temperatura constante (animais superiores e homem) sob a influência de uma causa mórbida. Conjunto de perturbações que acompanham esse estado (agitação, aceleração do pulso, sensação de calor e de doença).
> [Figurado] Agitação, paixão viva e desordenada: febre política. Volúpia, mania, desejo ardente: febre de colecionar. (DICIO, 2017).

16. Edição – 1750 - *Os reis do sopapo*

Figura 18 Os reis do sopapo

Esporte

OS REIS DO SOPAPO

Desconhecidos no Brasil, lutadores de vale-tudo são celebridade no Japão

Thais Oyama

Silva, acima, e Ricardo Arona, de costas: fama e pancadaria

Em menos de dois minutos de luta e uma guilhotina certeira no adversário, o baiano Rogério "Minotouro" Nogueira saía do ringue na semana passada coberto de glórias e coroado pela aura de celebridade. Os não-iniciados perguntarão: quem é esse Minotouro? Com razão. A modalidade do baiano é o vale-tudo e a luta que ele venceu aconteceu no Japão, o lugar para onde os brasileiros que sobressaem nesse esporte vão em busca da consagração definitiva. Minotouro foi a sensação da última rodada do torneio chamado Pride Fighting Championships, em Yokohama. Sua estréia no mundo dos campeões coloca-o em companhia conhecida, quando não familiar. O maior evento de vale-tudo do mundo tem, atualmente, dois brasileiros no topo do ranking: o irmão gêmeo de Minotouro, Rodrigo "Minotauro" Nogueira, atual campeão mundial na categoria peso pesado; e o curitibano Wanderlei Silva, detentor do título máximo entre os pesos médios no

cie de determinismo cultural. O vale-tudo — um festival de chutes, pancadas, joelhadas e estrangulamentos protagonizado por lutadores vindos de diferentes ringues — é uma invenção brasileira. Foi criado na década de 50 pelos Gracie, a legendária família de valentões do jiu-jítsu. Caracterizada inicialmente pela total ausência de regras, a luta era, na sucinta definição de Rorion Gracie, organizador do primeiro campeonato internacional da modalidade, "um combate sem limite de tempo, em que um dos lutadores sai andando e o outro, carregado". Não é exagero: na época das primeiras disputas, os lutadores nem luva usavam. O sangue jorrava aos borbotões e valia literalmente tudo, à exceção de dedo no olho. Hoje, campeonatos como o Pride estão um pouquinho mais regulamentados. Dar cabeçada e cotovelada já não pode. "Querer ver o sangue descer é coisa de americano", afirma o nitoroiense Ricardo Arona, outro representante do time brasileiro que faz sucesso no Japão.

Neste título, são apresentados os lutadores que fazem sucesso no Japão, no extinto evento de MMA chamado *Prid.* A palavra “sopapo”, segundo o dicionário significa: “Murro, tapa, bofetão, bolacha” (DICIO, 2017). Este termo normalmente é utilizado em cenas de violência ou brigas, tanto que, no próprio texto, existe um subtítulo sobre os lutadores: “Fama e pancadaria”. Estas palavras, em uma academia de artes marciais, não são utilizadas, já que a arte marcial, dentro do tatame, sempre busca um ambiente neutro e respeitoso. Neste caso, novamente o MMA é caracterizado como um esporte violento, e a matéria deixao de expor suas qualidades.

17. Edição – 1640 - *O brigão do tatame*

Figura 19 O brigão do tatame

O brigão do tatame

Com base em inquéritos policiais abertos para apurar brigas envolvendo lutadores de jiu-jitsu, o Ministério Público estadual do Rio de Janeiro traçou o perfil básico desses bademeiros

Idade: 20 anos

Altura: 1,80 metro

Peso: 80 quilos

Aparência: cabelo raspado, orelhas deformadas

Renda familiar: 3 000 reais

Ocupação: estudante

Escolaridade: 2º grau completo

Onde mora: casa dos pais

Ritmo de treinamento: duas horas de academia por dia

Grito de guerra: "Fight!" (Lute!, em inglês)

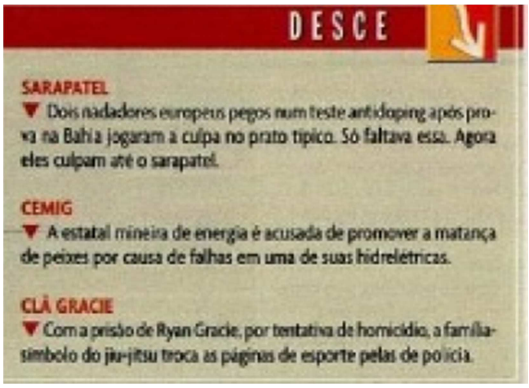
Neste título, novamente uma palavra relacionada à violência é utilizada para nomear os lutadores de jiu-jitsu. A palavra "brigão", segundo o dicionário, está ligada a atos de violência:

> [Adjetivo] Que possui uma grade tendência para estar envolvido em brigas; que age de maneira impulsiva; brigalhão.
> [Substantivo masculino] Aquele que se envolve em muitas brigas; briguento. Etimologia (origem da palavra *brigão*): de brigar brig + ão. (DICIO, 2016).

Mais grave, o título ainda contém a palavra "tatame" que, como já exposto, é um local considerado sagrado pelos artistas marciais, extremo respeito. Este título foi utilizado para definir o perfil de jovens que cometiam atos de violência na noite carioca.

18. Edição – 1639 - *Clã Gracie*

Figura 20 Clã Gracie



DESCE

SARAPATEL
▼ Dois nadadores europeus pegos num teste antidoping após prova na Bahia jogaram a culpa no prato típico. Só faltava esse. Agora eles culpam até o sarapatel.

CEMIG
▼ A estatal mineira de energia é acusada de promover a matança de peixes por causa de falhas em uma de suas hidrelétricas.

CLÃ GRACIE
▼ Com a prisão de Ryan Gracie, por tentativa de homicídio, a família-símbolo do jiu-jitsu troca as páginas de esporte pelas de polícia.

Neste título, o nome da família Gracie é citado para repercutir a prisão de Ryan Gracie, dando a impressão de que o problema, de forma genérica, seria do clã inteiro. Isso contribui para segmentar a família Gracie, de certo modo, enfatizando as divisões e diferenças existentes no jiu-jitsu.

19. Edição – 1602 - *Gracie X Gracie*

Figura 21 Gracie X Gracie

Família

Gracie X Gracie

A família mais invocada do país, os Gracie, do jiu-jitsu, divide-se em duas alas e briga entre si

Manoel Fernandes

De um lado do ringue estão Hélio Gracie, 86 anos, e seus nove filhos. Do outro, os 21 filhos de um irmão de Hélio, Carlos, que morreu há cinco anos. Depois de brigar com todo mundo, os Gracie resolveram se engalfinhar entre si. Desde a década de 20, quando o jiu-jitsu começou a ser praticado no país, essa família de brigões formou três gerações de lutadores campeões e transformou os combates no tatame em uma atração eletrizante e violenta. A fama dos Gracie literalmente correu o mundo. E possuir o sobrenome quer dizer vencer. Muitos que os enfrentaram em lutas oficiais ou brigas de rua saíram do combate com ossos, dentes e clavículas quebrados. Daí por que impressiona o que está acontecendo nesse momento. Se os Gracie

os sobrinhos de ingratos e o irmão de "malherengo e demônio em forma de gente". O bate-boca esquentou na semana passada. Reyla, sobrinha de Hélio, acusou o tio de aumentar a própria importância no jiu-jitsu. "Meu tio precisa deixar a vaidade de lado", afirmou. O ramo de Hélio revida e acusa um filho de Carlos, Carlson, de ensinar os segredos do jiu-jitsu a pessoas estranhas ao clã, como os campeões Vitor Belfort e Amauri Bitetti — criando, assim, concorrentes de peso aos Gracie.

O bate-boca esconde uma contenda comercial. A disputa envolve um mercado em que a marca Gracie é capaz de gerar milionários dividendos, principalmente nos Estados Unidos e no Japão, onde um atleta pode ganhar entre 200 000 e 1 milhão de dólares por uma luta. Os dois lados querem ter a possibilidade de associar o nome da família a

negócios empresariais. O primeiro a buscar esse carimbo foi um filho de Hélio, o primogênito Rorion, de 47 anos, que chegou aos Estados Unidos em 1978 para ser ator em Hollywood. Acabou se transformando em um bem-sucedido empresário de jiu-jitsu. Rorion foi um dos maiores responsáveis pelo fenômeno das disputas de vale-tudo, aquele combate em que praticantes de diferentes artes marciais se enfrentam num torneio no qual há poucas regras e muito sangue. Rorion também montou uma academia na Califórnia. Possui ainda um shopping virtual. "Qualquer produto do jiu-jítsu vende, e os americanos e japoneses são consumidores dessas marcas", analisa o empresário e organizador de campeonatos no Brasil Sérgio Batarelli.

A estratégia empresarial de Rorion despertou a ira de seus primos quando de registros, quatro anos atrás, o nome Gracie no Departamento de Marcas e Patentes americano. Isso poderia significar que as outras sete academias Gracie nos Estados Unidos, que pertencem aos primos, teriam de mudar de nome. Desde então, sobrinhos e Hélio Gracie se acusam mutuamente. "Foi um comportamento pequeno e ambicioso", afirma Reyla. "Rorion fez esse registro para evitar a associação de picaretas ao nosso sobrenome", defende-se Hélio. Os sobrinhos Renzo e Carley reagiram e entraram na Justiça americana para recuperar o direito de usar a marca. "Há seis meses, fizemos um acordo, e todos os integrantes da família estão liberados para usar o nosso nome em solo americano", afirma Renzo. O armistício parecia ter selado a trégua, mas a confusão já chegou ao Brasil. No Instituto Nacional de Propriedade Industrial, Inpi, Rorion entrou com 31 pedidos de registro em várias categorias. Quinze já foram aceitos. Isso significa que somente ele poderá explorar o nome Gracie em fitas, CDs e jogos de computador. Ainda briga com os primos pelo direito de utilizar no Brasil a marca Gracie Jiu-Jitsu. Para se garantir, o outro lado da família também pediu ao Inpi o direito sobre dezenove marcas e abriu uma empresa de licenciamento.

Carlos Gracie aprendeu a lutar na década de 20 e passou um bom tempo distribuindo socos e pontapés em seus

Rorion, que montou academias nos Estados Unidos com os irmãos Royce e Rickson; briga na Justiça pelos direitos de uso do nome Gracie

Carley, irmão de Carlson, é da ala da família responsável pelo treinamento dos campeões Belfort e Bitetti: acusações à facção liderada por Rorion

Novamente o nome da família é mencionado, sendo que o conteúdo da matéria é a disputa judicial entre membros da família. O subtítulo se destaca: “A família mais invocada do país, os Gracie, do jiu-jitsu, divide-se em duas alas e briga entre si” (FERNANDES, 1999, p. 123), sendo novamente utilizadas palavras ligadas à violência “invocada e briga”. A

palavra invocada, segundo o dicionário, tem o seguinte significado: “ Irritado; que sente ou expressa grande raiva e irritação. Cismado; que sempre está desconfiando de alguém; cheio de desconfianças”. (DICIO, 2017).

20. Edição – 1583 - *A cultura do tapão*

Figura 22 A cultura do tapão

Comportamento

A CULTURA DO TAPÃO

Eles já gostavam de brigar e agora ficaram mais violentos depois de aprender jiu-jitsu

Daniela Pinheiro e Ronaldo França

Atenção! Se você encontrar alguém que possua uma orelha minimamente parecida com essa aí da fotografia à esquerda, cuidado. Ao cruzar com o portador de uma orelha dessas, recomenda-se evitar um esbarrão. Olhar para a namorada dele, nem em sonho. A arma da orelha é formada por praticantes de jiu-jitsu que, muitas vezes, não se satisfazem em treinar a arte marcial no tatame da academia. Eles saem às ruas à procura de uma vítima. Nos últimos tempos, gangues de lutadores têm-se envolvido em casos policiais com frequência cada vez maior. Há registros de confusão provocada por eles em São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Fortaleza, Recife, Brasília e Manaus, mas a capital nacional dessa gente é o Rio de Janeiro. É lá que está a maior concentração de acade-

te marcial. O motivo para tanta violência? Nada que faça muito sentido, aparentemente.

De acordo com os próprios lutadores de jiu-jitsu que gostam de uma briga de rua, a confusão pode começar a qualquer momento. Ouça-se a análise do estudante carioca Rodrigo Ribeiro, de 19 anos, cujo apelido é "Pit Bull", referência a uma das raças de cachorro mais perigosas do mundo: "Se o camarada fica me olhando, vou lá perguntar o que é. Dependendo da resposta, arrebento a cara dele". Deu para entender? Pit Bull é faixa roxa de jiu-jitsu, orgulha-se de ter surrado pelo menos quarenta pessoas e tem a orelha deformada. Isso acontece quando a cartilagem é fraturada e esfarelada pelo atrito da orelha com a lona do tatame, durante horas de treinamento, gravatas e chaves de perna. Conforme vai cicatrizando, sempre mais torta do que era antes, a orelha engrossa e fica disforme. Embora muita gente veja certo ar repugnante nessas conchas

"Já meti porrada num professor que me expulsou de sala. Voei pra cima, desci a mão. Eu não queria matar ele e por isso só dei uns tapas."

Nome: Alberto Martins Filho (no centro)
Idade: 19 anos
Altura: 1,70 metro
Peso: 60 quilos
Cidade: São Paulo

"Depois que eu jogo no chão, é show. Boto o joelho

"Já perdi conta de quantos eu 'apaguei' em brigas de rua.

Neste título, mais uma vez, são encontrados termos ligados à violência para representar o lutador de jiu-jitsu. A palavra “tapão”, segundo dicionário, é gerada da palavra “tapa” e o seu significado é:

> [Substantivo masculino e feminino] Golpe aplicado com a mão; bofetão, bofetada. Rolha de madeira que se usa para tapar a boca do canhão e de outras peças de artilharia. Argumento irrespondível. Parte externa do casco das bestas. (DICIO, 2017).

Mas a grande questão é a forma como consta no título a palavra cultura, transmitindo o sentido que a marginalidade faz parte deste tipo de arte marcial. A palavra cultura é muito forte, podendo trazer vários sentidos à frase, pois ela pode representar uma série de fatores. Segundo dicionário:

> [Substantivo feminino] Ação, efeito ou modo usado para tratar a terra ou as plantas; cultivo. Terreno cultivado; categoria de vegetais cultivados: a cultura das flores; culturas forrageiras. Criação de certos animais: cultura de abelhas. Conjunto dos conhecimentos adquiridos; instrução: sujeito sem cultura. Conjunto dos hábitos

> sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade: cultura inca; a cultura helenística. Normas de comportamento, saberes, hábitos ou crenças que diferenciam um grupo de outro: provêm de culturas distintas. Expressão ou estágio evolutivo das tradições e valores de uma região, num período determinado: cultura católica. Aplicação do espírito a uma coisa: a cultura das ciências. Desenvolvimento das faculdades naturais: a cultura do espírito. Apuro, expressão de elegância: a cultura do estilo. Desenvolvimento de certas espécies microbianas: caldo de cultura. Arte de utilizar certas produções naturais: cultura do algodão. (DICIO, 2017).

A cultura, nesta peça, significa uma prática contínua, um hábito frequentemente cultivado. Algo que está incorporado no jiu-jitsu, como se a violência fosse permanente, quase "natural" no mundo jiu-jitsu, reforçando que a violência é algo praticado por todos os praticantes do esporte. Inclusive, é reforçado esse argumento no subtítulo: "Eles já gostavam de brigar e agora ficaram mais violentos depois de aprender o jiu-jitsu"(PINHEIRO e FRANÇA, 1999, p. 66), indo de encontro à filosofia do jiu-jitsu que coíbe a violência.

21. Edição – 1516 - *O velho samurai*

Figura 23 O velho samurai

Entrevista: Hélio Gracie

O velho samurai

O grande mestre do jiu-jítsu diz que no Brasil o esporte virou briga de arruaceiros e prega o fim da violência

Raquel Almeida

"Sempre fui obcecado pela arte marcial e não queria saber muito de sexo"

No sábado 27 de setembro, o Rio de Janeiro foi palco de uma pancadaria entre torcedores de vale-tudo — aquela luta em que dois oponentes sobem no ringue e um deles sai desfigurado, de tanto murro e pontapé. A cena ocorreu no Tijuca Tênis Clube. De um lado estavam os adeptos da luta livre, que torciam por Eugênio Tadeu. De outro, a turma do jiu-jítsu, que defendia Renzo Gracie, pertencente à família que virou sinônimo de arte marcial no Brasil. Na confusão, cinco pessoas ficaram feridas. A prefeitura acabou proibindo o vale-tudo na cidade. Apontado como o maior mestre de jiu-jítsu, o brasileiro Hélio Gracie ficou triste com a baderna. Aos 84 anos, setenta deles no tatame, Gracie acha

Não fumo, não bebo. Durmo de oito a dez horas por noite. Uma vez por mês, faço também um jejum completo de 24 horas. Ah, e namorei muito pouco na minha juventude. Sempre fui obcecado pelo jiu-jítsu e não queria saber muito

Veja — *O senhor tem nove filhos, sete homens e todos professores ou lutadores de jiu-jítsu. As suas duas filhas mulheres não lutam?*

Gracie — Elas sabem o jiu-jítsu para uso pessoal, mas não são professoras

Em *O velho samurai* temos uma referência ao grande Mestre Hélio Gracie que, na época da entrevista, tinha 84 anos. Essa referência de "samurai" é bastante utilizada no jiu-jitsu, principalmente como sinal de respeito, já que a arte marcial também foi aprimorada no

Japão pelos samurais. Neste caso, Hélio Gracie, como um dos difusores da arte no Brasil, sempre foi tratado com muito respeito. Inclusive no próprio subtítulo, Hélio Gracie é citado, “O grande mestre do jiu-jitsu diz que no Brasil o esporte virou briga de arruaceiros e prega o fim da violência” (ALMEIDA, 1997, p. 9). Esta frase é uma confirmação do próprio Hélio Gracie de que existiam pessoas que faziam arruaça em nome do jiu-jitsu, porém não eram apoiados por ele, um dos mais influentes no jiu-jitsu, principalmente no jiu-jitsu brasileiro.

Neste caso, a revista Veja usou o mais importante nome do jiu-jitsu brasileiro, justamente para configurá-lo como uma prática violenta, de “arruaceiros”, não de esportistas. A revista dá voz para Hélio Gracie, porém, por outro lado, acaba destacando as palavras que contribuem para sugerir uma versão negativa dos praticantes do esporte.

22. Edição – 1471 - *Sangue e dólares*

Figura 24 Sangue e dólares

Ruas x Taktarov: TV e ingressos a 80 reais

quem ganha, mas para ver o carro bater no muro e explodir”, teoriza Sergio Batarelli, ex-campeão mundial de kickboxing e juiz de campeonatos de vale-tudo no Brasil e no Japão.

Academia — Tal como a técnica, as cifras envolvidas não se comparam, nem de longe, às do boxe profissional. Ruas e Taktarov, ex-campeões mundiais, ganham 30 000 dólares cada um para trocar sopapos, um milésimo do que Mike Tyson recebe para fazer papel semelhante. Mas o espetáculo começa a atrair investimento graúdo. Na TV a cabo americana, as lutas são exibidas no sistema pay-per-view (pague para ver), a um preço de 30 dólares, e atingem audiência de 500 000 domicílios. Don King, empresário de Tyson, anunciou que pretende investir em vale-tudo no ano que vem. E o brasileiro Ciro Batelli, diretor do cassino Caesar's

Esporte *Vale-tudo*

Sangue e dólares

O vale-tudo, a mais violenta forma de luta, vira moda e invade as TVs e o vídeo

Aqui, temos a junção das palavras sangue e dólares, para mencionar o crescimento do vale-tudo nos EUA, quando os lutadores se enfrentavam por dinheiro, assim como no boxe. A palavra sangue foi inspirada nas lutas, pois os lutadores ficam ensanguentados, com cortes causados por golpes mais contundentes. Importante ressaltar que no jiu-jitsu, caso um lutador venha a ter um corte e sangramento, a luta é interrompida, já no vale-tudo e no MMA, não é feita esta interrupção, dando continuidade à luta. A palavra dólar opera como uma metáfora,

sendo construída, implicitamente, a imagem do lutador de vale-tudo como mercenário, que só pensa em dinheiro.

3.3 Análise do discurso das matérias selecionadas

Para esta etapa da HP, foram selecionadas sete matérias que tratam do jiu-jitsu ou MMA, como tema central. Esta parte é importante na análise do discurso, pois é nela que será analisado, de modo mais aprofundado, o discurso dos jornalistas e editores da revista sobre a categoria lutadores de jiu-jitsu.

Como documentos para esta fase da análise, foram escolhidas as respectivas matérias: Edição 2323, *Mamãe, eu quero MMA*, de 2013; Edição 2129, *Bons de briga e de audiência*, de 2009; Edição 2068, *O Fabuloso Gracie*, de 2008; Edição 1640, *O brigão do tatame*, de 2000; Edição 1637, *O demônio Gracie*, de 2000; Edição 1602, *Gracie x Gracie*, de 1999; e por, último, Edição 1583, *A cultura do tapão*, de 1999.

O critério para escolha destas matérias foi por serem representativas dos principais discursos veiculados pela *Veja*, por se tratar de matérias que abordem o assunto como tema central, ou seja, que falem especificamente do assunto, levando em conta que muitas matérias não representavam o esporte como tema central; comentava-se sobre o jiu-jitsu, porém o tema não era representativo da matéria e, por final, representarem uma construção da categoria lutador.

A primeira trata do interesse das crianças em praticar as artes marciais mistas, o que causou interesse em como a revista abordaria este assunto. A segunda trata de uma matéria falando do crescimento do MMA como evento de luta. A terceira, de uma matéria sobre a biografia do grão mestre Carlos Gracie. A quarta matéria, de um perfil associado a lutadores de jiu-jitsu. A quinta matéria comenta a prisão de Ryan Gracie, em um momento conturbado da vida do atleta e para família Gracie também. A sexta matéria selecionada fala a respeito de jovens que gostam de praticar violência e praticam jiu-jitsu. E, por último, a sétima matéria é a respeito de um desentendimento entre membros da família Gracie.

Para a análise completa das matérias selecionadas, foram criados quadros de repertórios interpretativos dos discursos no qual constam as pessoas em foco e os argumentos dos atores envolvidos (praticantes, lutadores profissionais, especialistas etc.) e em contrapartida os argumentos da revista *Veja* (editores e jornalistas). Com essa análise de

discurso, será possível visualizar os argumentos e a que pessoa esse argumento pertence. O objetivo principal é examinar o potencial ideológico das estratégias discursivas utilizadas nas referidas matérias. Os recortes utilizados nos quadros facilitam entender quais são os argumentos e seus principais atores.

Com quadro de repertórios interpretativos, basicamente a fase de análise será finalizada, dando condição para realização da fase de interpretação e reinterpretação. O quadro é composto por data; título; atores sociais envolvidos; repertórios interpretativos utilizados pelos atores consultados; argumento do editorial e repertórios interpretativos utilizados pela *Veja*. Nestas colunas, foram inseridas as unidades discursivas mais relevantes para a análise das matérias selecionadas. Feito isto, foram destacadas em negrito os repertórios interpretativos (termos, descrições, lugares-comuns, figuras de linguagem) que demarcam o rol de possibilidades de construção discursiva da categoria dessas matérias, ou seja, foram destacadas palavras usadas para denominar o "lutador" e também os termos ligados à violência, pois eles ajudam a criminalizar a categoria.

É neste momento que as possíveis estratégias de modos de operação da ideologia propostas por Thompson (2009) ficam mais claras. Entre as matérias analisadas, foram encontrados modos de operação como *dissimulação*, *fragmentação* e *unificação*. Neste caso, esses modos podem ser usados para ocultar as controvérsias sobre o jiu-jitsu, sendo utilizadas estratégias de construção simbólicas. Quando um texto "abre" espaço para versões e pontos de vista diferentes, até mesmo opostos, significa que ele apresenta as controvérsias sobre o tema. Porém, quando, inversamente, apresenta uma única versão sobre um tema ou identifica como a "verdade" sobre ele, neste caso as controvérsias são ocultadas. O significado exato de controvérsias:

> Aos movimentos de contestação de sentenças nos quais há uma disputa pelo *status* de "fato", Bruno Latour (2000) dá o nome de controvérsia. As controvérsias são, portanto, momentos privilegiados de visibilidade dos atores sociais envolvidos em uma disputa ou debate. Nessa movimentação há a circulação de enunciados opostos, rompendo-se o consenso habitual, exigindo que os diferentes atores se posicionem e sejam posicionados pelos demais. (SPINK, M. J., 2014, p. 325).

De qualquer forma, serão indicados os modos e as estratégias nas análises seguintes, porém o assunto será aprofundado na interpretação dessas formas simbólicas potencialmente ideológicas.

Quadro 2 Repertórios interpretativos - Matéria: *Mamãe, eu quero MMA*

Data	Título matéria		
29/04/2013	*Mamãe, eu quero MMA*	Atores sociais envolvidos	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pelos atores consultados
		Rodrigo Nogueira, o Minotauro (lutador de MMA e faixa preta jiu-jitsu)	"Nas unidades já abertas, 40% dos nossos alunos têm até 18 anos. Esse número é o quíntuplo do que tínhamos em 2012." "Para quem quer se profissionalizar, os treinos são duros. Aí, vale quase tudo. Só não pode morder nem golpear a nuca".
		Giulia Godoy, 9 anos (aluna MMA Kids)	"O balé é muito paradão."
		Danilo Dourado (treinador)	"Se algum aluno se anima muito, nós o tiramos do tatame e o colocamos para assistir aos outros e entender o que ele fez de errado." "Mas os alunos têm de usar capacete, luvas e proteção para dentes, joelhos e canelas."
		Ricardo Barros (coordenador de medicina desportiva em pediatria da Sociedade Brasileira de Pediatria)	"As crianças associam a aula àquilo que veem Anderson Silva fazendo na televisão, com **golpes violentos e sangue**. Precisam aprender que a luta, na sua idade, é só uma brincadeira."
		Revista *Veja*	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pela *Veja*
		Editorial *Veja*	"Escolinha de futebol, balé ou **curso de pancada**? Essa última designação é uma brincadeira, claro." "As crianças que estão trocando as atividades físicas convencionais pelas aulas de MMA, a luta popularizada pelo campeão mundial Anderson Silva, **não batem** em ninguém." "Mas gostam dos movimentos simulados do esporte do momento. Crianças e adolescentes são uma fatia importante do público das cinco academias que os gêmeos magnificamente apelidados Minotauro e Minotouro, abriram." "A metade desses alunos é formada por meninas." "Giulia bateu o pezinho até convencer os pais a matriculá-la no curso de MMA Kids." "Até os 10 anos, as aulas são compostas apenas de instruções sobre golpes básicos de lutas como

		jiu-jitsu, caratê e boxe, três das principais modalidades que, aplicadas em conjunto, formam o MMA, ou artes marciais mistas. As crianças não se confrontam e "**batem"** em sacos de areia ou nos instrutores. A partir dessa faixa etária, as técnicas se aproximam mais da realidade, mas são controladas." "Nessa fase**,** os alunos também **não se machucam**, porque essas lutas não têm os golpes violentos característicos do MMA, como cotoveladas na cabeça e socos no queixo." "A partir dos 15 anos, começam a ser ensinadas as formas de luta de verdade." "No Brasil, apenas os lutadores com 18 anos ou mais podem participar de campeonatos de MMA. É claro que os pais não podem achar que é só colocar os filhos numa academia qualificada e está tudo resolvido." "Para monitorar o comportamento do filho, o empresário carioca Benjamim de Oliveira Pinto só deixou Rafael, de 10 anos, entrar no MMA depois de ele assinar um termo de compromisso concordando em dizer sempre 'obrigado' e 'por favor', respeitar os amigos e arrumar o quarto'".

A revista *Veja* faz de seu discurso um tom bastante sereno sobre o crescimento de procura de criança para praticar artes marciais, em especial as artes marciais mistas. A revista buscou a opinião de pessoas especializadas, como Rodrigo Nogueira, o "Minotauro", lutador profissional e dono de academias especializadas em artes marciais, além de contar com opinião de Ricardo Barros, médico especialista em pediatria que, no caso, é coordenador de medicina desportiva em pediatria da Sociedade Brasileira de Pediatria.

Apesar do tom de brincadeira do começo da matéria, no qual o primeiro discurso foi *Escolinha de futebol, balé ou curso de pancada? Essa última designação é uma brincadeira, claro* (VEJA, 2013, p. 104), a matéria fala sobre a seriedade como o assunto é tratado pelos profissionais e pais das crianças, inclusive do quanto é importante esta questão da segurança quanto à integridade física das crianças: "As crianças que estão trocando as atividades físicas convencionais pelas aulas de MMA, a luta popularizada pelo campeão mundial Anderson Silva, não batem em ninguém" (VEJA, 2013, p.104), ou seja, a revista deixa claro em seu argumento que as crianças não se machucam ou umas às outras, pois os movimentos não

passam de recreação. O entrevistado, médico Ricardo Bastos, afirma: “As crianças associam a aula àquilo que veem Anderson Silva fazendo na televisão, com golpes violentos e sangue. Precisam aprender que a luta, na sua idade, é só uma brincadeira”. Outro ator da matéria, Rodrigo “Minotauro” comenta que os treinos mais duros são apenas para os profissionais, o próprio discurso da revista comenta: “No Brasil, apenas os lutadores com 18 anos ou mais podem participar de campeonatos de MMA. É claro que os pais não podem achar que é só colocar os filhos numa academia qualificada e está tudo resolvido” (VEJA, 2013, p. 104). Então, mesmo que uma criança queira lutar em eventos de MMA não será permitido, pois a idade mínima é 18 anos.

Neste caso, a revista não oculta possíveis controvérsias em relação aos argumentos apresentados pelos atores sociais e discursos apresentados. Isto é favorável para as artes marciais, já que são normalmente mostradas como algo extremamente violento e impróprio para crianças, pois existe um lado não muito conhecido pelo público, que é a filosofia, respeito e a disciplina.

Quadro 3 Repertórios interpretativos - Matéria: *Bons de briga e de audiência*

Data	Título matéria		
09/09/2009	*Bons de briga e de audiência*	Atores sociais envolvidos	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pelos atores consultados
		Rorion Gracie	“Colocar dois homens no **ringue** para ver quem **saía de lá andando**”. “[...] para mostrar a **impossibilidade de fugir do combate**”
		John McCain (senador republicano)	**“Rinha de galos humana”.**
		Dana White (Presidente do UFC)	“No vale-tudo, todo mundo entende o que está acontecendo”.
		Rudimar Fedrigo (Proprietário academia)	“Entre os novos alunos, um terço nos procura com a intenção de se tornar profissional e disputar competições internacionais”.
		Thiago da Silva (praticante MMA)	“Quero ser como o Wanderlei Silva, que foi campeão mundial”.
		Cezar Guimarães (lutador de jiu-jitsu)	“Para o garoto da periferia, o vale-tudo é como o futebol: uma alternativa para conquistar uma vida melhor”.

	Cristiane “Cyborg” Santos (lutadora MMA)	“Mesmo assim, até hoje meu pai não assiste às lutas, porque fica muito nervoso”.
	Revista *Veja*	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pela *Veja*
	Editorial *Veja* e Kalleo Coura	“**Homens fortões e de sunga** que gostam de **atracar-se num ringue**”. “Não, não entenda mal: é o vale-tudo, cujos campeonatos valem, agora, milhões de dólares”. “Naquele tempo, valia, literalmente, tudo, incluindo **chutar a cabeça** do oponente caído no chão como se fosse uma bola de futebol – golpe que ficou conhecido como **“tiro de meta”.** Da luta propriamente dita à cenografia dos ginásios, tudo era feito para assustar: Rorion e seu grupo chegaram a planejar um ringue ao redor do qual nadariam jacarés e tubarões (‘para mostrar a impossibilidade de fugir do combate’)”. “Mais de quinze anos depois, o “tiro de meta” e outros **golpes igualmente escabrosos** foram **banidos do esporte** e a ideia de matiz existencialista dos jacarés foi, felizmente, esquecida”. “Do esporte original, praticamente só restou o formato da arena – um octógono cercado de grades de 1,80 metros de altura. **O vale-tudo – que chegou a ser banido em 45 estados americanos**”. “Rebatizado de MMA, ou *mixed martial arts*, tem mais regras e está perto de se tornar mais popular do que o boxe”. “No ano passado, só a transmissão do principal campeonato da modalidade, o Ultimate Fighting Championship (UFC), nos Estados Unidos, movimentou 300 milhões de dólares no mercado americano de *pay-per-view* – 45 milhões de dólares a mais do que o recorde obtido pelo boxe”. “Mesmo com a série de regras introduzidas a partir dos anos 2000, nada se parece mais com uma **briga** – daquelas autênticas, de rua – do que um embate no vale-tudo. Pode não haver tanto **sangue** como antigamente, mas **sopapos fortes** há em profusão: o número de **lesões sofridas** pelos atletas é quase duas vezes o do boxe”. “O Brasil tem motivos extras para gostar do esporte: dois dos cinco atuais campeões mundiais do UFC são brasileiros – o peso médio Anderson Silva, de 34 anos, e o meio-pesado Lyoto Machida, de 31. No mês passado, pela primeira vez, também uma brasileira conquistou o título de

		campeã de vale-tudo em uma competição importante. Cristiane "Cyborg" Santos, de 24 anos, fez a americana Gina Carano pedir água na final do Strikeforce, o segundo campeonato mais popular nos Estados Unidos". "Se, no Brasil, pouca gente reconhece esses campeões nas ruas, nos Estados Unidos e no Japão eles desfrutam fama equivalente à do mais famoso jogador de futebol. Há duas semanas, quando Anderson Silva foi acompanhar o amigo e ex-campeão Minotauro na pesagem para uma luta num ginásio de Portland, no estado americano de Oregon, centenas de pessoas, ao saber de sua presença, aglomeraram-se diante do local". "Em fila, esperaram até duas horas e meia para conseguir um autógrafo dele. A popularidade da luta nos Estados Unidos é tamanha que um par de luvas usado por um lutador numa disputa de título chega a ser vendido por 15 000 dólares. As bolsas pagas pelo esporte estão longe de alcançar as do boxe, mas as premiações para os atletas mais populares já atingem 500 000 dólares por luta". "Assim, acenando com promessa de fama e fortuna, o vale-tudo começa a despertar a atenção de adolescentes brasileiros. A escola de vale-tudo Chute Boxe, em Curitiba, por exemplo, recebe anualmente em torno de 100 novos alunos de muay thai, jiu-jitsu e "artes marciais mistas" (como, pouco a pouco, o vale-tudo começa a ser chamado no Brasil)". "A matriz do vale-tudo é o jiu-jitsu. Diz-se que, nos anos 20, o lutador Carlos Gracie – tio de Rorion Gracie e um dos fundadores do clã de brigões –, decidido a provar a supremacia dessa arte marcial sobre todas as lutas, colocou um anúncio num jornal do Rio com os seguintes dizeres: 'Se você quer ter um **braço ou uma costela quebrada**, contate Carlos Gracie'". "A frase foi bem compreendida pelo público-alvo, com o perdão do trocadilho: não tardou para que boxeadores, capoeiristas e **valentões** de todos os tipos procurassem os Gracie para **brigar**, primeiro em locais fechados, depois em espetáculos públicos que tiveram seu auge nas décadas de 50 e 60. Até os anos 90, o vale-tudo era uma disputa quase sempre vencida por praticantes de jiu-jitsu". "A imprensa americana chamou a luta de 'o embate entre a **Bela e a Fera**'**.** A **'Bela'** era a americana Gina Carano, ex-participante de um *reality show* e coadjuvante de dois longas-metragens de ação nos Estados Unidos. A **fera** era a curitibana Cristiane 'Cyborg' Santos". "Depois de uma derrota em seu primeiro combate

		profissional, venceu todos os outros de que participou – a disputa com Gina Carano foi sua oitava vitória consecutiva. A americana pode não ser assim **tão bela**, mas Cristiane provou que é mesmo **uma fera**”.

Nesta matéria, a revista *Veja* apresenta o MMA, porém logo encontram-se contradições na análise do discurso. A primeira é que o termo usado pela revista é Vale-Tudo, termo já não utilizado na época (2009) para se tratar de eventos de artes marciais mistas, inclusive a própria revista acaba mencionando esta renomeação, como mencionado neste trecho: “Rebatizado de MMA, ou *mixed martial arts***,** tem mais regras e está perto de se tornar mais popular do que o boxe” (COURA, 2009, p. 120).

Outras questões são levantadas, como utilização de termos que normalmente não fazem parte do vocabulário das artes marciais, principalmente para não se enquadrar no estereótipo de violência, como algumas palavras usadas pela revista: atracar-se, chutar a cabeça, golpes igualmente escabrosos, sopapos etc.

A matéria levanta uma série de pontos negativos, porém deixa claro que isto faz parte do passado do esporte e que na atualidade passou por uma repaginação, inclusive de regras.

> Mais de quinze anos depois, o “tiro de meta” e outros golpes igualmente escabrosos foram banidos do esporte e a ideia de matiz existencialista dos jacarés foi, felizmente, esquecida. Do esporte original, praticamente só restou o formato da arena – um octógono cercado de grades de 1,80 metro de altura. O vale-tudo – que chegou a ser banido em 45 estados americanos. (COURA, 2009, p. 120).

Outro ponto que não ficou claro é o discurso afirmando que o MMA é mais traumático que o boxe, como no trecho: “Pode não haver tanto sangue como antigamente, mas sopapos fortes há em profusão: o número de lesões sofridas pelos atletas é quase duas vezes o do boxe”. Apesar de ter mais golpes incluídos na lista de regras, não há indícios apresentados pela matéria que, de fato, o MMA seja mais contundente, ou seja, faltou mostrar dados sobre esse argumento.

Apesar das referências ao antigo estado do esporte, a matéria mostra as mudanças, trazendo argumentos de atletas profissionais, o que significa que tiveram suas vozes ouvidas.

Quadro 4 Repertórios interpretativos – Matéria: *O fabuloso Gracie*

Data	Título matéria		
09/07/2008	*O fabuloso Gracie*	Atores sociais envolvidos	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pelos atores consultados
		Reila Gracie (autora de livro e 19ª filha de Hélio Gracie)	"Para divulgar o jiu-jitsu – e o nome Gracie –, ele fazia de tudo, inclusive oferecer prêmios em dinheiro para **os desafiantes** que conseguissem derrotá-lo, independente de peso, altura e tamanho".
		Carlos Gracie (Grão Mestre de jiu-jitsu)	"Se você quer ter sua face **esmurrada** e **arrebentad**a, seu **traseiro chutado** e **seus braços quebrados**, entre em contato com Carlos Gracie neste endereço".
		Nelson Rodrigues (teatrólogo, jornalista, romancista, folhetinista e cronista)	"Há 20 e tantos anos que os Gracie mantinham uma invencibilidade que parecia definitiva. Por isso há tanta gente querendo dar rádio, televisão e até ferro elétrico a Waldemar. E não há dúvida que ele bem o merece. No dia de sua vitória, houve uma alegria universal, sim. **O fraco sentiu-se menos fraco**, o **humilhado menos humilhado**, e o marido que não pia em casa levantou, por 24 horas, a crista abatida. Todos nós somos cúmplices de Waldemar".
		Revista *Veja*	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pela *Veja*
		Editorial *Veja* e Marcelo Bortoloti	"A família Gracie, que trouxe o jiu-jitsu para o Brasil e transformou a luta num fenômeno internacional, é conhecida também **por muitas brigas fora do ringue,** nas ruas do Rio de Janeiro". "Em uma dessas ocasiões, em 1934, Carlos Gracie e seus irmãos Hélio e Gastão pretendiam fazer um acerto de contas com o lutador Manoel Rufino dos Santos, que publicara uma carta nos jornais com comentários considerados **desairosos sobre a família**. Rufino foi **espancado** e o trio terminou **atrás das grades**. Carlos e Hélio, condenados a dois anos e meio de **cadeia**. Gastão, a catorze meses. Não ficaram muito tempo na prisão. E a razão pela qual se livraram é um dos pontos altos da leitura de *Carlos Gracie: o Criador de uma Dinastia* (Record; 560 páginas; 49 reais), biografia escrita pela artista plástica Reila Gracie, 19ª filha de Carlos." Eles foram beneficiados por indulto do então presidente Getúlio Vargas, que atendeu um pedido subscrito por cinco ministros de estado – entre eles Oswaldo Aranha, da Fazenda, e Juarez Távora, da Agricultura – e gente de prestígio na sociedade carioca, como o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Herbert Moses. A iniciativa partiu da poetisa Rosalina Coelho Lisboa, casada com Antonio Larragoiti (da

		família que fundou a SulAmérica Seguros) e, comentava-se à boca miúda, apaixonada por Carlos. “Ao esquadrinhar a história da família, Reila tinha como objetivo restituir a Carlos Gracie o título de verdadeiro criador da luta conhecida hoje em todo mundo como Brazilian jiu jitsu. A primazia de Carlos nunca foi negada por Hélio, onze anos mais moço e seu discípulo. Mas foi sendo apagada pelo tempo, pelo enorme sucesso do irmão nos ringues e por intermináveis disputas entre os descendentes dos dois patriarcas pelo uso comercial do nome Gracie. Por esse motivo, o minucioso trabalho de pesquisa da autora destinou-se, principalmente, a dirimir uma rixa de família. Mas, ao empreender esse mergulho, Reila trouxe a público histórias deliciosas e uma dimensão dos Gracie praticamente esquecida. Por três décadas, entre os anos 1930 e 1950, Carlos e Hélio foram personagens de relevo na cena carioca –e, portanto, no Brasil.” “Sua projeção extrapolava os ringues, para onde atraíam multidões. Chegava aos salões da sociedade, como fica patente no caso da surra em Rufino. Por suas academias passaram personalidades como o ex-governador da Guanabara Carlos Lacerda, o fundador das Organizações Globo, Roberto Marinho, o playboy Jorginho Guinle e o ex-presidente da República João Baptista de Figueiredo. Em 1951, já eram tão famosos que uma luta de demonstração fez parte da programação de estreia da TV Tupi no Rio de Janeiro.” “Como toda biografia destinada a resgatar a imagem do biografado, esta é pródiga em elogios. Mas tem o mérito de usar tintas realistas para descrever a vida e a personalidade singulares de Carlos Gracie, que morreu em 1994, com 92 anos. Seu pai, Gastão, foi químico, diplomata, garimpeiro, dono de cassino e fabricante de dinamite. Certa vez explodiu uma bomba na companhia de luz porque lhe haviam cortado a energia. Também foi dono de circo, em Belém. Por causa desse circo, que contava, entre suas atrações, com lutadores de jiu-jitsu vindos do Japão, Carlos travou contato com a luta, que aprendeu com Misuyio Maeda, conhecido como Conde Koma. Na adolescência, Carlos teve um comportamento quase **delinquente** – definição da autora. Sua vida familiar foi assombrosa, digna dos melhores momentos do realismo fantástico. Afirmava ter poderes para tornar-se invisível. Também dizia incorporar um espírito peruano. Com isso, transformou-se numa espécie de guia espiritual da família e de Oscar Santa Maria, seu sócio numa empresa de comércio exterior. Entre suas atribuições estava a de avaliar a aura dos

		clientes antes de fechar um contrato. Santa Maria tornou-se um seguidor fervoroso. Em 1955, cedeu sua namorada para que ela tivesse um filho com o espírito peruano – com a indispensável, digamos, intermediação de Carlos. Santa Maria demorou a perceber o absurdo da situação. Em 1959, quando sua mulher teve o terceiro filho de Carlos, rompeu relações com o sócio. E, quatro anos depois, acionou-o judicialmente por estelionato. O criador do Brazilian jiu jitsu foi um exímio criador de casos.”

Nesta matéria, a revista discursa sobre o livro biografia de Carlos Gracie, falando dos principais feitos de Carlos e da família, inclusive falando dos pontos positivos e negativos que envolvem a família, trazendo discursos da autora do livro Reyla Gracie, o próprio Carlos e Nelson Rodrigues.

A revista apresenta os discursos que ajudaram a propagar o jiu-jitsu, mas também a fazer a má fama de luta violenta. Como o trecho em que o Carlos Gracie utiliza de uma frase para atrair novos desafiantes para provar que o jiu-jitsu era eficaz, ele publicava nos jornais: “Se você quer ter sua face esmurrada e arrebentada, seu traseiro chutado e seus braços quebrados, entre em contato com Carlos Gracie neste endereço”, claro que esta frase era uma estratégia para atrair desafiantes, lembrando que no jiu-jitsu não se aprende golpes contundentes como socos, chutes, joelhadas e cotoveladas.

Esta matéria não oculta as controvérsias, pois conta detalhes da história da família, inclusive fala da prisão dos irmãos Gracie, por brigarem com Manoel Rufino dos Santos, que falou que Hélio Gracie e seus irmãos eram todos farsantes. Isso foi tido pela família como um ataque à honra, porém não justifica a violência. No entanto, como a matéria aponta, os irmãos Gracie foram soltos:

> Carlos e Hélio, condenados a dois anos e meio de cadeia. Gastão, a catorze meses. Não ficaram muito tempo na prisão [...] Eles foram beneficiados por indulto do então presidente Getúlio Vargas, que atendeu um pedido subscrito por cinco ministros de estado – entre eles Oswaldo Aranha, da Fazenda, e Juarez Távora, da Agricultura – e gente de prestígio na sociedade carioca, como o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Herbert Moses. A iniciativa partiu da poetisa Rosalina Coelho Lisboa, casada com Antonio Larragoiti (da família que fundou a SulAmérica Seguros) e, comentava-se à boca miúda, apaixonada por Carlos. (BORTOLOTI, 2008, p. 136).

A matéria foi um ponto positivo, pois apresenta um pouco da história que acaba sendo esquecida pelos brasileiros, ou que, muita vezes, não é nem conhecida. A matéria acaba falando apenas de fatos, sendo eles negativos ou positivos, porém que fazem parte da história da família, deixando em aberto à interpretação do leitor.

Quadro 5 Repertórios interpretativos – Matéria: *O demônio Gracie*

Data	Título matéria		
23/02/2000	*O demônio Gracie*	Atores sociais envolvidos	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pelos atores consultados
		Ryan Gracie	"Que **não é santo**, mas **nega o golpe** com o **canivete"**.
		Revista *Veja*	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pela *Veja*
		Editorial *Veja*	**"**Os Gracies **adoram uma briga".** "Desde os anos 20, quando o patriarca Carlos trouxe o jiu-jitsu para o Brasil, eles se tornaram mundialmente famosos pela **disposição de lutar dentro e fora dos ringues**". "Entre os mais de 100 membros do clã, nenhum gosta tanto de **trocar sopapos fora das competições** como Ryan Gracie, vulgo **Demônio Gracie,** com 26 anos"**.** "No domingo 13, ele se envolveu em **uma briga** na boate Ilha da Fantasia na Barra da Tijuca, no Rio Janeiro. **Uma confusão danada**, da qual saiu **ferido** o também o lutador de jiu-jitsu Marcus Vinicius Marins da Rosa, com 26 anos". "Rosa acusa Ryan de **o esfaquear no abdômen** com um **canivete** e, na sexta-feira passada, Gracie foi indiciado por **tentativa de homicídio**". **"O 'demônio'** diz que **não é santo**, mas nega o golpe com o **canivete.** "Ele já foi parar outras **6 vezes na polícia acusado de agressão**. Para tentar mantê-lo afastado de **confusões**, o pai, Robson, presidente da Federação Estadual de Jiu-jitsu, chegou a mandá-lo para São Paulo. Na capital paulista, ele arrumou tantos desafetos que a família achou melhor que voltasse para o Rio".

A revista conta com uma série de contradições em seu discurso, principalmente por generalizar uma questão pessoal como se se tratasse de toda uma família e da arte marcial.

No caso, a matéria trata do envolvimento de Ryan Gracie em um caso de agressão. A revista se contradiz no trecho *Os Gracies adoram uma briga* (VEJA, 2000, p.121), pois o discurso generaliza o assunto, sendo que o responsável pela lamentável ação é apenas um membro da família, inclusive a própria revista depois comenta, no trecho: “Entre os mais de 100 membros do clã, nenhum gosta tanto de trocar sopapos fora das competições como Ryan Gracie, vulgo ‘Demônio Gracie’, com 26 anos” (VEJA, 2000, p.121). Porém, em outro trecho, novamente a revista deixa claro que o problema de comportamento é, de forma geral, um problema de todos, como é mostrado no trecho: “Desde os anos 20, quando o patriarca Carlos trouxe o jiu-jitsu para o Brasil, eles se tornaram mundialmente famosos pela disposição de lutar dentro e fora dos ringues”. O esporte não foi trazido pela família, mas por Conde Koma como já mencionado no contexto histórico.

Assim, encontramos um dos modos de operação da ideologia apresentado por Thompson (2009), chamada de *unificação*. As estratégias são utilizadas para criar “uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los” (THOMPSON, 2009, p. 86). Uma das estratégias utilizadas neste caso foi a *simbolização na unidade*, já que os membros do clã são unificados em uma coletividade.

Além de generalizar o problema como se fosse uma questão da família, a matéria utiliza de várias palavras ligadas a atos violentos para contar o episódio, como: adoram uma briga, trocar sopapos fora das competições, uma confusão danada, o esfaquear, tentativa de homicídio, afastado de confusões etc. A matéria trata de assunto policial, não esportivo, porém não é deixado claro se a matéria é sobre o a confusão causada por Ryan ou se sobre a família Gracie ou ainda sobre o jiu-jitsu.

Outro discurso relevante é o trecho, “O ‘demônio’ diz que não é santo, mas nega o golpe com o canivete” (VEJA, 2000, p. 121), a palavra ‘demônio’ foi utilizada como metáfora.

Esta matéria teve o sentido de atingir, de certa forma, o esporte, já que o envolvido no caso era apenas Ryan Gracie, mas acabou sendo generalizado o problema, principalmente porque os atores citados não tiveram seus discursos incluídos. Neste caso, são ocultadas as controvérsias, pois não é dada a palavra para os envolvidos na confusão, principalmente os outros membros do clã que são citados, porém não existe o contra-argumento deles. Ryan Gracie foi preso algumas vezes e, no ano de 2007, faleceu na própria delegacia de polícia em

que estava preso, por uso de drogas ilegais e a combinação de remédios dados pelo psiquiatra Dr. Sabino Ferreira de Farias Nett.

Quadro 6 Repertórios interpretativos – Matéria: *O brigão do tatame*

Data	Título matéria		
15/03/2000	*O brigão do tatame*	Atores sociais envolvidos	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pelos atores consultados
		Ministério Público Estadual do Rio de Janeiro	"Traçou o perfil básico desses **baderneiros"**.
		Revista *Veja*	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pela *Veja*
		Editorial *Veja*	"Com base em **inquéritos policiais abertos** para apurar **brigas** envolvendo lutadores de jiu-jitsu" -Idade: 20 anos -Altura: 1,80 metros -Peso: 80 quilos -Aparência: **Cabelo raspado**, **orelhas deformadas** -Renda familiar: R$3.000 -Ocupação: Estudante -Escolaridade: 2º grau completo -Onde mora: Casa dos pais -Ritmo de treinamento: 2 horas de academia por dia -Grito de guerra: "Fight"

Nesta matéria, a revista *Veja* publicou o perfil médio dos lutadores de jiu-jitsu divulgado pelo Ministério Público Estadual do Rio de Janeiro. O discurso se contradiz na seguinte questão: não existe voz para os atores envolvidos na acusação, ou seja, de certa forma, todo lutador de jiu-jitsu acaba sendo tachado como um "baderneiro".

A revista cita questões que se enquadram no perfil de qualquer pessoa, sendo praticante de jiu-jitsu ou não. O problema deveria atingir apenas as pessoas envolvidas, não transformá-lo em uma questão social ou um problema social. Novamente, é utilizado o modo de *unificação*, utilizando estratégias de construção simbólica como *simbolização na unidade*, pois é transmitido ao leitor um padrão, como se ele representasse a categoria de lutadores de jiu-jitsu. Neste caso, não existe controvérsia, já que não é apresentado o argumento de pessoas especializadas.

Quadro 7 Repertórios interpretativos – Matéria: *Gracie x Gracie*

Data	Título matéria		
16/06/1999	*Gracie x Gracie*	Atores sociais envolvidos	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pelos atores consultados
		Reyla Gracie (filha de Carlos Gracie)	"Meu tio precisa deixar a vaidade de lado". "Foi um **comportamento pequeno e ambicioso**".
		Sérgio Batarelli (empresário)	"**Qualquer produto do jiu-jitsu** vende, e os americanos e japoneses são consumidores desta marca".
		Hélio Gracie	"Rorion fez esse registro para evitar associação de **picaretas** ao nosso sobrenome".
		Renzo Gracie	"Há seis meses, fizemos um acordo, e todos os integrantes da família estão liberados para usar o nosso nome em solo americano".
		Revista *Veja*	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pela *Veja*
		Editorial *Veja* e Manoel Fernandes	"Torneio de Vale- Tudo, invenção dos Gracie: **pouca regra muito sangue**". "A família **mais invocada** do país, os Gracie, do jiu-jitsu, divide-se em duas alas e **briga** entre si". **"De um lado do ringue** estão Hélio Gracie, 86 anos, e seus nove filhos. Do outro, os 21 filhos de um irmão de Hélio, Carlos, que morreu há cinco anos". "Depois de **brigar com todo mundo**, os Gracie resolveram engalfinhar entre si". "Desde a década de 20, quando o jiu-jitsu começou a ser praticado no país, essa **família de brigões** formou três gerações de lutadores campeões e transformou os combates no tatame em uma **atração eletrizante e violenta**". "A fama dos Gracie literalmente correu o mundo. E possuir o sobrenome quer dizer vencer". "Muitos dos que os enfrentaram em lutas oficiais e/ou brigas de rua saíram com ossos, dentes e clavículas quebrados" . "**A briga entre duas facções Gracie** começou com uma troca de acusações em abril, quando Rilion, o filho de Carlos, deu uma entrevista em que criticava os parentes que estimulavam a violência entre os praticantes do esporte. Ele ressaltou as qualidades de seu pai, atleta e pessoa avessa a qualquer tipo de agressividade". "O tio Hélio contra-atacou. Tachou os sobrinhos de ingratos e o irmão de **"mulherengo e demônio em forma viva".**

		"O bate-boca esquentou na semana passada. Reyla, sobrinha de Hélio, acusou o tio de aumentar a própria importância no jiu-jitsu". "O ramo de Hélio revida e acusa um filho de Carlos, Carlson, de ensinar os segredos do jiu-jitsu a pessoas estranhas ao clã como os campeões Vitor Belfort e Amauri Bitetti – criando, assim, concorrentes de pesos contra os Gracie". "O **bate-boca** esconde uma **c**ontenda comercial".

O discurso da revista foi a respeito de uma matéria, na qual se fala sobre a disputa pelo sobrenome da família Gracie, entre Hélio e seus filhos, contra os filhos de Carlos Gracie, que já era falecido na época. A matéria apresenta argumentos dos dois lados da família, porém é realizado o modo *fragmentação,* como é mostrado no trecho: "*A família mais invocada do país, os Gracie, do jiu-jitsu, divide-se em duas alas e briga entre si*" (FERNANDES, 1999, p. 122), novamente, generaliza-se o tema violência em torno da família e do jiu-jitsu também, a palavra "invocada" pode trazer uma série de interpretações. Outro trecho que também traz uma generalização à violência é "Depois de brigar com todo mundo, os Gracie resolveram engalfinhar entre si" (FERNANDES, 1999, p.122). Esses trechos mostram a intenção de "vilanizar" os Gracie, a fim de expurgá-los, ou seja, foi utilizada a estratégia de *expurgo do outro*. .

A matéria dá a entender que a família está brigando no sentido literal da palavra, porém o que está ocorrendo é uma disputa pelo uso do sobrenome, não sendo este um assunto exclusivo do jiu-jitsu e sim da família. É deixado claro pelos atores o fim da disputa, como é comentado por Renzo Gracie, "Há seis meses, fizemos um acordo, e todos os integrantes da família estão liberados para usar o nosso nome em solo americano".

Porém, um discurso chama atenção, sempre que se fala em lutas, os artistas marciais argumentam que existe uma diferença entre luta e briga. Para quem pratica lutas essa diferença faz todo sentido, no entanto, para as pessoas não praticantes nem tanto, mas a revista *Veja*, nesta matéria, apresentou essa diferença, no trecho: "A fama dos Gracie literalmente correu o mundo. E possuir o sobrenome quer dizer vencer. Muitos dos que os enfrentaram em lutas oficiais e/ou brigas de rua saíram com ossos, dentes e clavículas

quebrados" (FERNANDES, 1999, p. 123). Assumiu-se que existe diferença entre lutas e brigas, porém o termo briga é utilizado em outras matérias para denominar uma luta.

Quadro 8 Repertórios interpretativos – Matéria: *Cultura do tapão*

Data	Título matéria		
03/02/1999	*Cultura do Tapão*	Atores sociais envolvidos	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pelos atores consultados
		Rodrigo Ribeiro (Praticante)	"Depois que eu **jogo no chão**, é show. Boto o **joelho no peito** e dou um monte de **socão na cara**. O **objetivo não é machucar, é brigar.** Mas é impossível conter a vontade de deixar minha marca."
		Guarda Municipal Carioca	Divulgou um relatório sobre **gangues** que **perturbam e agridem** os usuários das praias de Ipanema e do Leblon e constatou que duas delas são formadas por praticantes de jiu-jitsu.
		Alberto Martins Filho	"Já meti **porrada** num professor que me **expulsou** de sala. Voei pra cima, **desci a mão**. Eu não queria **matar** ele e por isso só dei uns **tapas**".
		Polícia Brasília	Em Brasília, um único distrito policial registrou, no ano passado, dezenas de casos de **brigas** envolvendo **lutadores dessa arte.**
		Gilberto Alves Ribeiro (Delegado)	"O pior é que a **pancadaria é coletiva**, porque se trata de uma **turma de *playboys*** contra a outra".
		Renan Pimentel (Gerente Boate Kashmir)	"Em algumas noites, chegamos a triplicar a **segurança** por causa deles." Pimentel conta como **as brigas começam:** **"Eles chegam calmos e não perturbam ninguém.** Aí, começam a tomar Flying Horse e Flash Power misturadas com uísque ou vodca, **ficam loucos** e vão caçar garotas, como eles falam. É nesse momento que, em geral, as **confusões começam**, criadas pelo atrito com namorados de moças de que eles se aproximam". "Outra coisa é que eles só andam em **bando** e isso os faz se sentir mais **confiantes e viris**".
		Ryan Gracie (lutador de jiu-jitsu e MMA)	"**Eu sou explosivo** desde garoto. Antes de entrar na **briga**, eu me perguntava: **'Será que eu apanho desse cara?'** Quando **mexiam** comigo, **eu brigava**. Eu **gosto de ser respeitado**. Também tem um pouco de **autoafirmação."**
		Fabio Gurgel (Professor e campeão de jiu-jitsu)	"Em três meses de aula, o lutador de jiu-jitsu aprende golpes que **permitem quebrar o pescoço de alguém maior e mais forte."** "Por isso os verdadeiros seguidores do jiu-jitsu **não saem brigando** na rua. Eles têm responsabilidade."
		Viviane Andrade	"Eu **me sinto mais segura** com os meninos do jiu-jitsu. Tem garotas que gostam de homens

		bonitos, outras de rapazes com carro zero. Eu gosto dos **fortes**.”
	Camila Hernandez Montandon	**“**O jiu-jitsu é que deixa os homens com o corpo mais bonito, delineado. Não troco eles por nenhum **magrinho** que manda flores. Até já esqueci a última vez que namorei um **‘franguinho**’”. “De longe, no bar, só via o braço de um cara. Cheguei lá, batata, **ele era do jiu-jitsu**. Adoro o corpo delineado deles”.
	Jacob Pinheiro Goldberg (Psicólogo e faixa preta de caratê)	“Essa geração foi criada por pais que deram aos filhos toda a liberdade do mundo. O resultado foram jovens imaturos, que **não aceitam frustrações**. Para piorar, eles encontram **academias inescrupulosas**, que distorcem o sentido das artes marciais”. “No Oriente, pregam-se a nobreza de espírito e a disciplina. Aqui, confunde-se **força com prepotência e virilidade com agressividade**.”
	Revista *Veja*	[Argumento] Repertórios interpretativos utilizados pela *Veja*
	Daniela Pinheiro e Ronaldo França (Autores da Matéria)	“Atenção! Se você encontrar alguém que **possua uma orelha** minimamente parecida com essa aí da fotografia à esquerda, cuidado. Ao cruzar com o **portador de uma orelha** dessas, recomenda-se evitar um **esbarrão.** Olhar para a namorada dele, nem em sonho. **A turma da orelha** é formada por **praticantes de jiu-jitsu** que, muitas vezes**, não se** satisfazem em treinar a arte marcial no tatame da academia. Eles saem às ruas **à procura de uma vítima.”** “Nos últimos tempos, **gangues de lutadores** têm-se envolvido em **casos policiais** com frequência cada vez maior.” “O motivo para tanta **violência**? **Nada** q**ue faça muito sentido, aparentemente.”** “De acordo com os próprios **lutadores de jiu-jitsu** que gostam de **uma briga de rua**, a **confusão** pode começar a qualquer momento.” “Deu para entender? **Pit Bull** é faixa roxa de jiu-jitsu, orgulha-se de ter **surrado pelo menos quarenta pessoas** e tem a **orelha deformada**. Isso acontece **quando a cartilagem é fraturada e esfarelada** pelo atrito da orelha com a lona do tatame, durante horas de treinamento, gravatas e chaves de perna. Conforme vai cicatrizando, sempre mais torta do que era antes, a orelha engorda e fica disforme”. “Embora muita gente veja certo **ar repugnante** nessas **conchas auditivas**, os lutadores de jiu-jitsu têm orgulho delas. Tal qual as estrelas no ombro do general, elas funcionam como um

		indicador de poder, de superioridade no mundo marcial em que eles vivem”. “Em todo o país, a **turma do jiu-jitsu** semeia **pancadaria.”** “Em Belo Horizonte, no Ponteio Lar Shopping, a gerência **aumentou o número de seguranças** para evitar que os alunos de uma academia de jiu-jitsu instalada ali dentro arranjassem **confusão** com os fregueses.” “Em Manaus, depois do **assassinato** de um estudante numa **briga** ocorrida no ano passado, **a polícia fez uma *blitz*** que **fechou cinco academias dessa luta** na região, por **funcionar sem autorização**. Não adiantou.” “O jiu-jitsu foi criado há 2.500 anos por monges budistas na Índia e se desenvolveu no Japão. No Brasil, virou febre nos últimos anos. É uma arte marcial de alta eficiência, que consiste em derrubar o adversário no chão e torcer alguma parte de seu corpo até subjugá-lo inteiramente.” “No Rio o campeão mundial de jiu-jitsu na faixa azul, M.J.P., de 17 anos, surrou o advogado Renato de Araújo Ferreira, 23 anos, filho do deputado fluminense José Godinho, o ‘Sivuca’. O inquérito policial indica que, embora M.J.P. tenha **enfrentado Renato e mais três**, foi ele próprio que começou a briga. Seu pai, funcionário público federal e ex-campeão sul-americano de judô, não acredita: “Ele **só se defendeu. Nós não somos de briga de rua.** Nosso negócio é no tatame”. COMO **RECONHECER UM DELES** NA RUA: - **As falanges dos dedos ganham calosidades** provocadas pelos **socos e golpes** - A **cabeça é raspada** com máquina dois. Também é moda deixar um **topete frontal**. - As **tatuagens identificam turmas** e até as academias. Desenhos tribais e de animais são os preferidos. OS **GOSTOS** DA **TURMA DO TATAME** - As caminhonetes são um sonho de consumo. Carro bom tem de ser **grande e forte**. **Feito os lutadores.** - A banda inglesa Prodigy é admirada pelo **visual desleixado e o som bate-estaca.** - **Cachorros pit bull presos** em coleira de aço. Na Inglaterra, eles **foram banidos por sua ferocidade.** “Os ídolos dos lutadores de jiu-jitsu têm um traço

		em comum: **eles levam a vida no braço**. Um dos heróis é o boxeador Mike Tyson, que não tem nada a ver com arte marcial, mas tem tudo a **ver com confusão, briga e indisciplina**. O ator Chuck Norris, que atua em **filmes de pancadaria**, é outro que faz sucesso. Há um brasileiro na lista. É o carioca Victor Belfort, lutador de vale-tudo". "Os torneios de vale-tudo são uma sensação nos Estados Unidos e no Brasil. Num ringue gigante, lutadores de especialidades diferentes se enfrentam**,** limitados por apenas duas regras: **não podem morder ou enfiar os dedos nos olhos do adversário**. Há lutadores de jiu-jitsu, luta greco-romana, caratê, judô, tae-kwon-do, muhay-tay etc. É incrível, mas a **pancadaria só produziu uma morte até agora."**

Esta é a matéria que mais chama atenção já publicada pela revista sobre o jiu-jitsu, sendo a que mais teve páginas dispostas para o assunto. Em a *Cultura do Tapão*, o discurso da revista mostra-se com pontos de discordância em vários trechos. Nesta matéria, jovens são apresentados como lutadores de jiu-jitsu que gostam de bater em pessoas sem um motivo aparente, apenas por diversão. Novamente, é utilizada a estratégia de expurgo do outro, de modo geral no texto, o lutador de jiu-jitsu é tratado como o "vilão".

Vários atores sociais são apresentados no decorrer da matéria, como os jovens agressores, a Guarda Municipal, a Polícia de Brasília, o delegado Gilberto Alves Ribeiro, o lutador Ryan Gracie, o professor de jiu-jitsu Fabio Gurgel e o psicólogo Jacob Pinheiro Goldberg, que também é praticante de arte marcial.

No decorrer da matéria, uma série de discursos são colocados para o leitor a respeito da arte marcial jiu-jitsu, porém, existe uma série de contradições prejudicando a categoria.

No primeiro parágrafo, o discurso já acontece de forma que generaliza um problema social a toda uma categoria. Essa generalização, de certa forma, é grave, pois é incentivado

um expurgo. Cabendo neste caso, novamente as estratégias de construção simbólica *simbolização de unidade* e *expurgo do outro.* O discurso é apresentado sobre o lutador de jiu-jitsu, com uma foto ao lado:

> Atenção! Se você encontrar alguém que possua uma orelha minimamente parecida com essa aí da fotografia à esquerda, cuidado. Ao cruzar com o portador de uma orelha dessas, recomenda-se evitar um esbarrão. Olhar para a namorada dele, nem em sonho. A turma da orelha é formada por praticantes de jiu-jitsu que, muitas vezes, não se satisfazem em treinar a arte marcial no tatame da academia. Eles saem às ruas à procura de uma vítima. (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 66).

A orelha com deformidade, como já mencionado nos capítulos anteriores, é uma característica de praticantes de lutas agarradas, inclusive praticantes de judô, porém não significa que a pessoa portadora desta orelha irá atacar alguém na rua. Em outro trecho, novamente a orelha é o assunto discutido: “Embora muita gente veja certo ar repugnante nessas conchas auditivas, os lutadores de jiu-jitsu têm orgulho delas. Tal qual as estrelas no ombro do general, elas funcionam como um indicador de poder, de superioridade no mundo marcial em que eles vivem” (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 66).

No texto, os lutadores de jiu-jitsu são taxados como uma gangue, que saem batendo em quem aparecer pela frente e que os motivos não existem para tal violência, como é mencionado neste trecho: “Nos últimos tempos, gangues de lutadores têm-se envolvido em casos policiais com frequência cada vez maior. O motivo para tanta violência? Nada que faça muito sentido, aparentemente” (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 66). Porém, a própria matéria se contradiz, já que Renan Pimentel, Gerente da Boate Kashmir, fala que os jovens chegam normais e calmos, porém a bebida acaba alterando seu comportamento:

> Eles chegam calmos e não perturbam ninguém. Aí, começam a tomar Flying Horse e Flash Power misturadas com uísque ou vodca, ficam loucos e vão caçar garotas, como eles falam. É nesse momento que, em geral, as confusões começam, criadas pelo atrito com namorados de moças de que eles se aproximam. (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 66).

Neste caso, seria necessário saber se o motivo das confusões é o alto consumo de bebidas alcoólicas ou a prática de arte marcial.

Em outro trecho, novamente as orelhas deformadas são o alvo no discurso, como é mencionado no trecho:

> Deu para entender? Pit Bull é faixa roxa de jiu-jitsu, orgulha-se de ter surrado pelo menos quarenta pessoas e tem a orelha deformada. Isso acontece quando a cartilagem é fraturada e esfarelada pelo atrito da orelha com a lona do tatame, durante horas de treinamento, gravatas e chaves de perna. Conforme vai cicatrizando, sempre mais torta

> do que era antes, a orelha engorda e fica disforme. (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 66).

No mesmo caso do trecho acima, outros jovens relatam seus atos de violência como algo normal e como se fosse uma rotina. A agressão física é crime definido por lei, mas o que chama atenção é apresentar os jovens como se representassem toda uma categoria: “Em todo o país a turma do jiu-jitsu semeia pancadaria” (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 66), porém nenhum deles representa o jiu-jitsu . Há controvérsia entre os próprios autores, como no trecho abaixo, no qual é falado que esse grupo é uma minoria e não representa o geral:

> São 150.000 os praticantes de jiu-jitsu e, obviamente, a maioria deles leva a arte marcial a sério. Ou seja, treina na academia e, nas ruas, demonstra desenvolvido grau de autocontrole, capaz de suportar mais desaforos do que os demais. A má imagem do jiu-jitsu é culpa de uma minoria que já gostava de dar tapas antes de entrar na academia e que resolveu aderir à luta da moda para potencializar sua ferocidade. (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 66).

Em outro momento, os lutadores não são incluídos como clientes de um *shopping*, sendo que a academia faz parte do prédio, ou seja, os lutadores são expurgados novamente “em Belo Horizonte, no Ponteio Lar Shopping, a gerência aumentou o número de seguranças para evitar que os alunos de uma academia de jiu-jitsu instalada ali dentro arranjassem confusão com os fregueses” (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 67).

Falta informação no discurso, os autores falam que “Em Manaus, depois do assassinato de um estudante numa briga ocorrida no ano passado, a polícia fez uma *blitz* que fechou cinco academias dessa luta na região, por funcionar sem autorização. Não adiantou” (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 67), não é citado quais academias foram fechadas.

Mais uma contradição realizada na matéria, é falar, em todo momento, que os jovens que se denominam “lutadores de jiu-jitsu”, falam que gostam de meter “porrada”, “bater”, socar, chutar etc. A própria revista discursa isso na matéria, mas em outro parágrafo, afirma que no jiu-jitsu não existe este tipo de golpe, como é mostrado no trecho: “É uma arte marcial de alta eficiência, que consiste em derrubar o adversário no chão e torcer alguma parte de seu corpo até subjugá-lo inteiramente” (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 67).

No decorrer do texto, outras controvérsias são apresentadas, sendo que num primeiro momento é generalizada a marginalização dos lutadores e em outros momentos os discursos são opostos aos apresentados anteriormente. Em um certo momento menciona-se que nada tem a ver com jiu-jitsu essa violência gratuita e novamente fala-se que estes jovens agridem sem motivos. A própria matéria indica alguns fatores que podem influenciar os atos violentos:

“Com o maníaco por agressão é diferente. Esse tipo de gente surge quando alguns fatores adicionais se conjugam. Em primeiro lugar, é preciso ser mais agressivo do que a média das pessoas — e isso nada tem a ver com jiu-jitsu” (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 67). Mas em outro momento, o jiu-jitsu é colocado novamente em foco de forma negativa, pois citam-se outras artes marciais, mas que não existem relatos de violência entre essas citadas, como é mostrado no trecho: “O Brasil tem mais de 4 milhões de pessoas praticando artes marciais e não se tem notícia de gangues de kung fu ou de judocas esmurrando gente na rua” (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 67).

Na análise dessa matéria, fica claro que a construção da categoria de lutadores é realizada de forma genérica e marginal, e que este é um mau a ser combatido e expurgado, porém falta informação de pessoas competentes a respeito do jiu-jitsu para argumentar sobre o problema. Neste caso, a controvérsia é ocultada, pois mesmo dando voz a alguns especialistas, o maior destaque fica por conta de argumentos daqueles que não representam de fato a realidade, sendo a real intenção a de deixar os lutadores de jiu-jitsu com o aspecto de vilões e que devemos ter medo deles.

4 INTERPRETAÇÃO / REINTERPRETAÇÃO

Na hermenêutica de profundidade, as duas etapas anteriores são realizadas por meio de análise, na terceira e última etapa do enfoque da HP, a interpretação/reinterpretação, o processo é transformado em uma síntese na qual o pesquisador implica um novo pensamento, uma construção deste pensamento sobre os resultados anteriores. Essa etapa é uma crítica construtiva e também está aberta às críticas, não sendo uma verdade única. Porém, a interpretação deve ter uma fundamentação, principalmente na ciência. Thompson fala sobre a interpretação/reinterpretação:

> Par mais rigorosos e sistemáticos que os métodos da análise formal ou discursiva possam ser, eles não podem abolir a necessidade de uma construção criativa do significado, isto é, de uma explicação interpretativa do que está representado ou do que é dito. (THOMPSON, 2009, p. 375).

Nesse caso, a interpretação da ideologia "se apoia sobre cada uma das fases de enfoque da HP" (THOMPSON, 2009, p. 377), e foi realizada de acordo com as análises anteriores nas quais os resultados foram concentrados em estudos de materiais históricos e documentos de domínio público.

Tendo como base a história do jiu-jitsu, sua relação com a sociedade e a representação na revista Veja, a interpretação buscou expor o potencial ideológico dos discursos veiculados nas edições publicadas em que o tema foi o esporte. Para tanto, serão apresentados os modos de operação utilizados na construção desta categoria de lutador que, muitas vezes, foi aferido como marginal ou um problema social.

Este problema social foi construído pelo comportamento que alguns "baderneiros", autodenominados lutadores de jiu-jitsu, acabaram promovendo com atos violentos, reprovados pela sociedade. Porém, esses atos foram alimentados pela mídia, inclusive foi feita uma generalização deste problema, ou seja, o que era consequência de atos da minoria acabou sendo sentida por toda uma categoria.

Na análise sócio-histórica, existem indícios desses momentos conturbados na linha temporal da arte marcial. No entanto, fica claro que esses indícios representam problemas de cunho pessoal, não representando toda uma categoria.

Inclusive os problemas sociais relacionados à família Gracie não representam o esporte. Até mesmo quando Hélio e Carlos Gracie, os fundadores da arte marcial jiu-jitsu brasileiro, foram presos. Os motivos pela confusão eram de cunho pessoal, foi uma

provocação entendida pelos dois como um ataque à honra, questão muito forte na época. As medidas foram tomadas apenas em relação aos envolvidos.

No entanto, o mais agravante foram relatos de grupos de jovens, considerados, inclusive pela mídia, gangues de lutadores de jiu-jitsu cujo objetivo era propagar violência fora de áreas de competição, principalmente contra aqueles que não tivessem como se defender. E qual seria o motivo? Segundo o discurso veiculado na revista, não existia um motivo, deixando a situação mais grave, pois para o leitor era gerada uma situação de medo, ou seja, existia um mau entre nós, que deveria ser eliminado. No entanto, esse discurso acaba generalizando os autores, pois, ao associar a violência ao jiu-jitsu, significa que todos os praticantes da arte marcial buscam fins violentos, não importando se é um atleta, um professor ou praticante por lazer.

Na linha temporal do esporte e das matérias divulgadas pela revista *Veja*, é evidente que o ano de 2000 foi o principal momento da história do esporte, sendo até realizado um perfil pelo Ministério Público que continha informações sobre os tais "lutadores" de jiu-jitsu. A relação jiu-jitsu e revista *Veja* teve início na década de 1990, momento em que o esporte se encontrava em expansão, principalmente na esfera internacional, na qual foi também criado o UFC, evento que seria novamente uma maneira de propagar o conhecimento da arte marcial entre as pessoas. Foi nesta mesma época que também os campeonatos específicos de jiu-jitsu foram criados, ou seja, lutadores de jiu-jitsu se enfrentavam valendo apenas as regras do esporte. Toda essa expansão propiciou que o esporte tivesse sua popularidade aumentada e, consequentemente, também os praticantes. Nesse momento, também surgiram o que eu denominei "os praticantes sem compromisso" com esporte, ou seja, pessoas que aprendem a técnica de luta, porém não praticam os outros benefícios trazidos pela filosofia das artes marciais. Mas conversando com professores e pela experiência que tenho com a arte marcial, pessoas que buscam a arte marcial pelos "motivos errados", acabam não sustentando uma relação duradoura com o esporte, não conseguem percorrer o caminho longo para chegar à faixa preta de jiu-jitsu, normalmente leva-se mais que 10 anos para ser graduada, pois os requisitos para tornar-se faixa preta vão além dos técnicos.

Para examinar o caráter ideológico potencial dos discursos selecionados, apoiei-me nos modos gerais da ideologia analisados por Thompson, sendo elas: "legitimação", "dissimulação", "unificação", "fragmentação" e "reificação" (THOMPSON, 2009, p. 80).

Para facilitar o entendimento desses modos, o autor desenvolveu o quadro 1 (ver p.25), o qual demonstra os modos pelos quais a ideologia pode se manifestar, além de apresentar as estratégias desses modos.

O modo mais frequente nas matérias que citavam o jiu-jitsu foi a *fragmentação*. Ficou claro que em alguns momentos os lutadores de jiu-jitsu foram apresentados como uma ameaça à sociedade de um modo geral. Thompson fala dessa diferença por que os indivíduos alvos de uma *fragmentação* passam:

> Um quarto modo, através do qual a ideologia pode operar, é *a fragmentação*. Relações de dominação podem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade, mas segmentando aqueles indivíduos e grupos que possam ser capazes de se transformar num desafio real aos grupos dominantes, ou dirigindo forças de oposição potencial em direção a um alvo que é projetado como mau, perigoso ou ameaçador. (THOMPSON, 2009, p. 87).

Na *fragmentação* o indivíduo dominante faz com que o dominado passe por uma não unificação, ou seja, levanta os motivos para que as outras pessoas não os vejam como parte da coletividade. Nesse caso, em algumas matérias da revista *Veja*, os lutadores de jiu-jitsu foram apresentados como pessoas que não faziam parte da sociedade e que as outras deveriam temê-las, como é mostrado no trecho abaixo da matéria *A cultura do tapão*:

> Atenção! Se você encontrar alguém que possua uma orelha minimamente parecida com essa aí da fotografia à esquerda, cuidado. Ao cruzar com o portador de uma orelha dessas, recomenda-se evitar um esbarrão. Olhar para a namorada dele, nem em sonho. A turma da orelha é formada por praticantes de jiu-jitsu que, muitas vezes, não se satisfazem em treinar a arte marcial no tatame da academia. Eles saem às ruas à procura de uma vítima. (PINHEIRO e FRANÇA, 1999, p. 66).

Nesse trecho, encontramos palavras que representam o quão perigosos são os lutadores de jiu-jitsu e que as pessoas devem ter medo disto, como: “Atenção”, “cuidado”, “evitar”, “nem em sonho”, “à procura de uma vítima”. Nesse sentido, uma pessoa que encontre alguém com características de um lutador de jiu-jitsu ficará com receio de até mesmo cumprimentá-lo, pois é sugerido não chegar próximo desta categoria.

Outro trecho que reforça essa *fragmentação* é: “O motivo para tanta violência? Nada que faça muito sentido, aparentemente. De acordo com os próprios lutadores de jiu-jitsu que gostam de uma briga de rua, a confusão pode começar a qualquer momento” (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 66). Aqui, é dado a entender que um sujeito desses pode atacar a qualquer momento, sem motivo algum, o que reforça a sensação de medo e que isso não deve fazer parte da sociedade. Esse modo também é estendido à família Gracie, em trechos como: “Depois de brigar com todo mundo, os Gracie resolveram engalfinhar entre si”

(FERNANDES, 1999, p. 122) e **“**Os Gracies adoram uma briga” (VEJA, 2000, p. 121), mostrando o quão temerosos são os lutadores de jiu-jitsu, inclusive seus criadores. Essa fama talvez tenha vindo da própria forma tomada para divulgação, já que para conquistar reconhecimento, os Gracie desafiavam quem tivesse a disposição de tentar vencê-los. De certa forma funcionou, a arte marcial é conhecida praticamente no mundo todo, mas também pode ter funcionado de maneira contrária. Porém, a mídia deixou o problema maior do que ele era, principalmente generalizando o problema social causado por alguns.

Dentro desse modo de operação da ideologia, existem duas estratégias citadas por Thompson (2009), que fazem todo sentido, sendo a *diferenciação* e o *expurgo do outro.* A primeira são as características dadas para diferenciar umas pessoas das outras e a segunda é a estratégia de construção de um inimigo.

Como *diferenciação*, uma das principais características levantadas pelas matérias foram as orelhas deformadas que os lutadores de jiu-jitsu possuem, lembrando que essa não é uma característica apenas de praticantes de jiu-jitsu, também é encontrado em outras modalidades de luta agarrada, inclusive no judô. Mas a principal característica da *diferenciação* é alimentar as diferenças, justamente para excluir essa pessoa. Thompson comenta sobre a *diferenciação* como:

> A ênfase que é dada às distinções, diferenças e divisões entre pessoas e grupos, apoiando as características que os desunem e os impedem de constituir um desafio efetivo às relações existentes, ou um participante efetivo no exercício do poder. (THOMPSON, 2009, p. 87).

Como já argumentei na análise sócio-histórica, as orelhas lesionadas fazem parte do atrito entre os corpos nos golpes encaixados e não são todos os lutadores que possuem esse tipo de orelha. Não significa que ter uma orelha deste tipo pode deixar um atleta melhor ou pior, mas é deixado claro que essa característica foi utilizada como uma diferenciação e não como uma apresentação de um tema não conhecido. Neste trecho, a revista fala das orelhas deformadas:

> Orgulha-se de ter surrado pelo menos quarenta pessoas e tem a orelha deformada. Isso acontece quando a cartilagem é fraturada e esfarelada pelo atrito da orelha com a lona do tatame, durante horas de treinamento, gravatas e chaves de perna. Conforme vai cicatrizando, sempre mais torta do que era antes, a orelha engorda e fica disforme. Embora muita gente veja certo ar repugnante nessas conchas auditivas, os lutadores de jiu-jitsu têm orgulho delas. Tal qual as estrelas no ombro do general, elas funcionam como um indicador de poder, de superioridade no mundo marcial em que eles vivem. (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 66).

No caso da estratégia *expurgo do outro*, a construção de um inimigo é o fato mais relevante, no qual, se possível, esse mau deve ser acabado. Thompson trata sobre o expurgo como um desafio:

> Essa estratégia envolve a construção de um inimigo, seja ele interno ou externo, que é retratado como mau, perigoso e ameaçador e contra o qual os indivíduos são chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-lo. Essa estratégia, muitas vezes, sobrepõe-se com estratégias que tem como fim a unificação, pois o inimigo e tratado como desafio, ou ameaça, diante do qual as pessoas devem se unir. A representação dos judeus e comunistas na literatura nazista em 1920 e 1930, ou a caracterização dos dissidentes políticos na era stalinista como "inimigos do povo", são exemplos bastante dados de expurgo do outro. (THOMPSON, 2009, p. 87).

Esse mau a ser expurgado fica mais claro em trechos como: "Em Manaus, depois do assassinato de um estudante numa briga ocorrida no ano passado, a polícia fez uma *blitz* que fechou cinco academias dessa luta na região, por funcionar sem autorização. Não adiantou" (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 66), verifica-se que a polícia tentou acabar com esse mau, porém não conseguiu. Outra matéria que chama atenção é a divulgação do perfil dos lutadores de jiu-jitsu, taxado pelo Ministério Público como inimigo a ser combatido. Também deixado claro que questões de violência são exclusividade de lutadores de jiu-jitsu, conforme trecho: "O Brasil tem mais de 4 milhões de pessoas praticando artes marciais e não se tem notícia de gangues de kung fu ou de judocas esmurrando gente na rua" (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 67). Num contexto em que o jiu-jitsu é criminalizado, o expurgo dos seus praticantes ajuda a mantê-los numa posição de subordinação, na medida em que, implicitamente, legitima o controle social sobre eles.

Outro modo de operação é a *dissimulação*, sendo mais específica a utilização da estratégia *tropo* (figuras nas linguagem).

> Por tropo entendo o uso figurativo da linguagem ou, mais em geral, das formas simbólicas. O usa do tropo é, geralmente, confinado ao domínio da literatura, mas o uso figurativo da linguagem é muito mais amplo do que essa especialização disciplinar possa sugerir. Entre as formas mais comuns de tropo estão a sinédoque, a metonímia e a metáfora. Todas elas podem ser usadas para dissimular relações de dominação. (THOMPSON, 2009, p. 84).

Entre as formas de tropo, a que foi utilizada pela revista foi a sinédoque e a metáfora. No caso da sinédoque, é envolvida a junção semântica da parte e do todo, ou seja, alguém usa um termo que está no lugar de uma parte a fim de se referir ao todo, sendo que essa relação pode ser interpretada de modo contrário como, por exemplo, quando a revista usa a palavra "jiujiteiros" para falar de alguns jovens baderneiros, porém é transmitida a sensação de que todos os lutadores de jiu-jitsu fazem parte deste grupo:

> Em São Paulo, uma boate chamada Kashmir tornou-se ponto de encontro de lutadores. Resultado: quando a concentração de "jiujiteiros", como se tratam na gíria, fica acima da média, os seguranças da casa saem da porta e se misturam com os clientes na pista. (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 67).

Outra forma de *tropo* usada é a metáfora, "implica a aplicação de um termo ou frase a um objeto ou ação à qual ele, literalmente, não pode ser aplicado" (THOMPSON, 2009, p. 85). Na matéria sobre Ryan Gracie, é colocado um termo para piorar a situação em que o lutador foi envolvido: "O 'demônio' diz que não é santo, mas nega o golpe com o canivete" (VEJA, 2000, p. 121). Na mesma frase encontramos as palavras "demônio" e "santo" como metáforas, criando uma polarização simbólica nitidamente maniqueísta, que contribui para "vilanizar" Ryan Gracie. Em outro momento, na matéria *Cultura do tapão*, um certo jovem é relacionado ao cachorro da raça *pit bull* : "Deu para entender? Pit Bull é faixa roxa de jiu-jitsu, orgulha-se de ter surrado pelo menos quarenta pessoas e tem a orelha deformada" (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 66). Note-se que, na mesma época, os cachorros desta raça foram alvo de proibição, inclusive na mesma matéria é mencionado: "Cachorros *pit bull* presos em coleira de aço. Na Inglaterra, eles foram banidos por sua ferocidade" (PINHEIRO; FRANÇA, 1999, p. 68).

Outro modo de operação da ideologia evidenciado nas análises é a *unificação*. Nesse modo, as relações de dominação:

> [...] podem ser estabelecidas e sustentadas através da construção, no nível simbólico, de uma forma de unidade que interliga os indivíduos numa identidade coletiva, independentemente das diferenças e divisões que possam separá-los. (THOMPSON, 2009, p. 86).

Uma das estratégias utilizadas neste caso foi a *simbolização na unidade*, já que os membros do clã são unificados em uma coletividade. Thompson fala sobre formas simbólicas que são utilizadas para unificar:

> Essa estratégia envolve a construção de símbolos de unidade, de identidade e de identificação coletivas, que são difundidas através de um grupo, ou de uma pluralidade de grupos. Aqui, novamente, a construção de símbolos de unidade nacional tais como bandeiras, hinos nacionais, emblemas e inscrições de vários tipos são exemplos evidentes. Na prática, a simbolização da unidade pode estar interligada com o processo de narrativização, na medida em que símbolos de unidade podem ser uma parte integrante da narrativa das origens que conta uma história compartilhada e projeta um destino coletivo. Isso é muito comum não apenas no caso de organizações sociais de grande porte, tais como os modernos estados-nação, mas também no caso de pequenas organizações e grupos sociais que são mantidos agrupados, em parte, por um processo contínuo de unificação simbólica, através do qual uma identidade coletiva é criada e continuamente reafirmada. Ao unir indivíduos de uma maneira que suprima as diferenças e divisões, a simbolização da unidade pode servir, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de dominação. (THOMPSON, 2009, p. 86).

Como exemplo dessa estratégia, pode-se citar Ryan Gracie e o clã Gracie, pois o jovem sempre era o motivo das confusões, porém o problema de um único membro é associado a toda família, lembrando que o clã conta com mais de 100 membros ligados ao jiu-jitsu. Em outro momento, é divulgado pelo Ministério Público o "perfil" de lutadores de jiu-jitsu, tentando construir um símbolo de unidade.

Demonstrado por modos de operação da ideologia e estratégias de construção simbólica, pode-se concluir que certas matérias são potencialmente ideológicas, na qual uma parte dominante tentou tachar o jiu-jitsu numa marginalização sem precedentes, sendo essa relação de dominação sustentada pela mídia, polícia e Ministério Público (MP), de vários modos e com intensão de denegrir a imagem do lutador de jiu-jitsu. Porém, em certos momentos, tais atos dos próprios lutadores ou aqueles que se proclamaram lutadores de jiu-jitsu, acabaram sustentando ou até mesmo desenvolvendo uma relação de dominação, chegando ao ponto em que o lutador foi totalmente discriminado e não teve sua voz ouvida.

Ao criminalizar os praticantes e lutadores de jiu-jitsu com discursos de potencial ideológico, a mídia contribui, implicitamente, para legitimar o controle da polícia e do MP sobre eles, mantendo esses dois atores numa posição de dominantes, já os lutadores, consequentemente, ficam na posição de subordinação.

Outra relação que tem potencial ideológico apresentado em alguns discursos é a de gênero. Algumas matérias contribuem para manter as atletas numa posição de subordinação na estrutura do campo esportivo, pois valorizam questões masculinas (fortões, másculos etc.) e enquadra as lutadoras em estereótipos como frágeis e eróticas, desta forma desvinculando-as da categoria de desportistas.

No decorrer das matérias, o jiu-jitsu teve uma melhora na imagem de mau a ser combatido, porém não trouxe grande interesse para ser divulgado, causando estranheza, principalmente pela arte marcial estar vivendo seu melhor momento.

Na revista Veja, a última matéria em que o jiu-jitsu foi tema central foi no ano de 2008, com a matéria *O fabuloso Gracie*. Já a última citação foi no ano de 2014, como a matéria *Esta, sim, é preparada*, na qual uma repórter cita que treina jiu-jitsu.

Os lutadores de jiu-jitsu no Brasil não têm possibilidade de ser um ídolo em rede nacional, como, por exemplo, um jogador de futebol. E para terem melhores oportunidades para viver da arte, necessitam mudar-se para outros países como Estados Unidos e Emirados Árabes. Porém, existem aqueles que resistem e mostram que a arte marcial pode transformar

pessoas, como é o caso do professor de jiu-jitsu Cícero Costha, que criou o projeto social “Lutando pelo bem”, projeto que formou 325 faixa pretas, conta com mais de 7250 alunos, dentre eles, 2400 campeões. O projeto social é direcionado aos jovens de baixa renda e que sonham em lutar jiu-jitsu, mas o grande papel do projeto é transformá-los e apoiá-los para o seu futuro como cidadãos.

Apesar de a mídia publicar sobre o jiu-jitsu sem ter o conhecimento certo para falar do assunto, o lutador de jiu-jitsu deve evitar ao máximo atitudes que não representem a categoria e, mais importante, caso venha a acontecer por meio de outros, discursar firmemente que essas atitudes não o representam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o exposto, é nítida a colaboração da mídia em discursar formas simbólicas com caráter de potencial ideológico sobre o jiu-jitsu, ajuda a criminalizar a categoria. Porém, não se pode deixar de mencionar que esses discursos foram realizados entre 1990 e 2000, épocas conturbadas para o esporte. Nesse caso, a revista *Veja* teve interesse em publicar, na sua maioria, os eventos ligados à violência. Após a redução dessas ocorrências, foi percebido que a intenção de divulgar a arte também diminuiu e, em alguns casos, dando lugar de destaque ao MMA, principalmente por ser o jiu-jitsu considerado mais violento e sangrento, assunto de interesse do editorial da revista. Tendo como partida os principais resultados das análises, é bem provável que o esporte foi publicado com desinformação por parte da revista, não apresentado as culturas e aspectos sociais recorrentes da arte marcial. Para um leitor que teve apenas contato com arte marcial por uma leitura de uma matéria, acaba que a informação proposta pela mesma pode se tornar uma verdade, neste caso formar uma opinião.

Após todo esse estudo, análises e interpretações, ficam abertos caminhos para novas pesquisas que busquem complementar as teorias utilizadas, mas, se possível, ajudar o objeto de estudo (jiu-jitsu) que pouco foi explorado pelo meio acadêmico.

Nessa pesquisa houve um aspecto não estudado, a análise de imagens, sendo interessante a análise deste tipo de forma simbólica, já que também representa uma forma de comunicação. Outra questão não aprofundada, inclusive apontada por Thompson, é o estudo de uma forma simbólica no seu ciclo completo, no caso seria a produção, circulação e recepção. Lembrando que o enfoque desta pesquisa foi a organização interna das formas simbólicas (sua estrutura e características), deixando a produção e a recepção para estudos futuros.

Espera-se que a pesquisa tenha significado algo positivo e ajudado o meio social que o jiu-jitsu representa, que alcance um pequeno avanço acadêmico, mas que, principalmente, ajude a categoria a buscar seu reconhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. **Veja sob censura:** 1968-1976**.** São Paulo: Jaboticabal, 2008.

ALMEIDA, Raquel. O velho samurai. **Veja,** ed. 1516, p. 09-13, dez.1997.

ALVAREZ, Fabio de Lima. **A domesticação da violência:** MMA (artes marciais mistas) e processos comunicacionais na Rede Globo de televisão. Dissertação. Mestrado em Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013.

AMORIM, Ricardo. Dose para cavalo. **Veja,** ed. 1661, p.78-79, ago.2000.

ARAGAKI, Sérgio Seiji; PIANI, Pedro Paulo; SPINK, Mary Jane. In SPINK, Mary Jane et al. **A produção de informação na pesquisa social compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

ARRUDA, Pablo Delano Porfírio; SOUZA, Bertulino José de. Jiu-Jitsu: Uma abordagem metodológica relacionada à quebra de estereótipos. **Revista Redfoco**, vol. 1, n. 1, 2014.

AUGUSTI, Alexandre Rossato. **Jornalismo e comportamento:** os valores presentes no discurso da revista Veja. Dissertação. Mestrado em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

AWI, Felipe. **Filho teu não foge à luta:** como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BAITELLO JR, Norval. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, David (org.). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

_____. **Pensamento sentado:** sobre glúteos, cadeiras e imagens. Porto Alegre: Unisinos, 2012.

BERNARDES, Ernesto. Sangue e dólares. **Veja,** ed. 1471, p. 86, nov.1996.

BÍBLIA e surfe. **Veja,** ed. 1817, p. 26, ago.2003.

BORGES, Lenise Santana; RIBEIRO, Flávia Regina Guedes. In SPINK, Mary Jane et al. **A produção de informação na pesquisa social compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

BORTOLOTI, Marcelo. O fabuloso Gracie **Veja** ed. 2068, p.136-137, jul.2008.

BOSCOV, Isabela. De olhos abertos. **Veja,** ed. 2210, p. 136-137, mar.2011.

_____. Tudo é novidade. **Veja,** ed. 2049, p.11-15, fev.2008.

BUCHALLA, Anna Paula. Quociente da beleza. **Veja,** ed. 2199, p. 78-90, jan.2011.

BYDLOWSKI, Lizia. Esporte favorito: remar contra maré. **Veja,** ed. 1824, p. 91, out.2003.

_____. Pombinhos argentinos em Miami. **Veja,** ed. 1743, p. 82, mar.2002.

CAMACHO, Marcelo. Todos querem ser Zulu. **Veja,** ed. 1665, p.88-93, set.2000.

CARTAS Ecstasy. **Veja,** ed. 1654, p. 31, jun.2000.

CLÃ Gracie. **Veja,** ed. 1639, p. 21, mar.2000.

CONFIRMADO. **Veja,** ed. 2049, p. 94, fev.2008.

CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

COURA, Kalleo. Bons de briga e audiência, **Veja** ed. 2129, p.120-124, set.2009.

COUTINHO, Leonardo. A rede, o terror finca bases no Brasil. **Veja,** ed. 2211, p. 88-96, abr.2011.

_____. Crimes na floresta. **Veja,** ed. 2021, p.104-106, ago.2007.

DEARO, Guilherme. Ela faz tremer os fortes. **Veja,** ed. 2311, p. 42, mar.2013.

DICIO. **Dicionário online de português**. Disponível em <https://www.dicio.com.br>. Acesso em 12 ago. 2017.

DIVULGADO. **Veja,** ed. 1697, p. 109, abr.2001.

EDWARD, José. Rogério Gracie. **Veja,** ed. 1671, p. 35, out.2000.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

ESQUERDA, Adeus. **Veja,** ed. 2066, p.192-193, jun.2008.

FAZ mal, sim. **Veja,** ed. 1993, p. 92-93, jan.2007.

FERNANDES, Manoel. Gracie x Gracie. **Veja,** ed. 1602, p. 123, 1999.

FERREIRA, Douglas Vicente. **As culturas do jiu-jitsu e a produção de corpos e de masculinidades "Cascas-Grossas".** Dissertação. Mestrado em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2015.

FRANÇA, Ronaldo. Vapt-Vupt, **Veja,** ed. 1684, p. 69, jan.2001.

FRANÇA, Ronaldo; ROGAR, Silva. Um menino e dois países. **Veja,** ed. 2102, p. 60-62, mar.2009.

GAILEWITCH, Monica. Cada vez mais jovens. **Veja,** ed. 1659, p.114-121, jul.2000.

GRACIA, Tomás Ibáñez. O "giro linguístico". In: IÑIGUEZ, Lupicinio (coord). **Manual de análise do discurso em Ciências Sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GRACIE, Hélio. **Gracie Jiu-jitsu advanced.** Gracie Store DVD, 2006. DVD.

GRACIE, Hélio; SOTO, Thomas de. **Gracie Jiu-JItsu.** São Paulo: Saraiva, 2009.

GRANATO, Alice. Surfe no céu. **Veja,** ed. 1583, p. 70-71, jul.1998.

GURGEL, Fábio. Alianças de ouro. **Graciemag,** n. 223, p. 16-19, out.2015.

HÉLIO Gracie. **Veja,** ed. 2145, p. 148, dez.2009.

HERNANDEZ, Nilton. **A revista Veja e o discurso do emprego na globalização:** uma análise semiótica. Salvador: Ed. da UFBA; Maceio: Ed. da UFAL, 2002.

INTERNADO. **Veja,** ed. 1670, p. 138, out.2000.

JARDINI, Lauro. A febre do jiu-jitsu. **Veja**, ed. 1754, p. 30, jun.2002.

_____. Capitão Gracie. **Veja**, ed. 2143, p. 69, dez.2009.

_____. No tatame do STF. **Veja**, ed. 2335, p. 50, ago.2013.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **As paixões ordinárias:** antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEÃO, Renata. O valor da intimidade. **Veja,** ed. 1966, p.112-114, jul.2006.

LEITÃO, Leslie. Ela é fogo na roupa. **Veja,** ed. 2311, p. 98-99, mar.2013.

LEONI, Marília. Domadores das belas. **Veja,** ed. 2305, p. 86-89, jan.2013.

LIMA, João Gabriel de. Brasileirinha que voa. **Veja,** ed. 1848, p. 80-88, abr.2004.

_____. O equilíbrio do cérebro. **Veja,** ed. 1921, p. 116-122, dez.2004.

LINHARES, Juliana. Cresceu, ficou e vai finalizar. **Veja,** ed. 2256, p. 83, fev.2012.

_____. Esta, sim, é preparada. **Veja,** ed. 2383, p. 78, jul.2014.

_____. Gracinha do clã. **Veja,** ed. 2354, p. 73, jan.2014.

_____. Juliana. Liga árabe. **Veja**, ed. 2336, p. 84, ago.2013.

_____. Única fraqueza: maquiagem. **Veja,** ed. 2244, p. 146, nov.2011.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol:** ideologia e crítica na construção de um problema social. Tese de Doutorado em Psicologia Social, Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2012.

MAINARDI, Diogo. Estou com os paraplégicos, **Veja** ed. 1814, p.135, ago.2003.

MAMÃE, quero MMA. **Veja**, ed. 2323, p. 104, mai.2013.

MARTHE, Marcelo. Cabala para as massas. **Veja,** ed. 1855, p. 68-70, mai.2004.

_____. Gay e Patético. **Veja,** ed. 2066, p.197, jul.2008.

_____. Homem-objeto, e com orgulho. **Veja,** ed. 1642, p.146-147, jul.2000.

_____. *Voyeurismo* sádico. **Veja** ed. 1659, p.152-154, jul.2000.

MARTINS, Sérgio. Fé na Porrada. **Veja,** ed. 2345, p. 136-137, out.2013.

MASSON, Celso. Golpes de verdade. **Veja,** ed. 1470, p.148-149, nov.1996.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas:** a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d' Agua/Fapesp, 2001.

MOHERDAUI, Bel. Cabeleira que mostra que tem atitude. **Veja,** ed. 1798, p. 98, abr.2003.
_____. Crimes na floresta. **Veja,** ed. 2008, p. 66, mai.2007.

_____. Os limites dos corpos. **Vej,a** ed. 1792, p. 66-73, mar.2003.

MORRERAM. **Veja,** ed. 2098, p. 51, fev.2009.

MULLER, Betânia. **Tem que ter raça, uma etnografia com jovens lutadores no Morro da Boa Vista.** Dissertação. Mestrado em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

NA BRIGA do personagem. **Veja,** ed. 1413, p. 90, out.1995.

NASCIMENTO, Silvio; CORREIA, Davi. Por que tanta gente está de olho em Anderson Silva. **Veja,** ed. 2260, p. 88-98, mar.2012.

O "DEMÔNIO Gracie". **Veja,** ed. 1637, p.121, fev.2000.

O ANO da peste. **Veja,** ed. 2301, p.188-191, dez.2012.

O BRIGÃO do tatame. **Veja,** ed. 1640, p. 34, mar.2000.

O COQUETEL do Dr. Sabino. **Veja,** ed. 2040, p. 60, dez.2007.

O DEMÔNIO Gracie. **Veja,** ed. 1637, p. 121, 2000.

O OVO da serpente. **Veja,** ed. 1270, p. 60-67, jan.1993.

OLIVEIRA, Neide. Eles fazem dinheiro em casa. **Veja,** ed. 1692, p. 66-67, mar.2001.

OYAMA, Thaís. Os reis do sopapo. **Veja,** ed. 1750, p. 67, mai.2002.

PAIVA, Esdras. Sabor do norte. **Veja,** ed. 1470, p. 84, nov.1996.

PAIXÃO, Roberta. Um quilo a menos por semana. **Veja,** ed. 1626, p.146-147, dez.1999.

PAIXÃO, Roberta; FRANÇA, Valéria. Escravos da angústia. **Veja,** ed. 1521, p. 78-85, dez.1997.

PALETO, André Luiz. **Agressividade do lutador de jiu-jitsu: perspectiva da imagem social influenciada pela mídia.** Dissertação. Mestrado em Educação, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006. Disponível em <http http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em 10 jan. 2017.

PASSOS, Daniela; PASSOS, Rodrigo; WANDERLEY JÚNIOR; MENDES, André. **As origens do "vale-tudo" na cidade de Curitiba-PR:** memórias sobre identidade, masculinidade e violência. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/42829> . Acesso em 10 jan. 2017.

PASTORE, Karina. Em busca do corpo desenhado. **Veja,** ed. 1477, p. 68-77, jan.1997.

PATURY, Felipe. Uma ginástica para não indenizar. **Veja,** ed. 2172, p. 52, jul.2010.

PINHEIRO, Daniela; CAMAROTTI, Ronaldo. Planalto selvagem. **Veja,** ed. 1493, p. 24-29, fev.1997.

PINHEIRO, Daniela; FRANÇA, Ronaldo. A cultura do tapão. **Veja,** ed. 1583, p. 66-71, fev.1999.

PODCAST. **Veja,** ed. 2053, p. 36, mar.2008.

PRESO. **Veja,** ed. 1639, p. 89, mar.2000.

PSICOLOGIA no UFC. **Veja,** ed. 2335, p. 08, ago.2013.

QUASE 100 quilos e de bem com a vida. **Veja,** ed. 2114, p.114-115, mai.2009.

RIBEIRO, Igor. Um golpe na preguiça. **Veja,** ed. 1921, p.112, set.2005.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. O jiu-jitsu brasileiro na visão dos não praticantes. **Coleção Pesquisa em Educação Física, v**ol. 9, n. 2, 2010.

SANTARÉM, Diego. **Caio Terra elogia crescimento do Jiu-Jitsu global, mas lamenta eventos de alto nível fora do Brasil.** Disponível em <http://www.tatame.com.br/tatame/jiu-jitsu/caio-terra-elogia-crescimento-do-jiu-jitsu-global-mas-lamenta-eventos-de-alto-nivel-fora-do-brasil> . Acesso em: 18 dez. 2016.

SCHIVARTCHE, Fabio. Ecstasy, a bola da vez. **Veja,** ed. 1653, p.112-116, jun.2000.

SIMONETTI, Eliana Giannella. Elas venceram. **Veja,** ed. 1692, p.124-131, nov.2000.

SOARES, Ronaldo. "*Bad boy*" é do bem. **Veja,** ed. 2001, p. 86-87, mar.2007.

_____. Duelo de gigantes no Brasil. **Veja,** ed. 1978, p.136-138, out.2006.

SÖHSTEN, Willian von. A casa do lutador. **Graciemag**, n. 229, p. 26, mar. 2016a.

_____. Raízes do Jiu-Jitsu brasileiro. **Graciemag**, n. 234, p. 34-35, ago. 2016b.

_____. Você sabe por que se fala "oss" na academia? **Graciemag**, n. 234, p. 28, nov. 2015.

SPINK, Mary Jane. In SPINK, Mary Jane et al. **A produção de informação na pesquisa social compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

SPINK, Peter. In SPINK, Mary Jane et al. **A produção de informação na pesquisa social compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

SPINK, Peter; RIBEIRO, Maria Auxiliadora Teixeira; CONEJO, Simone Peixoto; SOUZA, Eliete de. In SPINK, Mary Jane et al. **A produção de informação na pesquisa social compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

TEIXEIRA, Antônio Claudio Engelke Menezes. **Esporte e violência no jiu-jistu: o caso dos *"pitboys"*.** Dissertação. Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <http http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em 10 jan. 2017.

_____**.** Os usos do corpo entre lutadores de jiu-jitsu. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2011.

TEM tigresa no tatame. **Veja,** ed. 1974, p. 83, set.2006.

THOMPSON, John *B.* **Ideologia e cultura moderna***:* teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

UM malhador chamado Raul. **Veja,** ed. 1429, p. 66, jan.1996.

VALLADARES, Ricardo. Beleza Negra. **Veja,** ed. 1835, p.110-111, jan.2004.

_____. Fórmula perfeita. **Veja,** ed. 1848, p.114-115, abr.2004.

_____. O neo-Bambam. **Veja,** ed. 1787, p. 105, jan.2003.

VEJA essa. **Veja,** ed. 1750, p. 48, dez.2001.

_____. **Veja,** ed. 1728, p. 36, dez.2001.

_____. **Veja,** ed. 1686, p. 32, fev.2001.

_____. **Veja,** ed. 1671, p. 41, out.2000.

_____. **Veja,** ed. 1637, p. 37, fev.2000.

VIEIRA, Aletheia Pratice Rodrigues. **A construção do personagem José Dirceu pela revista Veja durante e após o escândalo do mensalão.** Dissertação. Mestrado em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

VILLAVERDE, Suzana. Tal filho, tal pai. **Veja,** ed. 2175, p.122-124, jul.2010.

VIRGÍLIO, S. **Conde Koma.** O invencível yondam da história. Campinas: Átomo, 2002.

WACQUANT, Loic. **Corpo e alma.** São Paulo: Relume-Dumará, 2002.

WAISBORD, Silvio. **Watchdog Journalism in South America**. New York: Columbia University Press, 2000.

ZAKABI, Rosana. Eu, meu melhor amigo. **Veja,** ed. 2015, p.76-83, jul.2007.

ZANONI, David Anderson. **As representações do Irã através da revista Veja (1979-1989).** Dissertação. Mestrado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2015.